

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ROMÂNICOS



O Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro:
Um ensaio para um Projecto maior?

Andrea Germano de Oliveira Romariz

Mestrado em Estudos Românicos

Cultura Portuguesa

2011

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ROMÂNICOS



O Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro:
Um ensaio para um Projecto maior?

Dissertação de Mestrado orientada pela
Professora Doutora Vanda Anastácio

Andrea Germano de Oliveira Romariz

Mestrado em Estudos Românicos

Cultura Portuguesa

2011

Agradecimentos

Os meus agradecimentos vão, primeiramente a Deus, por ter me dado a paz, a saúde, a sabedoria e o discernimento necessários para poder idealizar e concretizar esta dissertação.

A minha dedicada Professora Doutora Vanda Anastácio, pela sua cooperação, apoio, empenho.

E por fim, dedico esta dissertação a toda minha família, mas principalmente aos meus amados Pais, António e Rosinha, pela paciência e por me servirem de exemplo, ao meu Esposo Nuno Filipe, pela compreensão e a minha Filha Gabriela, por todas as horas que deixei de dedicar-me a ela.

Guiomar Delphina de Noronha Torrezão



Índice

Resumo.....	07
Abstract.....	08
Introdução.....	09
1. A História do <i>Almanaque</i>	11
2. O <i>Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro</i>	14
3. Como e Qual era a Função do <i>Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro</i>	16
4. O <i>Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro</i> : Um Ensaio para um Projecto maior?.....	18
4.1. O Conteúdo Inicial do <i>Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro</i>	21
4.2. Como era a Organização do <i>Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro</i>	23
5. Quem foi Guiomar Torrezão.....	25
5.1. Guiomar Torrezão e os <i>Almanaques</i>	34
5.2. A colaboração de Guiomar Torrezão no <i>Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro</i>	36
6. O <i>Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro</i> como Ensaio para a Criação do <i>Almanach das Senhoras</i> (1871 à 1928).....	52
6.1. As Críticas de Ramalho Ortigão ao trabalho de Guiomar Torrezão.....	58
6.2. As Senhoras e Os Cavalheiros do <i>Almanach das Senhoras</i>	60
6.3. A Estrutura do <i>Almanach das Senhoras</i> e alguns de seus Escritores Ilustres.....	62
6.3.1. As Colaboradoras do <i>Almanach das Senhoras</i>	63
6.3.2. Os Colaboradores do <i>Almanach das Senhoras</i>	76
6.4. Os Agradecimentos de Guiomar Torrezão a Todos os Colaboradores do <i>Almanach das Senhoras</i>	97
6.5. A Colaboração das Escritoras e dos Escritores Brasileiros.....	99
6.6. As Mulheres no Controle do <i>Almanach das Senhoras</i>	101
6.7. Os Elogios e as Homenagens de Fialho d'Almeida e de Julia de Gusmão a Guiomar Torrezão.....	102

7. A Sucessão das Direcções do <i>Almanach das Senhoras</i>	106
7.1. O <i>Almanach das Senhoras</i> tem um Homem como Proprietário.....	109
7.2. As Publicações seguintes do <i>Almanach das Senhoras</i>	110
8. A Colaboração das Escritoras Brasileiras.....	111
9. A Importância do <i>Almanach das Senhoras</i> para as Escritoras Portuguesas e Brasileiras.....	112
9.1. A Consciência Feminina de Grupo.....	114
10. O Projecto de Guiomar Torrezão.....	115
10.1. Os Espaços abrangidos pelo <i>Almanach das Senhoras</i>	116
Conclusão.....	117
Bibliografia.....	118
Anexos.....	125

Resumo

Esta dissertação teve como principal objectivo encontrar uma escritora que através de suas obras pudesse estabelecer um elo de ligação entre Portugal e o Brasil, para tal e dentre muitas ilustríssimas senhoras destacamos Guiomar Delphina de Noronha Torrezão, uma mulher muito além de seu tempo, que fez e que marcou história.

No fim do século XVIII as mulheres foram gradativamente libertando-se das amarras do ideal burguês e começaram elas próprias a construir uma nova identidade, afirmando o seu estatuto e tomando as rédeas do seu próprio destino. Guiomar Torrezão sem sombra de dúvida foi uma destas mulheres, ela empreendeu uma luta contínua a favor da instrução da mulher e da sua afirmação pelo seu valor como indivíduo. Guiomar Torrezão tinha a necessidade de criar um meio de comunicação de largo alcance que pudesse difundir suas ideias sobre a necessidade conduzir as mulheres a sua emancipação.

Depois de ter colaborado a partir de 1868 no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* esta autora decidiu investir num grande projecto semelhante, que foi a criação do *Almanach das Senhoras*. Nesta dissertação lançamos a hipótese de que a experiencia obtida por Guiomar Torrezão como colaboradora no formato “Almanaque” lhe tenha servido de inspiração e de modelo, para a publicação que fundou.

Palavras Chave: Guiomar Torrezão, instrução feminina, emancipação, mulheres, *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, *Almanach das Senhoras*.

Abstract

This dissertation had as its main goal the study of a woman writer whose work could be considered relevant for both Portugal and Brazil. This is why we chose Guiomar Delphina Torrezão, a woman ahead of her time who had an important historical role.

At the end of the 18th century women were able to gradually free themselves of the bourgeois ideal of femininity and started building a new feminine identity. Guiomar Torrezão was one of these women and fought continuous battles in favor of women's education and the affirmation of women's value as individuals. She felt the need to create a means of mass communication through which she could communicate her ideas about women's rights and women's roles to a large audience.

After having collaborated with the *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, this author decided to invest in a similar project, more specifically directed to women readers: the *Almanach das Senhoras*. In this dissertation we launch the hypothesis that the previous experience obtained by Guiomar as a collaborator of almanacs has been used by her as a model and an inspiration for her publication.

Key-words: Guiomar Torrezão, Women's education, emancipation, women, *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, *Almanach das Senhoras*

Introdução

Quando estava a escolher o tema para esta dissertação, pensei primeiramente em tentar estabelecer um elo de ligação entre Portugal e o Brasil. Tentando encontrar alguém ou algo que pudesse fazê-lo com espiritualidade e acima de tudo muita dignidade, que em seu tempo tivesse sido tão importante quanto nos dias de hoje.

Para tal tive como ponto de partida a escritora Guiomar Delphina de Noronha Torrezão, que em seu tempo, no século XIX, conseguiu deixar seu nome gravado na história e na memória não só nestes dois países, mas em outros também.

Guiomar Torrezão, foi uma mulher muito além de seu tempo, lutando contra todos os preconceitos e enfrentando sempre de cabeça erguida todos os dissabores de uma sociedade machista. Não escrevia apenas para entreter, pelo contrário, escrevia principalmente para instruir as mulheres do seu tempo, na tentativa de tirá-las da sombra de seus maridos, com o objectivo de colocá-las, se não a sua frente, pelo menos caminhando lado a lado dos mesmos.

Guiomar Torrezão teve muitas formas e meios de alcançar o seu público-alvo, porém não limitou-se apenas a escrever para elas, escrevia também para todos aqueles que apreciassem a boa literatura.

Um forma de alcançar seus objectivos era escrevendo não apenas nos meios de comunicação comuns e habituais para aquele tempo, mas, também, após conhecer e colaborar com o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, que considerava um “curioso livrinho” de grande alcance, decidiu investir num corajoso e ambicioso projecto. Podemos afirmar que Guiomar Torrezão talvez o tenha tomado como ponto de partida e quem sabe até mesmo se tenha servido deste como um ensaio para um Projecto ainda maior.

Deste modo, trabalharemos com a hipótese de que o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* tenha estado na origem da ideia de criar o seu próprio e também “curioso livrinho” o *Almanach das Senhoras*.

Ao longo do desenvolvimento desta dissertação tentaremos comprovar esta hipótese, tendo em vista estarmos a tratar de duas publicações: o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* e o *Almanach das Senhoras*.

Faremos comparações entre os dois *Almanaques*, faremos uso também de algumas publicações de escritoras e escritores que fizeram parte destes projectos.

Gostaríamos de salientar que ambos os *Almanaques* seguiam uma estrutura semelhante, tinham os mesmos circuitos de impressão e de distribuição e que os seus objectivos também eram os mesmos. Contudo Guiomar Torrezão tinha um ponto de vista diferente do seu amigo Alexandre Magno de Castilho, editor do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, no que dizia respeito à mulher, fazendo com que o *Almanach das Senhoras* se diferenciasse dos demais, promovendo a instrução feminina e a consciencialização das mulheres para a necessidade de se instruírem para poderem deste modo alcançar a independência económica, financeira e por fim a sua autonomia.

Iniciaremos, assim, uma viagem pelo universo feminino, onde desbravadoras e corajosas mulheres fizeram e ainda fazem diferença, tal como a escritora Guiomar Delphina de Noronha Torrezão.

1. A História do *Almanaque*

“O almanaque é o livro disciplinar que coloca os marcos, traça as linhas dentro das quais circula, com precisão, toda a nossa vida social.”¹

Eça de Queirós

Acreditava-se que o vocábulo *Almanaque* era de origem incerta. Entretanto já se é sabido que a palavra é de origem árabe “Almanakh”, que significa “lugar onde a gente manda ajoelhar os camelos.”

O *Almanaque* como designação de uma prática específica, importada para o Ocidente, era uma forma aculturada do conjunto de dados com que, em algumas cortes orientais, era tradição os astrólogos apresentarem os seus soberanos no início de cada ano.

Apesar de se tratar de uma publicação com origens pouco definidas, o *Almanaque*, já atravessou pelo menos seis séculos, mantendo-se mais ou menos fiel aos objectivos práticos com que no século XV começou a ser confeccionado, conservando algumas das suas características que o tornam anacrónico para as nossas exigências contemporâneas.²

Ao largo do tempo, porém o género foi procurando adaptar-se, no entanto, aos seus diferentes públicos. Por esta razão, deveria ser considerado um importante instrumento na história da cultura. Sendo publicado com uma certa periodicidade (quase sempre) anual, o *Almanaque* possui uma variável e considerável número de páginas, que podem ir desde as dezasseis, tão habituais nos folhetos de cordel, até mesmo abranger algumas centenas.

Poderíamos caracterizar este género editorial da seguinte maneira:

a) – Quanto aos seus objectivos: Procurando ser uma obra prática de fácil e permanente consulta;

¹ José Maria Eça de Queirós, *Notas Contemporâneas*, Lisboa, Edição “Livros do Brasil”, 1980.

² João David Pinto Correia e Manuel Veigas Guerreiro, “Almanaques ou a Sabedoria e as Tarefas do Tempo” *Revista ICALP*, Volume 6, Agosto / Dezembro, 1986, pp. 43-52.

b) – Quanto à sua estrutura: Apresentando-se variada. Muito embora as diferentes matérias se organizem tendo como referência um calendário, em que se fazem anotações religiosas (festas, santos, etc.), se indiquem as principais feiras e arraiais, se registem as fases da lua, etc.;

c) – Quanto à natureza dos conhecimentos que veicula: Abrangendo desde os dados astronómicos e meteorológicos, efemérides, ou ainda curiosidades, conselhos práticos, mezinhas, pequenas notas sobre acontecimentos, fenómenos ou personagens, propagandas, horóscopo, até a notas astrológicas (sobretudo o “juízo do ano”), anedotas, adivinhas, charadas, provérbios, quadras, contos, poesias, etc.

É correcto afirmarmos que a função do *Almanaque* na vida quotidiana dos vários públicos a que, ao longo dos séculos, se tem dirigido, é também hoje exercida por três outros tipos de publicações auxiliares, sendo elas: o calendário, o anuário e a agenda.

O *Almanaque* inicialmente existiu sob forma manuscrita contudo, com aparecimento da imprensa começou a difundir-se cada vez mais, iniciando, assim, a sua progressiva aceitação por um público cada vez mais vasto e variado. Foi no século XIX, sobretudo na sua segunda metade, que o *Almanaque* se impôs em quantidade e variedade, incluindo informações de incontestável importância, muito embora ainda estivesse completamente distanciado dos avanços científicos e tecnológicos.

De acordo com o seu público, pôde continuar, por um lado, sendo um pequeno folheto, dirigido à população rural, e dos arredores das cidades, ou, então, aumentar o número de páginas, e tornar-se um instrumento de divulgação de conhecimentos quer para um público geral, mais burguês e cidadão, quer junto de algumas camadas sociais diferenciadas por ideários políticos, religiosos ou por outros interesses muito específicos.

Segundo Vânia Pinheiro Chaves³, muitos estudiosos têm chamado a atenção para a dificuldade de definição do objecto *Almanaque* e Jean-François Botrel⁴ observou

³ A Professora Doutora Vânia Pinheiro Chaves é responsável pelo Projecto de Investigação intitulado “As Senhoras do Almanaque”. Notas para o estudo da presença feminina no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, desenvolvido no âmbito do CLEPUL.

⁴ Jean-François Botel, “Almanachs et calendriers en Espagne au XIXe. Siècle: essai de typologie” in: Hans-Jürgen Lüsebrink (org.) *Les Lectures du Peuple en Europe et dans les Amériques du XVIIe. Au XXe.*, Bruxelles, Complexe, 2003.

que nele devem estar englobadas publicações anuais com outras denominações, tais como calendários, anuários, prognósticos, lunários, guias de forasteiros, etc.

Sendo um impresso múltiplo em vários aspectos, o *Almanaque* realiza, como refere Ernesto Rodrigues⁵, a fusão do jornal, da revista e do livro, pois reúne notícias do presente, memórias do passado e reflexões prospectivas relacionadas com o ano vindouro, além de passatempos e criações literárias. Daí que Roger Chartier⁶ considere os *Almanaques* como um género simultaneamente editorial e literário e que Lise Andries⁷ os defina como manuais práticos de consulta diária, ressaltando ainda que eram frequentemente oferecidos como presente de Ano Novo.

O *Almanaque* ao longo dos tempos sofreu adaptações para satisfazer os seus leitores em geral, foi também um repositório da cultura popular resistente aos avanços científicos, conciliando conhecimentos populares tradicionais na agricultura, na medicina, na astrologia, etc., com informações práticas e actualizadas.

Agora que já temos um certo conhecimento do que é um *Almanaque*, esperamos ter deixado claro que desde a sua criação assumiu inúmeras formas e funções, entretanto, no nosso trabalho, destacaremos apenas duas importantes publicações dentre tantas existentes, que se enquadram neste género bibliográfico, o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* e em especial o *Almanach das Senhoras*.

⁵ Ernesto Rodrigues, “Espaços Alternativos” in *Cultura Literária Oitocentista*, Porto, Lello, 1999.

⁶ Roger Chartier, “Textos, Impressão, Leituras” in: Lynn Hunt (Org.), *A Nova História Cultural*, 3ª Edição, São Paulo, Martins Fontes, 2001, pp. 211 a 238.

⁷ Lise Andries, “Almanaques – Revolucionando um Género Tradicional” in *A Revolução Impressa: A Imprensa em França, 1775-1800*, São Paulo, Editora Universidade de São Paulo, 1996.

2. O *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*⁸

O *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, desde 1872 à 1898 (inclusive), para muitos já não é um assunto totalmente desconhecido.

A sua popularidade e importância no seu tempo não foram suficientes para torná-lo conhecido nos dias de hoje. Mas faz-se necessário esclarecer que, mantendo o rumo traçado pelo seu criador, Alexandre Magno de Castilho, o *Almanaque de Lembranças*, sofreu consideráveis mudanças no longo período em que circulou (entre 1851 e 1932, inclusive). Para além das alterações que ocorreram no seu nome, teve também aumentado em muito a sua extensão (cerca de cem páginas no primeiro número e até mais de quinhentas em outros volumes, aos quais se juntou, por vezes, um Suplemento), e foram alargando e diversificando as suas matérias.

Os passatempos, os textos em prosa e os versos deixaram, em dado momento, de estar ligados a um determinado dia do ano, e passaram a constituir uma secção independente que, durante algum tempo, intitulou-se “VARIEDADES” e passou depois, também, a receber uma numeração à parte.

Contudo vale a pena ressaltar que o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, se destinava ao grande público, não se restringindo apenas ao público masculino, apesar de surgir num século em que os papéis sociais femininos ligavam de modo estreito a mulher a um espaço doméstico e a instrução feminina era vista em função desse espaço. Pode dizer-se que, até ao século XIX, poucas foram as mulheres que partiram de sua condição excepcional de alfabetizadas para se entregarem à escrita.

O seu editor aceitou desde os primeiros números a colaboração de textos dos leitores para publicação *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, o que consequentemente abriu caminhos e possibilitou que muitas mulheres pudessem vir a publicar os seus escritos, quer com seu nome, quer com pseudónimo e/ou anonimamente. Neste trabalho, gostaríamos de destacar principalmente o papel das mulheres na elaboração destes *almanaques*.

⁸ Esta publicação intitulava-se, inicialmente, apenas *Almanaque de Lembranças*, mas já no quinto número adoptou a forma *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, tendo, em 1872, passado finalmente a chamar-se *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*.

Dado que, no caso do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, foi possível identificar muitas colaboradoras, deste modo destacamos uma figura que, por assim dizer, revolucionou os papéis femininos do seu tempo: a ilustríssima Sra. Guiomar Delphina de Noronha Torrezão, uma notável mulher que desenvolveu durante toda sua vida um intenso esforço de subsistência e de afirmação, numa sociedade que olhava a mulher independente e autónoma, como ela quis ser, com estranheza, de modo desconfiado e trocista, se não mesmo por assim dizer por muitas vezes agressivo.

3. Como e qual era a Função do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*?

Lançado em 1851 por Alexandre Magno de Castilho – irmão do renomado escritor romântico António Feliciano de Castilho – o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* passou a ser dirigido em 1861, devido à morte do seu fundador, por um de seus sobrinhos, também chamado Alexandre Magno de Castilho. Este se valeu da colaboração de Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, que assumiu sozinho a direcção da publicação em 1872, quando falece prematuramente o seu parceiro na editora.

Mas com a morte de Antonio Xavier, em 1897, o cargo ainda manteve-se na sua família⁹ até a publicação do penúltimo número do *almanaque*, ficando apenas o volume de 1932 sob a responsabilidade de Armando de Lima Pereira.

O *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* surgiu numa altura em que este género de publicações alcançara não apenas em Portugal mas também no Brasil, incontestável importância e expansão. Os intelectuais dos dois lados do Atlântico perceberam os seus benefícios e, em particular, a possibilidade de atingir um vasto público e, com isso, melhor contribuir para a aproximação cultural entre as duas nações e para o interesse pela literatura e a cultura de ambas, bem como de outros territórios de língua portuguesa. No *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* eram frequentes os textos curtos, que descreviam hábitos e tradições locais, o que contribuiu para criar nos leitores o sentimento de pertença.

É importante frisar que os editores do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* foram homens de cultura elevada e de sólida reputação. Membro do Instituto Histórico de Paris, o seu fundador, Alexandre Magno de Castilho, era matemático e escritor, tendo exercido ainda relevante actividade pedagógica. O sobrinho que lhe sucedeu era engenheiro hidrográfico, professor da Escola Naval e membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

⁹ Em 1898, assumiu a direcção António Xavier de Sousa Cordeiro, tendo se seguido Adriano Xavier Cordeiro e O. Xavier Cordeiro, que a ocuparam até 1931.

Autor de diversas obras, organizou um arquivo-biblioteca sobre os Descobrimientos Portugueses, tendo reunido uma vasta informação sobre a geografia, a flora, a fauna e a vida social das colónias de Portugal, à semelhança do que se verifica na publicação em análise¹⁰. Os demais editores do *Almanaque de Lembranças* também foram eruditos e escritores cuja bibliografia extravasa o nosso campo de interesses.

¹⁰ Ernesto Rodrigues, *Op. cit.*; Roger Chartier, *Op.cit.*

4. O *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*: Um Ensaio para um Projecto maior?

Como ficou dito acima, os editores do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, eram homens de cultura elevada e sólida reputação. Coordenadores da obra, determinando a sua natureza e ideologia, eles realizavam múltiplas tarefas, entre as quais a selecção das informações, dos escritos e dos autores que nela deveriam figurar, asseguravam a redacção de textos introdutórios com comentários de natureza variada, bem como agradecimentos e registos fúnebres e ainda a correspondência com leitores e colaboradores, aos quais davam conselhos e cujos textos elogiavam ou criticavam.

O projecto editorial de Alexandre Magno de Castilho, continuado pelos seus sucessores, tem suas finalidades e méritos assinalados logo no “Prologo” do volume inaugural, no qual, a par com a novidade decorrente da inexistência declarada de publicação similar em Portugal, destaca-se a variedade da colectânea, referida da seguinte forma:

“Quanto á variedade difficil fôra encerrar em tão diminuto quadro, mais vasta collecção de apontamentos em todos os ramos dos conhecimentos humanos. Apontamentos, é a palavra própria. O que só pretendi foi publicar um livrinho ameno, proprio para todos os paladares, e de innegavel utilidade, ao mesmo tempo para todas as classes. As pessoas instruidas folgarão de recordar-se; as outras acharão bastante que aprender, e em todo o caso um estímulo a sua curiosidade.”

(*Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* 1851, 17)

Outro aspecto importante aqui sublinhado é o público ao qual se destinava a publicação. Como se verifica, pretendia-se que ela interessasse os leitores de “todas as classes” e de todos os níveis culturais, dos menos instruídos aos mais eruditos.

Neste excerto o editor destaca ainda o seu desejo de criar algo simultaneamente útil (“inegável utilidade”) e de leitura agradável (“ameno”) cuja função podia variar segundo aqueles que a ele recorressem, ou seja “as pessoas instruídas” recordariam o que já sabiam e as outras aprenderiam.

Considerando a colectânea “uma livraria em miniatura” no (*Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* 1852, p. 22), Alexandre Magno de Castilho anuncia, no volume para 1854, que “acceita com o maior reconhecimento quaesquer artigos que, por sua natureza e limitadas dimensões, possam entrar no seu *Almanaque* para 1855, quer se lhe remettão assignados, quer anonymos” (*Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* 1854, p. 15) e agradece a colaboração que “não poucos litteratos portuguezes dos mais distinctos lhe prestaram”.

O pedido de colaboração parece ter sido muito bem acolhido pelos leitores do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, porque já em 1860, o editor protesta, com veemência, contra a quantidade de “maus” poemas que lhe eram enviados:

“Por Christo e por quantos santos ha na côrte do céu, não me matem com versos! N’isso já pouco se admite hoje a mediocridade, e a maior parte das poesias que se me remetem está cem grãos abaixo do máu. (...) Antes uma pagina de boa prosa do que outra de versos detestaveis.”

(*Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* 1860, 5)

Os editores seguintes reiteraram em vão as advertências a respeito da qualidade dos poemas e procuraram evitar o envio de artigos muito extensos. Por outro lado, mencionaram frequentemente o sucesso do seu “livrinho” junto ao público, não só em Portugal e nas suas Províncias Ultramarinas, mas também no Brasil.

A ampla difusão geográfica e a abertura à colaboração dos leitores, através da impressão de textos enviados por eles – e seleccionados pelos editores – faziam com que estivéssemos perante uma obra com características muito particulares. Com efeito, o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, devolvia ao seu público leitor, uma selecção de escritos que lhe eram enviados por leitores, estimulando a colaboração de novos leitores e assegurando a continuidade da publicação e uma reserva contínua e renovada de material publicável. O facto é que, as tiragens do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* chegaram a exceder os vinte mil exemplares – somando-se-lhes, às vezes, reedições¹¹.

¹¹ O interesse pela participação brasileira evidencia-se bem no fato de diversos números do *Almanaque* oferecerem facilidades para o envio de textos ao editor. (Veja-se, por exemplo, *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, 1860, p. 4).

Note-se que o estreitamento das relações entre Portugal e o Brasil constituía um dos objectivos fulcrais da publicação iniciada por Alexandre Magno de Castilho¹². Com efeito, já no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* para 1856, este autor fazia votos para que esta publicação fosse – como verdadeiramente viria a ser:

“Um nexu mais entre nós “portugueses” e os nossos irmãos brasileiros, estreite e fortifique os vinculos de sangue que mutuamente nos prendem; e já que é livro de lembranças, leve tambem lembranças da patria aos que longe d’ella gemem saudades!...”

(*Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* 1856, 27)

Assim, apesar de ter sido uma publicação pouco implicada com às questões da política do seu tempo, o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* se posicionou com firmeza na defesa das ligações, da história e da cultura comuns de Portugal e do Brasil, realizando talvez o que Eliana de Freitas Dutra¹³ considera ser uma estratégia de domínio cultural, naturalizadora da autoridade do colonizador e da supremacia da civilização europeia, muito embora saibamos que nesta época o Brasil já era um país independente.

¹² Em alguns deles se diz: “Os artigos que de qualquer ponto do Brasil nos hajão de ser mandados, poderão sobrescriptar-se ao *Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha*, no Rio de Janeiro, por quem, pronta e obsequiosamente, nos serão remetidos” (*Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, 1860, p. 5).

¹³ Eliana de Freitas Dutra, *Op. cit.*

4.1. O Conteúdo Inicial do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*

Semelhante a outras publicações do mesmo tipo, o conteúdo inicial do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* incluía um calendário, com o signo correspondente a cada mês, informações de cariz religioso (santos do dia, comemorações e prescrições da Igreja) e social (datas de festas nacionais, aniversários da família real portuguesa e da família imperial brasileira, elenco das feiras e mercados de Portugal) às quais foram acrescentados depois alguns textos de natureza vária, apensos a cada dia do ano, um índice, e observações do editor.

Em contrapartida, nele não se encontra a secção de astrologia, muito frequente nesse tipo de publicação. Progressivamente ampliado, esse elenco passou a abarcar informações sobre eclipses, marés, incêndios, pesos e medidas, selos, taxas alfandegárias, etc., bem como passatempos, poemas e prosa literária, além de anúncios. Incluía também listas dos colaboradores e das colaboradoras, da sua correspondência com o editor, bem como de retratos, perfis e biografias de figuras ilustres, às quais se desejava prestar homenagem.

Entretanto, entre 1872 e 1898 (inclusive) a publicação viu o seu título alterado para *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*.

Note-se que este anuário apresenta dois índices finais correspondendo a uma divisão dos seus colaboradores por género: uma lista de Autores e uma lista das colaboradoras indicadas simplesmente como “Senhoras”.

As matérias que constavam dessa “nova” colectânea englobavam vinte e dois itens (alguns dos quais repartidos também em subitens) que, dela, nos podem dar um melhor conhecimento. São eles: 01 – Anedotas e chistes, 02 – Anedotas históricas e autênticas, 03 – Antologia portuguesa (trechos escolhidos de poetas e prosadores), 04 – Arqueologia e arquitectura (monumentos e edifícios notáveis, numismática, etc.), 05 – Antiguidades (coisas do passado – comemorações e apontamentos retrospectivos), 06 – Arte e artistas (apontamentos e esboços), 07 – Contos, apólogos e lendas, 08 – Educação e ensino, 09 – Epigramas e sátiras, 10 – Geografia (viagens e descrições), 11 – Etnografia (costumes, tradições, superstições e trovas), 12 – Gravuras, 13 – História (trechos e episódios), 14 – Homens e mulheres ilustres – (biografias, estudos

críticos, factos e notas), subdivididos em: Portugal, Brasil e Diversos países, 15 – Lembranças (factos e notícias dos tempos modernos), 16 – Linguagem portuguesa (etimologias, locuções, etc.), 17 – Miscelânea Moral e religiosa (Santos e varões ilustres da Igreja), 18 – Mitologia e lendas fabulosas, 19 – Pensamentos, máximas e conceitos, 20 – Prosas literárias (portuguesas e brasileiras), 21 – Ciências naturais (Receitas e indicações úteis), e por fim 22 – Poesias.

4.2. Como era a Organização do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*

No *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, estes materiais não obedeciam, contudo, a uma rígida organização, o que permite pensar que muitos deles seriam encaixados nos espaços disponíveis à medida que o editor os ia recebendo e/ou seleccionando. Os diversos números do *almanaque* trazem também muitas ilustrações, relacionadas, em geral, com o texto que acompanham (mapas de cidades, reprodução de monumentos, palácios reconhecíveis, sugestão de uma figura histórica) e produzidas especialmente para eles ou provenientes do estoque do editor.

Destacamos que a publicação de escritos de autoria feminina no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* não tardou muito a acontecer, dado que já, em 1854, nele se encontram quatro textos produzidos por mulheres: três poemas e um texto em prosa. A partir dessa data, todos os volumes passaram a incluir colaboração feminina, que foi crescendo até ao fim do século XIX, quando a percentagem de textos redigidos por mulheres incluídos nas páginas da publicação gradativamente começou a baixar.

De acordo com o trabalho de investigação realizado no âmbito do projecto coordenado pela Professora Doutora Vania Chaves¹⁴, sabemos que somam aproximadamente quatro mil os escritos de autoria feminina impressos no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, durante os anos em que foi publicado. No entanto, nesta fase de investigações, ainda não é possível afirmar-se com rigor qual a sua percentagem no conjunto da produção textual do *Almanaque*, embora seja claro que era muito inferior à dos homens. Por outro lado, muito elevado é o número de “Senhoras” colaboradoras (aproximadamente mil trezentas e cinquenta e quatro) que viram os seus escritos publicados no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Podemos agrupar estes textos em três grandes conjuntos distintos, sendo eles: as prosas, as poesias e os passatempos, os quais podem subdividir-se, por sua vez, em diversos subgrupos.

¹⁴ Refiro-me ao Projecto *As Senhoras do Almanaque* desenvolvido no âmbito do CLEPUL da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, já mencionado.

Graças ao empenho e ao esforço da equipe que trabalha sob a orientação da Professora Doutora Vânia Chaves, há algumas conclusões preliminares que podem ser avançadas acerca da colaboração feminina nesta publicação.

As “Senhoras” do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* não são oriundas apenas de Portugal e do Brasil mas também das suas Colónias e de outros espaços do mundo lusófono. Trata-se, na sua maioria de autoras vivas na altura em que os seus textos foram editados, apesar de se publicarem também textos de mulheres que viveram em épocas anteriores. Além de terem produzido todo tipo de passatempos, as “Senhoras” escreveram prosa e poesia em diversas formas e sobre assuntos muito variados.

E é neste contexto que nos debruçaremos sobre a colaboração no referido periódico de Guiomar Delphina de Noronha Torrezão, um dos principais objectos de pesquisa desta dissertação, pois talvez possamos ousar afirmar que sua contribuição com Poesias, Contos e Charadas/Passatempos para o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* entre os anos de 1866 à 1896, serviu de ensaio para a criação de um projecto maior, ao qual dedicou grande parte da sua vida: o *Almanach das Senhoras*.

5. Quem foi Guiomar Torrezão?

Guiomar Delphina de Noronha Torrezão, nasceu em Lisboa em 26 de novembro de 1844 e faleceu em 22 de outubro de 1898, na mesma cidade, filha de José Joaquim de Noronha Torrezão e de Maria do Carmo Pinto de Noronha Torrezão. Vinda de uma família burguesa, desde cedo teve também que prover à sua subsistência, dando lições de instrução primária e de francês, ao mesmo tempo que se iniciava na escrita, com elevado sucesso. A autora trabalhava não apenas por gosto, mas essencialmente por necessidade, pois o pai falecera cedo deixando a família (Guiomar, a mãe e mais uma única irmã) em precária situação económica.

Guiomar Torrezão rapidamente reconheceu a importância de uma formação superior, a qual não teve condições de adquirir com muita pena sua. Mas apesar das adversidades, sendo detentora de uma superior inteligência e engenho, cumpriu um brilhante destino como mulher e como escritora. Como pioneira lançada numa sociedade conservadora, Guiomar de Noronha Torrezão foi vítima, como tantas outras mulheres, de calúnias, críticas e invejas. A partir daí, apercebe-se de que o caminho para a independência da mulher estava principalmente na libertação da ignorância. Como consequência desta convicção, Guiomar Torrezão empreendeu uma luta contínua a favor da instrução da mulher e da sua afirmação pelo seu valor como indivíduo. Mas para entendermos um pouco mais da batalha travada por esta escritora a favor da libertação da ignorância e da independência feminina, torna-se necessário contextualizar o sistema social e educativo vigente em sua época.

A situação da mulher, em Portugal, só começou a melhorar a partir de 1867, com o Primeiro Código Civil¹⁵.

¹⁵ O **Código Civil Português** foi aprovado a 25 de Novembro de 1966 e entrou em vigor a 1 de Junho de 1967, revogando o primeiro Código Civil, elaborado pelo Visconde de Seabra e que entrara em vigor em Portugal um século antes, em 1867. O seu texto foi redigido por uma equipa de Professores de Direito que na revisão e fase final foi presidida pelo professor João de Matos Antunes Varela, motivo pelo qual é frequente ser conhecido por "Código de Varela" por oposição ao "Código de Seabra" anterior. Veja-se Mónica Rector e Luciana Namorato, *O Fraco da Baronesa: Introdução, Análise e Edição Crítica*, Porto, Universidade Fernando Pessoa, 2005.

A mulher passou a ter autoridade sobre os filhos e, no caso da morte do esposo, passou a poder assumir legalmente o controle da família.

Mas, na prática, pouco ou quase nada mudou: pelas leis civis o esposo ainda detinha muitos poderes sobre a esposa: podia forçá-la a voltar para casa em caso de abandono de lar, e podia separar-se dela legalmente em caso de adultério, ainda que o contrário vergonhosamente não fosse possível.

Quatro anos antes, em 1863, já haviam sido abolidos os morgados em Portugal, o que proporcionou às herdeiras filhas melhores condições de subsistência autónoma, para além do casamento ou do convento. A partir desta abolição, uma filha passava também a ter direito à herança junto com os irmãos primogénitos. Entre as vantagens que o novo Código Civil veio conceder à mulher estava o pátrio-poder, que ela passava a exercer em pé de igualdade com o homem em caso de viuvez, pois até esta data a mulher só era tutora dos filhos se o marido o deixasse determinado por escrito em testamento. Ela também passava a poder dar o consentimento ao filho menor para se casar, mas, em caso de desavença, a opinião do marido ainda era a que prevalecia. Tinha ainda o direito “de emancipar os filhos; o de não ser obrigada a acompanhar o marido para fora do Reino; inclusive o de publicar os seus escritos (embora o marido não lhe consentisse).” Quanto aos bens, ainda cabia ao marido geri-los, mas na sua ausência ou impedimento a mulher tinha a possibilidade de fazê-lo. Se casada com separação de bens, a mulher conservava os direitos sobre o que lhe pertencia, mas não os podia alienar sem o consentimento do marido.

A educação feminina durante todo o século XIX era precária. Segundo conta Ramalho Ortigão as mulheres minimamente instruídas eram incentivadas a escrever poesia – e, conseqüentemente, a poesia encarada com frequência como “coisa de mulher” – algo que era praticado por quem não tinha preparação suficiente para o fazer.

Caracterizando indirectamente esse fenómeno como uma alteração ao papel tradicional das mulheres na sociedade portuguesa, Ramalho chega a afirmar que esta nova familiaridade do sexo feminino com a escrita poética redundou em “duas catástrofes: o estado da literatura feminina e o estado da cozinha nacional.” E ainda impiedosamente sugere: “menos odes e mais caldo.”¹⁶

¹⁶ Ramalho Ortigão, *As Farpas – O País e a Sociedade Portuguesa*, Tomo VIII, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1946, pp. 149-166.

Com relação à educação, o Artigo 237 da Constituição de 1822 previa a existência de escolas “suficientemente dotadas” nas quais se ensinasse “a mocidade portuguesa de ambos os sexos a ler, escrever e contar e o catecismo das obrigações religiosas e civis.” No entanto, apesar deste “liberalismo”, o ensino sexista e classista prevaleceu, com ênfase no papel tradicional reservado à mulher, tanto no ambiente familiar como no ambiente do trabalho. Entretanto o desenvolvimento industrial trouxe a emancipação econômica – ainda que precária – da mulher.

Note-se, contudo, que as operárias desempenhavam fora de casa o mesmo papel de executantes das “prendas femininas” que lhes era inerente dentro do lar, como se observa, por exemplo, no caso dos trabalhos manuais aos quais é atribuído, pela sociedade de então, um duplo significado: para um grupo social (as mulheres) funcionavam como prendas de recreio; para outro (os homens) era visto como meio de subsistência.

A lei de ensino de 1836 criou uma escola feminina em cada distrito, e este número aumentou a partir da lei de 1844 (ano em que Guiomar Delphina de Noronha Torreção nasceu). Em 1869, foi criado o *Colégio da Regeneração* para educar e habilitar as “mulheres caídas.” Mas o ensino superior ainda estava reservado apenas aos homens e a única alternativa de fazer estudos complementares no caso das mulheres era o Conservatório Musical. Em 1884, foram criadas escolas de desenho industrial e escolas industriais também para mulheres. O panorama já poderia ser considerado mais favorável à educação formal das mulheres. Através desses pequenos progressos, uma parcela limitada da população tornou-se alfabetizada.

Mas em relação à mulher, achava-se que ela deveria receber uma educação voltada para a sua vida familiar, ou seja, não se achava necessário que recebesse um nível de instrução que a levasse à autonomia crítica e financeira, mas a ênfase recairia sobre sua formação moral.

Se hoje a posição da mulher na sociedade se distancia cada vez mais do papel feminino mais difundido no século XIX é graças ao empenho de desbravadoras e corajosas mulheres que viveram à frente de seu tempo, expondo-se às críticas e lutando para conquistar o espaço quase sempre bastante restrito.

Esse percurso em árido terreno fez com que as mulheres fossem pouco a pouco almejando ampliar sua actuação na sociedade, não se limitando à esfera doméstica: “No final do século XIX, algumas mulheres não mais queriam apenas respeito, tratamento favorável dentro da família ou direito à educação, mas sim o desenvolvimento pleno de todas as suas faculdades, dentro e fora do lar.”¹⁷

E mesmo com todas as limitações intelectuais e sociais, houve escritoras portuguesas que superaram e transpuseram os obstáculos e escreveram.

Sem condescendência, é importante reconhecer a dedicação e a coragem de Guiomar Delphina de Noronha Torrezão, entre outras, que publicaram suas obras, fazendo prevalecer a vontade acima dos preconceitos que poderiam vir a sofrer. Não era fácil às escritoras insurgirem-se aos padrões impostos para o comportamento feminino, e mesmo após a publicação de suas obras, ainda haveria a opinião do público leitor e dos críticos literários da época: havia uma condescendência com censura embutida ou até mesmo um desestímulo preconceituoso em relação à iniciativa de algumas escritoras. Se a tentativa literária demonstrasse senso crítico ou se posicionasse em relação a temas que se distanciassem do espaço doméstico ou do sentimentalismo, a crítica se tornava ainda mais severa.

Outras mulheres também não perderam a oportunidade de denunciar a discriminação feminina, principalmente aquelas que tiveram condições de se instruírem, e se colocaram a serviço de uma causa social, objectivando tirar do marasmo, da ignorância e do servilismo a maioria das mulheres da época.

A imprensa muito colaborou no sentido de superar preconceitos e garantir às mulheres uma participação mais activa na sociedade.

Guiomar D. de Noronha Torrezão estreou-se como autora em 1869, com o romance *Uma Alma de Mulher*, primeiramente publicado em folhetim em 1868, no jornal feminista *A Voz Feminina*. Em 1872, publicou o livro de novelas e contos *Rosas Pálidas*. Seguiu-se-lhe o romance histórico *A Família Albergaria*, publicado em 1874, retratando a época de 1824 a 1832. Em 1875, publica *Meteoros*, um volume de contos e crónicas.

¹⁷ Maria Regina Tavares da Silva, *Mulheres Portuguesas: Vidas e Obras Celebradas – Vidas e Obras Ignoradas*, Lisboa, Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres, 1991, p.37.

Guiomar Torrezão escreveu muitos textos dramáticos, representados inclusive no Brasil e, ainda, traduziu um grande número de peças de autores estrangeiros. As peças teatrais de sua autoria foram postas em cena, como por exemplo *O Fraco da Baronesa*, etc.

O livro *No Teatro e na Sala*, obra prefaciada pelo escritor Camillo Castelo Branco, que reunia um conjunto de contos, um texto dramático e vários artigos críticos, é editado em 1881. Guiomar Torrezão publica ainda os livros de contos e estudos literários *Idílio à Inglesa* em 1886 e *As Batalhas da Vida* em 1892. A sua peça, *Educação Moderna*, comédia em 3 actos (1884) antecedida de uma conversa preambular, foi representada pela primeira vez em Lisboa, no Teatro do Ginásio (1891). Para além dela a autora escreveu também – *Dois Garotos*, um drama em 5 actos (1879) e *O Fraco da Baronesa*, comédia em 1 ato (1878). Escreveu os romances *Uma Alma de Mulher* (1869), *Rosas Pálidas* (1873), *Henriqueta* (1890), entre outros.

Como se observa, Guiomar de Noronha Torrezão desempenhou um importante e significativo papel no universo da escrita luso-brasileira: foi ficcionista, poetisa, dramaturga e ensaísta.

Uma das publicações em que colaborou foi a revista *Ribaltas e Gambiarras* (1881 - 1928), editada por Henrique Zeferino, em Lisboa, onde publicava artigos de críticas e crónicas sociais, usando o pseudónimo masculino de Delfim de Noronha, em seus dez primeiros números. A partir de então, passou a revelar sua verdadeira identidade nos artigos e cabeçalhos. Guiomar Delphina de Noronha Torrezão também fundou revistas, entre elas a *Estação de Paris* (1896). Ademais, ela colaborou nos seguintes jornais: *Diário de Notícias*, *Gazeta Setubalense*, *Tribuna Popular*, *Crônica dos Teatros* entre outros.

Mas é na revista *A Voz Feminina* (1868), que Guiomar Torrezão, apresentando-se como escritora, evidencia mais a sua militância feminista e na qual a sua colaboração se assume como uma das mais avançadas no que se refere à defesa das mulheres.

A Voz Feminina era, conforme o seu subtítulo apontava, uma revista semanal, científica, literária e noticiosa exclusivamente colaborada por senhoras. Pode-se ver, somente por aí, que o periódico tinha um público bastante definido, qual seja, as mulheres, que eram, cada vez mais, no século XIX, alvo de empreendimentos tipográficos.

Era publicada por mulheres, que procuravam actuar em prol da educação da mulher e mostrar que só a educação poderia assegurar a sua independência. A intenção de *A Voz Feminina* era a de ser um órgão completo para o sexo feminino, servindo de fonte de informação, de diversão e de cultura, publicando, para tanto, textos literários (em especial, poemas), críticas literárias, artigos, notícias, charadas, correspondências e anúncios.

Pode-se dizer que esta revista mostrou a crescente insatisfação da mulher com o sistema educativo. Recordemos que as escolas femininas de ensino secundário só foram criadas a partir de 1890 e o primeiro liceu feminino português data de 1906.

Foi nesta época que destacaram-se na literatura grandes intelectuais e escritoras, tais como: Maria Amália Vaz de Carvalho, Amélia Janny, Ana Augusta Vieira Plácido, para além de Guiomar Delphina de Noronha Torrezão, fio condutor e objecto de estudo desta dissertação. Nas suas obras nota-se algo em comum: a preocupação com os problemas sociais, educativos, e com a memória do país, e é claro que não poderíamos deixar de aqui mencionar – o empenhamento e corajoso com a causa feminista.

A convite de sua amiga brasileira Presciliana Duarte de Almeida, criadora da revista intitulada *A Mensageira*, fundada em 1897, da qual foi directora até 1900, Guiomar Delphina de Noronha Torrezão colaborou com alguns artigos para a mesma.

A Mensageira era “uma revista literária dedicada à mulher brasileira,” mas os ideais feministas desta revista devem ser entendidos a partir do cenário sócio-político-econômico de fins do século XIX. Foi lançada pela escritora brasileira Presciliana Duarte de Almeida, nascida em 1867 e falecida em 1944. Essa autora publicou *Rumorejos*, seu primeiro livro de poesia, em 1890, a obra foi editada juntamente com *Pirilampos* de Maria Clara da Cunha Santos, com prefácio de Adelina A. Lopes Vieira. Na época, Presciliana também trabalhou como colaboradora dos periódicos: *Almanach das Senhoras*, *Almanaque Brasileiro Garnier*, *A Estação*, *Rua do Ouvidor* e *A Semana*. Tornou-se colaboradora da revista *Educação*, em 1902, e da revista *A Alvorada*, do *Grémio Literário dos Alunos do Ginásio Sílvia de Almeida*, em 1909. Ainda no ano de 1909, tornou-se membro fundador da *Academia Paulista de Letras*. Fazem parte de sua obra poética os livros *Sombras* (1906), *Páginas Infantis* (1908), *Páginas Infantis* (1910), *O Livro das Aves* e *Vetiver* (1939).

Presciliana Duarte de Almeida foi uma das fundamentais escritoras de poesia infantil brasileira. Segundo o crítico Leonardo Arroyo¹⁸:

pode-se destacar entre os precursores de nossa literatura infantil Zalina Rolim, Presciliana Duarte de Almeida, Francisca Júlia e Olavo Bilac, onde encontramos as mais válidas vozes da poesia para crianças no Brasil. São quatro autores que nos deixaram uma obra clássica e poética, para a infância, mostrando assim os verdadeiros critérios de composição de uma lírica capaz de ser longamente amada pelas crianças.

Quanto à revista *A Mensageira*, circulou em São Paulo, entre os anos de 1897 a 1900. Destinada à produção literária feminina, imprimia também artigos que defendiam a emancipação das mulheres, reivindicando especialmente uma educação feminina de qualidade. Nota-se que ambos os periódicos compartilhavam e batalhavam pelos mesmo ideais.

Para além de Guiomar Delphina de Noronha Torrezão, que era aí considerada como uma verdadeira líder feminista no seu país e no mundo, nas páginas de *A Mensageira*, também figuravam outros nomes importantes como os da escritora Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). Guiomar Torrezão publicou nesta revista, entre outros, o poema *Beatriz* (em Anexo IV). Note-se que, como também traduziu obras de escritores célebres, Guiomar de Noronha Torrezão trabalhou em vários órgãos de imprensa, designadamente no *Diário Ilustrado*, como ficou dito, onde escreveu com o pseudônimo masculino de Gabriel Cláudio, no *Diário de Notícias*, na *Voz Feminina* entre outros.

No século XIX, traduzir textos de autores estrangeiros renomados era uma actividade bastante comum, no Brasil, como na Europa, e era inclusive considerada como exercício literário muito apropriado à mulher. Mas, por outro lado, também funcionava como uma possibilidade de inserção no mundo das letras, de modo discreto, escondido por detrás de autores e de obras já presentes no campo literário. Também é bom lembrar que a tradução, não apenas na Europa, rendia bons lucros para as mulheres.

¹⁸ Leonardo Arroyo. *Literatura Infantil Brasileira*. Editora Melhoramentos, São Paulo, 1968.

No *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, Guiomar Torrezão pôde colaborar com algumas de suas poesias, com alguns de seus contos, bem como com alguns passatempos. Mas, para além destes textos curtos adequados a esse tipo de publicação, as suas actividades de jornalista e de autora teatral foram consideradas, certamente, como mais uma faceta da sua actividade pública, independentemente do maior ou menor valor literário de suas obras. Assim sendo, com esta diversidade de títulos e de temas a sua escrita chegava a um público bem alargado.

Mas já é de nosso notório conhecimento que a autora por muitas vezes não escrevia o que realmente desejava, mas sim escrevia para agradar ao seu publico, ou seja os leitores de uma forma geral, pois dependia destes para sua subsistência. Guiomar Delphina de Noronha Torrezão foi conhecida como a “Operária das Letras”, um “título” importante, mas infelizmente não muito reconhecido nem tão pouco valorizado para a época em que viveu. Guiomar Torrezão, foi das primeiras escritoras portuguesas a usar a escrita como meio de subsistência.

A sua tristeza e o seu conformismo perante uma sociedade tão conservadora está bem patente quando escreveu de si própria, dizendo que a sua vida literária era “obscura, improfícua, pobre e triste.”¹⁹ Certamente esperava e merecia mais reconhecimento, como também uma vida mais desafogada. E conta-se que, quando no estrangeiro lhe perguntavam quanto ganhava com os seus escritos, infelizmente via-se obrigada a mentir para defesa da honra do seu país, multiplicando as quantias até atingirem uma soma decente²⁰.

Guiomar Torrezão contou, porém, com apoios importantes, nomeadamente da amiga Maria Amália Vaz de Carvalho e também do amigo José Valentim Fialho d’Almeida, entre outros.

¹⁹ Fialho d’Almeida, “Guiomar Torrezão,” *Almanach das Senhoras* para 1900, Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira, 1899, p. 6.

²⁰ Maria Maria, *Mulheres da Primeira República*, [Conferência], Espinho, Biblioteca Mulher Migrante, 2010.

Foi Fialho d'Almeida que, por altura da sua morte, fez uma homenagem póstuma a escritora, onde depois de elogiar e enaltecer o seu carácter e o seu mérito, disse:

Grandemente talhada, forte e dum carácter autónomo d'onde sahem as iniciativas fecundas que individualizam para ser verdadeiramente alguém, ela só teve um obstáculo, o meio onde apareceu e se fez gente, em Portugal. Pois em Londres, em Paris, no Brasil, etc., teria sido ilustre. Mas em Lisboa, quase a quiseram tornar cómica²¹.

²¹ Fialho d'Almeida, "Guiomar Torreção", *Almanach das Senhoras* para 1900, Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira, 1899, p. 8.

5.1. Guiomar Torrezão e os *Almanaques*

Em meio a tanta variedade de escrita, destacamos uma faceta importante na vida de Guiomar Delphina de Noronha Torrezão, a sua colaboração em *Almanaques*, pois sendo ela uma das escritoras do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, onde escreveu para todo o tipo de público, sem nenhuma pretensão, foi durante este período de colaboração que criou o *Almanach das Senhoras*, no qual para além de fundadora, desempenhava também o papel de autora e escritora, sendo esta uma grande oportunidade para a divulgação da sua escrita, acima de tudo direccionada para o público feminino, ou seja para as mulheres.

A escritora empenhou-se, primeiramente, em instruir suas leitoras, a quem afirmava querer resgatar da ignorância e do papel passivo e restrito à esfera doméstica que lhes estava destinado pela sociedade patriarcal e androcêntrica de então, para torná-las capazes de uma fala significativa, pelo menos. O *Almanach das Senhoras*, planeado por Guiomar Delphina de Noronha Torrezão, no ano de 1870, teve sua primeira publicação em 1871 e pode considerar-se como uma aventura intelectual, que lhe rendeu muito amigos, mas também muitos inimigos declarados. Entretanto, nada impediu Guiomar Torrezão de cumprir seus objectivos.

Sendo ao mesmo tempo apreciada e incompreendida na época em que viveu, foi, de certo modo, uma figura pioneira forte e de discreta influência na afirmação do seu publico alvo “a mulher” independente dum era nova.

No entanto, o empreendimento de Guiomar Torrezão, com muita competência demonstrada, obviamente alcançou o sucesso. Foram ao todo cinquenta e sete números, durante mais de meio século, o *Almanach das Senhoras* perdurou, sendo um por ano e mesmo após a sua morte o seu legado não caiu no esquecimento, pelo contrário, continuou. De fato, com o falecimento de Guiomar Delphina de Noronha Torrezão em 1898, Felismina Torrezão, sua única e legítima irmã, assumiu o *Almanach das Senhoras* como proprietária, e Júlia de Gusmão passou a ser a directora literária do periódico.

O número do *Almanach das Senhoras* de 1899 para 1900 apresenta, então, a anteriormente mencionada biografia da escritora falecida.

O impacto e a popularidade do periódico na época de sua comercialização pode ser avaliado pela sua subscrição que fechava em Junho e esgotava-se rapidamente, antes mesmo de o ano findar. Guiomar Torrezão distribuía a sua publicação por todo Portugal Continental, Açores, Madeira, Cabo Verde, Brasil, Angola e Inglaterra e, a partir de 1879, também em Espanha. O *Almanach das Senhoras* era vendido a 240 réis e quando incluía o calendário brasileiro chegava a custar 500 réis.²² O certo é que o *Almanach das Senhoras* teve uma próspera vida, tendo sucumbido, apenas, em 1928, quando foi publicado pela última vez.

Mas esta vitalidade hoje não causa estranheza, pois foi fruto certamente, da personalidade forte da sua fundadora e do cunho muito particular que esta lhe imprimiu. A própria natureza da publicação, anual e eclética, também terá concorrido para isso. De qualquer maneira, podemos afirmar que o *Almanach das Senhoras* contribuiu, durante pelo menos seis anos, para a formação do público feminino e modo exclusivo neste formato. Só após este período é que o almanaque “feminino” de Guiomar Delphina de Noronha Torrezão, começou a ter concorrentes.

Um aspecto relevante a ser considerado, é o fato de, mesmo após o falecimento de Guiomar Torrezão, apenas mulheres terem assumido a direcção do periódico. Este facto parece ser uma consequência do posicionamento sócio-político-ideológico do *Almanach das Senhoras*, no sentido e com o objectivo de assegurar uma posição de destaque às próprias mulheres.

Essa foi uma situação também um tanto quanto incomum, visto que, na época, boa parte dos periódicos destinados ao público feminino eram dirigidos por homens. No caso do *Almanach das Senhoras* as mulheres não só conseguiram dirigi-lo, mas também conseguiram levá-lo adiante e assegurar-lhe uma próspera continuidade, driblando todas as adversidades, principalmente, as financeiras.

²² *Almanach das Senhoras*, 1898, p. 43.

5.2 – A colaboração de Guiomar Torrezão no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*

A partir de 1868 Guiomar Torrezão enviou para publicação no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* obras de diferentes géneros, que têm em comum o serem curtos, e corresponderem aos objectivos principais dos almanaques do século XIX: fazer acompanhar as informações úteis com textos destinados a entreter o leitor de forma agradável. São textos que procuram ensinar História através da evocação de personagens ilustres, denunciar situações sociais, o uso da mitologia, da religião, educação moral e cívica, para além de recrear, entreter e educar para a cidadania.

Abaixo seguem em ordem cronológica os textos de autoria de Guiomar Torrezão, que figuram no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*.

POESIAS

- Em 1868

Pérola D'Alma

(Imitação do hespanhol) 1

Desprende em gotas a aurora,
Um orvalho creador,
Que apoz forma linda perola,
Da concha no interior,
E ambas brilham de formosas
Quando o sol lhes dá vigor.

Tão forte enlace reune
D'aurora a filha á conchinha,
Que se esta quebram, a outra
Quebra-se, morre, definha,
E vai na espuma das ondas
Como penna d'avesinha.

Tambem assim em minha alma
Uma perla está nascida
De tão delicada têmpera,
E com ella tão unida,
Que formam ambas um todo
E vivem da mesma vida.

Esta perla é minha, quero-lhe
Como a um filho quer a mãe;
É meu amor, minha crença,
Oh! não m´a quebre ninguém,
Nem m´a roube, que a minh´alma
Definha, o morre também.

(*Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, 1868, p. 311)

- Em 1869

Depois da Leitura de Uma Primavera de Mulher

(Á EXM. ª SR. ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho)

“L´arbre un jour voit la fleur; il se courbe long temps
“Ramassant les debris de son humble feuillage;
“ Puis se redresse, et dit. Prenez! Voici l´hommage
“De mon été pensif à votre frais Printemps!”

(Mendes Leal)

Lyrios, rosas, perfumes do Oriente,
Corôas de saphira,
Perlas, rubis de brilho refulgente,
Arroja a tua lyra!

Lgrimas, risos, dores e alegria
Sente-as de enlevado
O que te lê, suspenso na magia
Do teu estro inspirado!

Canta, poeta; d´estrophes um thesouro
Tens inda dentro d´alma;
Deslumbra-nos aos sons da lyra d´ouro,
Conquista nova palma.

Musas, c'roai-a; é flor aqui nascida
Ao sol de Portugal;
Musas, sorri-lhe, e dae flores á vida
Da que é já immortal.

(*Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, 1869, p. 342)

- Em 1871

Caridade

Improviso

Caridade, sê bem vinda,
Ó anjo celestial!
Ó flor nascida no céu
Entre o divino rosal.

Sê bem vinda, tu que sabes
As tristezas consolar,
Tu que o pranto em meigo allivio
Podes c'um riso trocar.

Converte-se toda em flores,
A santa esmola é condão.
Unem-se almas neste abraço,
É laço de irmão a irmão.

Caridade, oh! sê bem vinda
Formosa virgem dos céos,
Tu que em azas bemfasejas
Nos elevas até Deus!

(*Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, 1871, p. 156)

- Em 1872

A Jesuina Alves

No dia dos seus annos

“Sê feliz, toda a ambição
que por ti minh'alma encerra
é ver-te feliz na terra.”

Bulhão Pato

Exhala immensa alegria
est´hora d´amor e festa,
ergue-se a aurora cantando
canta alegre a triste sesta!

Estremece d´entre a relva
a casta flor, a violeta!
passa a viração folgando,
vóa a pomba irrequita!

Tem mais azul hoje o céo,
mais aromas o rosal,
mais harmonias o espaço,
mais seiva o lyrio do val!

Tudo ri, tudo se enflora
neste dia de ventura;
ha concertos nas esferas,
ha gorgeios na espessura.

Só eu não tenho p´ra dar-te
neste dia tão feliz
mais do que um ramo singello,
sem arte, viço, ou matiz!

Um pobre ramo que leva
nas folhas mil beijos meus!
tu sabes porém que os beijos
tem magos filtros dos céos!

Que os beijos ternos, amantes,
voando do coração
são como perlas caindo
da sidérea região!

Engrinalda-te com ellas,
emquanto eu supplico a Deus
que as converta em alegrias,
chuva bemdita dos céus!

(Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, 1872, p. 99)

- Em 1873

Hontem, Hoje e Amanhã

Do hespanhol

Hontem, antes de sair,
todo attento, cuidadoso
o meu seraphim mimoso
fui contemplar a dormir.

Co'a ternura do desejo
Infinda, amante, louca,
nas rozas da sua boca
deixei um cândido beijo.

Ao brilhar a luz do dia
senti pouzar-me na frente
a mesma boca innocente,
que o beijo restituia.

No fulgor do seu olhar,
nesse doce atar de laços
dos seus peregrinos braços,
deixei todo o meu penar.

Hoje, que finda a doçura
que me davas pomba e flor,
sem caricias, sem amor,
nem já sei o que é ventura!

Porque ao meu olhar te escondes
deixando-me trevas só!
onde estás, filha? tem dó,
chamo, não me respondes!

Não te posso procurar
que nesta ancia de soffrer,
noite e dia a padecer,
puz-me cego de chorar!

Amanhã eu quero, ó Deus!
que fiquem p'ra sempre unidos
aquelles despojos qu'ridos,
os tristes despojos meus!

Enlaçadas, verdes palmas,
na mesma haste tão de ver
na terra talvez pender,
mas subir ao céu as almas!

(Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, 1873, p. 372)

- Em 1874

Beatriz

Das Rosas pallidas

Visão que surges n'estas horas magicas
como eu te imploro a suspirar por ti!
como eu te vejo esvoaçar no espaço...
como aos teus olhos meu olhar aprendi!

Ai! se lograsses de minh'alma as trevas
nos raios teus illuminar, estrella!...
Passae, ó nuvens que toldaes o astro,
deixae-me, nuvens, adoral-a e vêl-a!

Oh! quem poderá esta existência dar-lhe
primicias pobres de opulento amor,
e no meu extasis estreital-a ao peito,
trocando em jubilo esta immensa dôr!

Ao longe, embora, tu sorris altiva!...
e eu vivo e fico a suspirar em vão!
Estrella esplende no teu céu sereno,
mas dá-me um raio d'esse teu clarão!

(Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, 1874, p. 347)

- Em 1877

Flor do Asfalto

Ó pallida flor do asfalto,
vaga e etherea, scintillante,
mergulhando em longo salto
o pé breve e palpitante.

Deslisas como um aroma
que inebria e não tem cor!
só no crystal da redoma
desabrochas, nívea flor!

És a musa da anemia!
és o perfume da anémoma!
no sorriso, a ironia,
no olhar, meiga Desdémoma!

Oh! de um magro cão vadio
ósso – iman... tentação!
doce alvorada do esteio,
canto de ignota paixão!

És um sonho, uma chimera,
uma renda de Alençon.
hoje que a tísica impera,
salve! Deusa do bom tom!

(Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, 1877, p. 369)

CONTOS

- Em 1866

Verdadeira Realeza

Maria Thereza, imperatriz da Austria, tinha por costume lavar os pés a alguns pobres todos os aniversários de quinta feira santa. Uma infeliz mendiga de 108 annos, que nunca deixava de comparecer n'esses dias, vendo-se impossibilitada de ir ao palácio, mandou dizer á imperatriz que tinha o mais vivo pesar de não se achar n'esta piedosa reunião, não por causa da honra que teria recebido, mas unicamente por não lograr a ventura de vêr a sua adorada soberana. A imperatriz, commovida da mensagem, e dos sentimentos d'esta mulher, dirigio-se logo á aldêa em que ella habitava, e, não desdenhando entrar n'um miseravel albergue, ahi encontrou a pobre, retida por dolorosa enfermidade.

“Lastimava-se de não me poder vêr? Lhe disse em bondade esta generosa princeza. Pois console-se minha amiga, sou eu quem venho vêl'a”.

(Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, 1866, p. 110)

- Em 1875

O Mar

É encantador e terrível! suspira e rugé! dorme e sonha como virgem adormecida sobre cabeçal de flores: subitamente acorda, cresce, transforma-se e mata!

Foi no seu vasto seio que a Mythologia deixou o doirado segredo das suas tradições; é elle que nol-as retrata e recorda.

Ora inconstante e vario nos seus aspectos, imitando Protheu; ora insondavel como o tonel das Danaides; ora prodigo de maravilhas, copiando a boceta de Pandora, até em guardar no fundo, como ella, a *esperança*, esperança que attrae o mergulhador e lhe offerece em troca a transparente perola; ora indolente, voluptuoso, inaccessivel Endymião, acariciado ás noites pelo radiante olhar de Diana; ora indomito, sombrio Hellesponto, sepultando apaixonados Leandros!

Serás tu pagão, ó mar?...

Vem demandando a barra o brigue *Flor do Oceano*. A cerração desce cada vez mais, condensa-se e abraça-o! O vento cava as ondas, agita-as, fustiga-as e despedaça-as de encontro ao brigue!

A tempestade eminente rebentou afinal!...

Abrem-se as artérias do navio, penetra-o a agua, absorve-o, desconjuncta-o!... Os cachopos, lividos e traiçoeiros, esperam a preza!...

A tripulação apavorada treme, ajoelha, implora, norteia para o sidéreo pólo a desvairada agulha n'um só grito chama pela Virgem!

Repentinamente fende-se a morta-lha, cessa o vento, aplanava o mar, rompe o sol e a tormenta foge como por milagre!...

Chamei-te pagão!!... Perdoa, tu o mais christão de todos os elementos, ó mar!

(*Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, 1875 pp. 374-375)

- Em 1876

Corot e o Seu Cachimbo

Hoje, que toda gente falla do celebre pintor francez, do paizagista innimitavel que surprehendeu a natureza em flagrante e embebeu a sua vigorosa palheta nas tintas quentes da autora, nos molies coloridos indecisos do crepúsculo noturno; hoje, que o immortal auctor do *Incendio de Sodoma*, pendendo a fronte gloriosa na pedra do sepulchro, resuscitou saudado e estremecido para a posteridade, não fóra de proposito mencionar o papel importantíssimo que na vida de Corot representava o seu cachimbo.

Corot dividia as suas mais intimas predilecções entre o cachimbo que lhe queimava os beiços e matava o tempo, na arte que lhe devorava a vida e queimava o cerebro, inflamando-lh'ó com as labaredas da inspiração.

As doces gradações dos poentes rubros, os cambiantes opalicos, os arvoredos espessos afogados em luz, os valles mergulhados na sombra, atravessados pela boiada somnolenta, e animados pelas risadas das crianças, pelos ralhos das mães e pelo cacarejar das gallinhas, a natureza enfim, viva e palpitante, que o artista colhia, e perpetuava na tela, com a potente atracção do seu magico pincel, no ar livre, ao mesmo tempo que a bonhomia innata e pilhéria franceza lhe deslisavam expontaneas da bocca, cantando aos ouvidos de quem quer que se lhe aproximasse; tudo isso, que o namorava e fazia as delicias e as cruezas da sua existência, via-o elle atravez da ondulante a azulada nuvem de fumo do seu dilecto e inseparavel cachimbo!

Na vespera de partir para a eterna viagem, em um domingo, tentando o médico animar o doente e desviar-lhe o espirito da idéa de morte que sem cessar o opprimia, Corot sorriu-se, abanou melancolico a cabeça e retorquiu:

- Docteur, il est inutile de lutter. J'ai fume ma dernière pipe, je le sens bien.

Estas simples palavras compendiavam toda a sua vida!...

(*Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, 1876, p. 375)

- Em 1878

A Formosura

– Ó formosura! unico objecto cuja posse não se póde adquirir, nem mesmo a troco dos mais opulentos thesouros: eternamente inaccessible áquelles que não logram possuil-a; flor ephémera e fragil que desponta, cresce, desabrocha sem haver necessidade de cultivar-a, puro dom do céu! ó formosura! – a mais valiosa entre todas as coroas que o acaso póde offerter a uma cabeça! Tu és admiravel e rara como tudo que existe fóra da iniciativa do homem; como o azlu do firmamento, o ouro das estrellas e o candido aroma dos lyrios! É possivel trocar um tosco banco por um throno, conquistar o mundo, illudir a furia dos elementos! Porém, quem poderá resistir a ajoelhar diante de ti, esplendida personificação do pensamento de Deus?

(T. Gautier [Tradução de D. Guiomar Torrezão] *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, 1878, p. 387)

- Em 1879

A Religião da Hospitalidade

– O Oriente, que tão vasto e inexgotavel thema offerece á phantasia dos poetas, e á curiosidade dos viajantes, o Oriente que conserva ainda em toda a sua pureza primitiva a hospitalidade patriarchal dos antigos, forneceu elementos a uma lenda sérvia, que passando por successivas modificações, appareceu nas fabulas de La Fontaine, e depois no libreto da partitura, *La Colombe*, de Gounod. Absurda e atroz, pueril e horripilante, a lenda sérvia não deixa comtudo de envolver-se n'uma vaga atmospherá melancolica, mysteriosa e solemne, que attrae o espirito e como que o absorve na poesia do sonho!... Eil-a:

“Vai caindo o dia: a lua innunda com os seus jorros de luz macia, as planicies de neve.

O estrangeiro, perdido á noute, bate á porta de Lazaro e entra.

– Sê bem vindo – dis-lhe Lazaro sem hesitar.

Depois, voltando-se para a mulher:

– Linbitza, accende a lenha e prepara a ceia.

– A floresta é immensa, e a lenha arde na lareira – acode a mulher – mas onde esta a ceia? Não jejuamos nós a dois dias?

Lazaro emmudece, corrido de vergonha.

– Tu és um sérvio – accrescenta o estrangeiro – e não tens nada para offerecer ao teu hospede?!

Então o pobre Lazaro, abre o armário, abre a arca, procura, ancioso, desesperado, e não encontra nem uma codea de pão, nem um miseravel fructo esquecido!

– Aqui temos alimento e carne fresca – volveu o estrangeiro, pondo a mão sobre a loira e annelada cabeça de Yanka, filha de Lazaro!

Mal lhe pungiram o ouvido as sinistras palavras, Linbitza solta um grito dilacerante, e cae desfallecida.

– Nunca se dirá – exclama Lazaro – que um sérvio faltou aos deveres da hospitalidade.

Acto continuo, deixando cair perpendicular o machado, decepou de um golpe a ideal cabeça de Yanka, a fada dos cabellos loiros.

Que pincel ousaria pintar a pavorosa ceia do hospede?

Lazaro adormece prostrado de dor: pela noute alta ouve o estrangeiro que o chama e lhe diz:

– Levanta-te, Lazaro; eu sou o teu Deus. A hospitalidade sérvia ficou sem mancha. Tua filha resuscitou e a abundancia entrou em tua casa.

Assim viveram longos annos, felizes e ricos, Lazaro, a formosa Linbitza, e a meiga Yanka, de cabelos cor de oiro.”

(*Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, 1879, pp. 394-395)

- Em 1880

D. Pedro IV

– Decorridos oito dias após a memoravel acção que conquistou aos liberaes a definitiva posse da Serra do Pilar, apresentava o brigadeiro Torres ao duque de Bragança – Alvaro da Conceição, o *leão da Serra*, como lhe elle chamava.

Longa e cerrada barba preta emoldurava o pallido, bexigoso e enérgico rosto do imperador; o olhar firme, penetrante e altivo encarava de frente a pessoa a quem se dirigia e constringia-a muitas vezes a baixar os olhos.

Colérico, violento e rancoroso ninguem sabia, entretanto, sorrir com mais fina graça, acolher com maior affabilidade e nobreza aquelles que por qualquer feito d'armas se distinguiam. Então transfigurava-se e attrahia a sympathia e admiração de quantos o viam.

Rodeiado do seu estado maior aguardava Torres. Dando dois passos ao encontro do destemido commandante disse, apertando-lhe a mão:

– Bravo, meu velho! O que exiges em troca da Serra que me destes?...

– Que vossa magestade imperial se digne receber o meu leão, volveu Torres relaceando o olhar na direcção de Alvaro que se deixara ficar para traz.

– O teu leão?!... interrogou D. Pedro risonho.

– Eil-o aqui! Acudio o brigadeiro enlaçando o braço de Alvaro e conduzindo-o á presença do imperador. É Alvaro da Conceição, o voluntario académico...

Conheço-o, prezo-o e agradeço-te proporcionares-me ensejo de glorificar-lhe a bravura... respondeu de prompto o imperador fitando Alvaro.

– Vossa magestade confunde-me... balbuciou o voluntario corrido de pejo como se em vez de louvores lhe estivessem endereçando accusações.

– Não confundo tal, admiro-o e vou diligenciar recompensar os méritos do temerario *leão da Serra*, tornou o duque de Bragança desprendendo do peito a *Torre e espada* e pregando-a com as suas próprias mãos no peito de Alvaro.

Este, avassallado pelo aspecto da grandeza insinuante e simples do porte severo e guerreiro, sem deixar de ser affectuoso, do imperador, penetrado de gratidão não encontrou palavras que lhe traduzissem os sentimentos; inclinou-se e beijou-lhe respeitoso a mão.

– Até á vista, meu voluntario, disse o imperador sorrindo e despedindo Alvaro. Desejarei que me dê muitas vezes noticias suas.

(A Família Albergaria / D. Guiomar Torreção / Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro –

1880 – 276 e 277)

- Em 1896

Uma Visita a Victor Hugo

Victor Hugo dignára-se fixar-me uma entrevista, uma das ultimas que lhe era permitido conceder antes de descançar para a eternidade no plácido somno da morte.

Junto a *véranda* que precedia o rez-do-chão da casa durante 8 annos habitada pelo poeta, decorado com o seu retrato pintado por Bonnat e o seu busto modelado por David d'Angers, esperava-nos madame Lockroy, mãe de Jeanne e Georges.

Foi ella que nos introduziu na sala, onde Victor Hugo deveria receber-nos, rodeado de sua habitual corte de discípulos, admiradores e íntimos.

E n'este momento, em que procuro arrancar á memoria o reflexo do quadro, que ahi ficou indelevelmente insculpido, vibrando da mais profunda e intensa de todas as commoções da minha vida, só muito confusamente consigo entrever uma sala forrada de escuro, onde se falava quasi em segredo como em uma igreja, ao fundo um fogão, lembrando um altar, e, junto d'esse altar ou d'esse fogão, um homem assentado vestido de preto, o collarinho derrubado, desafogando-lhe o pescoço robusto, sustentando uma radiosa cabeça branca, de um suave contorno bíblico.

Approximei-me, sempre automaticamente. O homem levantou-se, veio ao nosso encontro... Madame de Rute tocou-me no braço, e disse-lhe o meu nome...

E esse homem, grande entre os grandes, forte entre os fortes, esse homem que alumia o mundo com a chamma do seu talento, que immortalisou o seu seculo com a potencia creadora do seu génio maravilhoso, veio para mim affectuoso, simples, paternal, envolvendo-me na carícia de um olhar profundo e meigo, um olhar de pomba e de aguia, glorificando e levantando a minha humildade á altura do seu throno de luz.

Eu contemplava-o absorta, isolada no meu deslumbramento, absorvida na immensidade da minha indefinível commoção, podendo apenas curvar-me e depor-lhe na mão um beijo reverente e tímido.

Victor Hugo encarou-me fixamente; um sorriso dulcíssimo clareou de um fulgor de aurora a sua physionomia melancholica, cavada pelo tempestuoso marulhar do pensamento e pela inexorável depressão da velhice.

Falou-me de Portugal e a sua voz arrastada, grave e lenta, impregnada de uma suavidade ineffavel, desceu até ao intimo da minha alma como a palavra de Deus.

Balbuciei a medo uma palavra banal.

Victor Hugo aproximou a cadeira, pegou-me na mão, beijou-a, e com uma singeleza encantadora, com uma bondade insinuante, inclinando para mim a fronte olympica, onde os cabellos brancos fulguravam como as sagradas neves inaccessiveis, ensinou-me a conversar com elle, fazendo-me perguntas, testemunhando benevolmente a sympathia que lhe inspiramos, deixando me crer que o sensibilizava a religiosa admiração tributada ao seu genio colossal por este povo, grande na historia, pequeno no mappa geographico.

Depois, deixando cair a cabeça no peito, a voz do poeta teve uma inflexão dolorosa, e pela sua testa sulcada de rugas, emoldurada na casta alvura do cabelo, passou uma sombra, – a morte, talvez!

– Ha dois mezes que não durmo, disse-me o adorado velho; a tosse não me deixa... a vida foge-me!...

Estremeci.

O olhar apagou se-lhe nas palpebras e foi, talvez, engolfar-se, estrella resplendente, no nebuloso céu da vizão.

A hora tragica pendia imminente, e elle sentia-a bater-lhe no coração.

(“Paris – Impressões de Viagem”, *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*,

1896, pp. 294-295)

CHARADAS E PASSATEMPOS

- Em 1864

Charada XXXII

Na lyra confôrto buscando á tristeza,
O poeta d'est'arte se vê meditar...1
Ai triste do homem que assim n'esta vida,
Não póde as bellezas do mundo gosar...2

Ditoso mil vezes o que me disfructa,
Pois sou n'esta vida bem raro prazer;
E ai triste, bem triste, d'ess'alma que deixo,
Que vive, que morre, sem nunca me ter.

(*Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, 1864, p. 362)

- Em 1865,

Charada XXVI

Sendo erva medicinal 2
A muitos de morte sou! 1
É potente, e é temido!
Esse a quem meu nome dou.

(*Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, 1865, p. 338)

- Em 1866

Charada XVIII

É triste minh'alma, em queixumes sentidos
Exhala e define o que sente a chorar! 1
Em poética terra dou nome a um rio,
Com quanto me creião mais leve que o ar! 1
À meza os convivas me querem provar;
Por muitos pref'rido n'um lauto jantar.

(Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, 1866, p. 229)

- Em 1867

Charada XII

Em noite de estio,
O som repetido
Não ouves ao longe
Tão grato ao ouvido? 1

O – a – pelo – o –
Tu deves trocar,
Se queres o encanto
Mais livre gozar. 1

Senão, ao trabalho,
Que o tempo convida,
E é lei a que Deus
Sujeitou a vida. 2

Tenue como espuma
Que a ardencia desfaz,
Meu ser primitivo
Esvair-se v'rás!

Depois, oh que lindo
Matiz seductor,
Se volve de novo
Á vida, ao calor!

(Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, 1867, p. 166)

- Em 1867

Charada XXIX

Bem sei que devo partir,
Que tu m'ó vens ordenar; 1
Porém espera que eu ponha
O que a moda manda usar. 2

Sendo eu um nome de homem,
Um nome de homem não sou,
Porque nunca a flor ao homem
No mundo se assemelhou.

(Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, 1867, p. 317)

6. O *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* como Ensaio para a criação do *Almanach das Senhoras* (1871 a 1928)

Vimos já, ainda que brevemente, o que foi o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. E o que foi o *Almanach das Senhoras*, que teve o seu primeiro volume elaborado em 1870 e publicado em 1871 e o último volume elaborado em 1927 e publicado em 1928, perfazendo um total de 57 anos de publicação.

A escritora Guiomar Delphina de Noronha Torrezão obteve uma vasta experiência como colaboradora em vários ramos da escrita, mas também principalmente no género *almanaque*, com alguns de seus trabalhos (poesias, contos e passatempos), publicados no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. No entanto, o referido *Almanaque* não só era dirigido apenas por homens, como também mais direccionado ao publico masculino. Mas certamente não foi este o motivo que levou Guiomar Delphina de Noronha Torrezão a querer criar o seu próprio *Almanach*.

Como foi uma mulher à frente de seu tempo, muito provavelmente ela o fez para poder escrever não só para todo e qualquer tipo de público, mas principalmente mais directamente para o público feminino em geral, pois conforme ela mesma dizia "...o *Almanach das Senhoras* cuidaria e se preocuparia primeiramente de resgatar suas leitoras das "trevas" da ignorância e do simples papel de "bibelô" da casa, de enfeite da mesa e da cama do esposo, para assim torná-la capaz de uma fala significativa, pelo menos.²³

O *Almanach das Senhoras* não era uma publicação, como outras do mesmo período que destacavam assuntos como trabalhos manuais, moda, culinária, puericultura, etc. Uma das reais e principais intenções de Guiomar Torrezão era a de discutir questões relativas à emancipação da mulher, servindo-se para este objectivo, com a veiculação de textos literários, artigos que tratassem do tema, além dos editoriais com a reflexão crítica acerca da real situação feminina.

Eram publicados também artigos nos quais se salientava a preocupação com a posição da mulher na sociedade e todos os preconceitos por ela enfrentados.

²³Ana Cláudia Gomes, *O Almanach das Senhoras e um Projecto Político de Acesso à Cultura Letrada*, Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.

Eram publicados textos em prosa e verso, com ênfase na produção literária feminina mas também na produção literária masculina, pois se assim não fosse, o *Almanach das Senhoras* seria igual a todos os demais *Almanaques* existentes na época.

É correcto afirmarmos que houve muitos outros periódicos contemporâneos de larga difusão, mas certamente o valor do *Almanach das Senhoras*, pode ser melhor avaliado se for devidamente contextualizado na época em que foi divulgado, e lembrarmos que o século XIX foi marcado por muitas transformações, destacando-se a consolidação do capitalismo, o desenvolvimento da vida urbana, e o fortalecimento de ideais burgueses, responsáveis, em grande parte, pela organização familiar, incluindo-se aí os papéis atribuídos a cada membro existente na sociedade.

No *Almanach das Senhoras*, Guiomar Delphina de Noronha Torreão preocupou-se em defender uma educação de qualidade para as mulheres. A princípio, os textos eram fundamentados com argumentos que de certa forma corroboravam o preconceito em relação à mulher, ou seja, a educação feminina era arduamente defendida, para dar às mulheres condições de exercer com maior competência seu papel de mãe e criar seus filhos, que conseqüentemente seriam melhores cidadãos. No entanto, em um segundo momento, os argumentos pautavam-se também pela necessidade de propiciar uma educação à mulher que lhe permitisse participar activamente do mercado de trabalho, ideal partilhado por muitas feministas da época, que consideravam esse um dos caminhos para a autonomia feminina, económica e intelectual.

As escritoras e os escritores que colaboraram com o *Almanach das Senhoras* tiveram a oportunidade e um meio de comunicação que lhes permita expressar seus anseios e expectativas, e onde a literatura não se limitava a ser encarada como uma arte apenas, mas projectava-se também como meio de reflexão, para as mulheres e para os homens, e enquanto escritoras e escritores. Apesar do seu aparente carácter utilitário, fornecendo tipos de conselhos e informações relacionadas com o calendário que também se encontravam nos outros almanaques em circulação, era uma publicação “dedicada à mulher”, cujo propósito principal era o de alertar as mulheres para seu estado de submissão, mostrando-lhes que era possível ambicionar uma participação mais activa e efectiva na sociedade, abandonando a imagem de um ser frágil, incapaz de embates intelectuais, passando tardes inteiras distraída com meadas de linhas e de vez

em quando passar os olhos por poemas de Camilo Castelo Branco ou verter algumas lágrimas ao terminar de ler o último capítulo de um folhetim. Esse era o estereótipo da mulher do século XIX, e sendo assim, era necessário agora, construir a imagem e a personalidade da mulher do futuro.

Na opinião de Guiomar Torrezão o *Almanach das Senhoras* tinha o dever de expressar as expectativas e os desejos de difusão de uma nova perspectiva em relação à emancipação feminina. Mas, apesar do esforço pessoal desta autora para enfrentar as barreiras de uma sociedade patriarcal e de eventualmente ter alcançado grande sucesso em seu tempo, seu nome infelizmente tem sido muitas vezes apagado da história da literatura.

Realmente, o pensamento de criar uma publicação, a fim de pugnar pelos direitos e deveres da mulher, para torná-la mais válida e mais forte, podendo, assim como o homem, resistir ativa e corajosamente a todas as lutas e amarguras da vida, foi concretamente uma ideia grandiosa e de magno alcance. Essa ideia, que tem feito tantos adeptos entre os grandes defensores do bem, entre nós infelizmente ainda não envolve uma solução eficaz, tendo em vista as múltiplas dificuldades que ainda temos a vencer.

A partir de 1871, data em que fundou e publicou o primeiro *Almanach das Senhoras*, Guiomar Delphina de Noronha Torrezão deu início a uma nova etapa na sua actividade com escritora e como intelectual. Pode-se dizer e/ou até mesmo afirmar que Guiomar Torrezão foi, de certo modo, uma figura pioneira, e que o *Almanach das Senhoras* foi também um projecto político de grande acesso à cultura letrada. Como acontecia com a maior parte das mulheres burguesas instruídas da época, Guiomar Torrezão dominava o francês. É talvez por este motivo que a França seja uma presença constante nas páginas do *Almanach das Senhoras*.

Na opinião de Guiomar Delphina de Noronha Torrezão, os franceses dedicavam grande estima e respeito às mulheres bem como à literatura. Ela encontrava igualmente, naquele país, exemplos de mulheres intelectuais que haviam sido, ou melhor, ainda eram, militantes fervorosas pelos direitos femininos, que poderiam exemplificar e servir de modelos a serem seguidos, tais como Mme. de Staël e George Sand, por exemplo.

Esta militância de Guiomar Torrezão, surgiu, no entanto, associada a outros temas destinados a despertar o interesse mais imediato do público feminino.

No *Almanach das Senhoras* para o ano de 1898, p. 43, o anuário é apresentado do seguinte modo:

Estação de Paris, Revista de Modas, Litteratura, Elegância e Bom tom. Directora: Guiomar Torrezão. Editora e Proprietária: Livraria Pereira. Publica-se invariavelmente a 10 e 25 de cada mez. Unico jornal de modas que existe em Portugal, dirigido por uma senhora e primeiro e unico que traz moldes cortados com gravura descriptiva. Os expedientes literários devem ser enviados à directora da Revista. Distribui-se para a África com acréscimo de 10%, para o Brasil 20% e para a Índia 40%.

Ou seja insistindo nas informações sobre moda, elegância, etc. Tradicionalmente associadas e dirigidas às mulheres.

À semelhança do que acontecia com o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, no qual Guiomar Torrezão poderá ter-se inspirado durante os anos em que nele colaborou, a distribuição do *Almanach das Senhoras* não se limitava a abranger o território de Portugal Continental. Além de Portugal Continental, era distribuído no Brasil, nos Açores, na Madeira, em Cabo Verde, em Angola, em Inglaterra e a partir de 1879, o periódico passou a ser distribuído também em Espanha.

Era vendido a 240 réis, mas os números com o calendário brasileiro custavam 500 réis. Os “expedientes” literários – secção que abarcava quer os editoriais quer as colaborações de leitores – eram enviados à directora do jornal. Até 1898 a empresa editora e proprietária do periódico foi a Imprensa de Joaquim Germano de Sousa Neves, sito a Rua da Atalaya, 65 – 67, em Lisboa. Mas no *Almanach das Senhoras* do ano de 1898 (p. 43), outro anúncio informa os leitores de que a empresa editora e proprietária do anuário passara a ser a Livraria Pereira, de propriedade de Antonio Maria Pereira, sito a Rua Augusta, 44 – 54, também em Lisboa, a qual passaria a assegurar a sua publicação, invariavelmente, entre os dias 10 e 25 de cada mês.

O anúncio no anuário estava apresentado do seguinte modo:

Estação de Paris, Revista de Modas, Litteratura, Elegância e Bom tom. (3º anno) Directora: Guiomar Torrezão. Publica-se invariavelmente a 10 e 25 de cada mez. Unico jornal de modas que existe em Portugal, dirigido por uma senhora e primeiro e unico que traz moldes cortados com gravura descriptiva. Assigna-se e vende-se na Livraria Pereira, editora e proprietária, Rua Augusta, 50 a 54 – Preços: 1.^a edição, com figurinos coloridos, moldes cortados, debuxos, etc., cada serie de 9 numeros, 1\$500 rs.: 2.^a edição simples, só com moldes cortados, cada série de 9 numeros, 1\$100 rs; Avulso 200 e 150 rs. Para a Africa mais 10%. Para o Brazil mais 20%. Para a India mais 40%. Todo o expediente litterario á directora da *Estação*, Calçada da Estrella, 173. Assignaturas, annuncios, etc., ao administrador, Costa, Livraria Pereira, Rua Augusta, 50.

Guiomar Torrezão não limitou-se apenas a seguir o modelo de conteúdo padrão já existente dos *Almanaques*, mas com a colaboração das célebres escritoras e escritores contemporâneos que colaboraram no *Almanach das Senhoras* este foi muito para além do modelo tradicional, incluindo um surpreendente e curioso repositório de artigos, poesias, reflexões, pequenos ensaios, historietas, pensamentos, esboços biográficos, pequenas publicações, grandes homenagens, etc., tudo isto devidamente ajustado com as tabelas das marés, as fases da lua, o calendário com a indicação dos santos e das festas populares de cada dia, os eclipses, o horóscopo, os feriados, as estações do ano, os enigmas, as charadas, os passatempos, as festividades, as dicas de saúde, as dicas de beleza, etc. Tal como o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasiliro* os *Almanchs das Senhoras*, também continham separadamente por género, dois índices: para além do índice dos assim por ela carinhosamente chamados “... *Senhoras* cujos escriptos aformoseiam e glorificam as paginas deste *Almanach*...”²⁴ e para os “Cavalheiros cujos escriptos adornam as paginas do *Almanach das Senhoras*...”²⁵. Incluía ainda um índice literário, um índice de colocação de gravuras, um índice de anúncios e também um índice suplementar, e toda esta vasta imensidade de informações cabia dentro de um “simple mas requintado livrinho de bolso.”

²⁴ *Almanach das Senhoras* para 1871, pp. 3-4.

Era também no *Almanach das Senhoras* que se anunciavam os títulos dos livros de autoria feminina, bem como masculina, entre outros, que haviam sido publicados no ano transacto, o que corresponde a uma vontade deliberada de promover a literatura de autoria feminina, em pé de igualdade com a de autoria masculina, mas acima de tudo a presença activa das mulheres no campo intelectual e no mercado editorial.

6.1. As Críticas de Ramalho Ortigão ao trabalho de Guiomar Torrezão

O escritor Ramalho Ortigão, em *As Farpas*, tece comentários depreciativos em relação às publicações de Guiomar Delphina de Noronha Torrezão, afirmando categoricamente que nelas não se encontram nenhum artigo que seja digno de apreciação. Nota-se que, apesar da opinião depreciativa, extremamente crítica e com tom sarcástico, que este escritor usou para se referir ao trabalho de Guiomar Torrezão, a escritora sem mais delongas acolheu esse “texto”, ou melhor a “Carta” nas páginas do seu anuário.

Na *Carta* de Ramalho Ortigão a *D. Guiomar Torrezão*²⁶, publicada no *Almanach das Senhoras* em 1892, para o ano de 1893, (ver o Anexo I), ele sem poupar palavras elogia e prestigia grandes escritores da época, tais como: Almeida Garrett, Camilo Castelo Branco e principalmente seu amigo e compadre Eça de Queiroz, a quem ele chama de *um artista*. Logo no início da referida carta, o escritor diz que não pretende desclassificar nem desanimar ninguém, não se opondo a que haja na sociedade de que fazemos parte mais um ou dois contribuintes da casta deste “meu compadre e amigo”, referindo-se a Eça de Queirós, dizendo ainda que se há, ao todo, três artistas em Portugal.

Apenas com estas ainda que introdutórias palavras, Ramalho Ortigão consegue demarcar o seu território, dizendo que não há mais, nem melhores escritores do que os que ele se refere, todo o resto na opinião dele, apenas adquirira a “doença da escrita”, ou seja para além de não haver autores melhores, também não se coloca entre eles nenhuma mulher.

Para o escritor Ramalho Ortigão, o homem, o literato, teria um especial poder de expressão, independentemente de todos os cânones de vernaculidade e de pureza filológica. Segundo afirma, este especial poder talvez seja o mais raro dom da inteligência literária, e de análise psicológica, que fazia deles, no mundo, os melhores do século. Uma atitude um tanto quanto presunçosa e de extrema indelicadeza, até mesmo para os dias de hoje, pois sabemos que Guiomar Torrezão lutou contra tudo e contra todos aqueles que tentaram ignorar o livre exercício do pensamento e

²⁶ Ramalho Ortigão, “Carta a D. Guiomar Torrezão” *Figuras e Questões Literárias*, Tômoo II – Perfis de Escritores e Problemas de Estilo, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1945, pp. 7-19.

principalmente a emancipação das mulheres. Por fim o escritor ironicamente agradece-lhe a oportunidade de ter-lhe proporcionado mais um ensejo de expressar publicamente a sua opinião.

Na opinião da estudiosa portuguesa Ana Maria Lopes,²⁷ ela contesta as posições deste escritor fazendo uma avaliação crítica contundente sobre a opinião misógina que este manifestou em relação à escrita feminina. Nas palavras da estudiosa os comentários de Ramalho Ortigão a respeito de Guiomar Torreção, ou melhor, das mulheres, em geral, é tendencioso, demolidor e injusto. Ramalho faz, com efeito, a mesma análise e/ou crítica às revistas femininas e/ou almanaques dirigidos por homens ou quaisquer outros trabalhos elaborados pelos mesmos, pois se assim o fizesse, também verificaria que muitos deles estavam longe de corresponder aos requisitos literários e de conteúdo por ele propalados. Alguns deles, designadamente os consagrados à moda, de exclusiva responsabilidade masculina, apesar de dirigidos às mulheres eram de qualidade inferior e de fútil argumento, sem qualquer conteúdo sério. Todavia, Ramalho Ortigão exime-se a fazer comparações...²⁸

Mas não foi apenas este escritor o único desafecto de Guiomar Torreção, houve também outros, como o historiador Oliveira Martins, o qual, quando foi gentilmente convidado a publicar no *Almanach das Senhoras*, rejeitou o convite, fazendo um elogio à agulha ao invés da pena, muito comum na “Geração de 70,” e defendendo, para as mulheres, a lida doméstica em detrimento das iniciativas intelectuais, e o mundo privado em vez do mundo público. Enfim bastava-lhe apenas, dizer “não muito obrigado,” ao invés de palavras tão indelicadas e depreciativas.

²⁷ Ana Maria Costa Lopes, *Imagens da Mulher nos Periódicos Portugueses de 1820 a 1890*, Lisboa, Universidade Católica, 2003.

6.2. As Senhoras e Os Cavalheiros do *Almanach das Senhoras*

Como se verifica, Guiomar Delphina de Noronha Torrezão acreditava nas mulheres, e incentivava-as a lutarem pelos seus ideais.

Mas acima de tudo Guiomar Torrezão acreditava também que a instrução era um dos mecanismos, ou melhor um dos caminhos para a libertação das mulheres – libertação da ignorância dos erros a que a mesma conduz, do julgo desigual, da dependência e da sujeição a que a mulher tem sido submetida e votada. Por isso insiste:

“E quando a instrução não prevalece sobre o temperamento, ella será ainda a nossa mysteriosa força, a nossa intima e suave alegria, o nosso orgulho, a nossa conselheira e inspiradora, que nos salvará de todos os desencantos, que nos defenderá contra todos os desalentos, que nos dará a paz inalterável, a bondade indulgente, o desdem salutar, que nos procurará, em resumo, a maior e mais perdurável felicidade que a mulher pode encontrar na terra – a independência!”²⁹

Segundo Ana Maria Lopes, já referida anteriormente, o *Almanach das Senhoras* foi a única publicação feminina surgida em 1870. Mesmo apesar dos ataques que lhe moveu o escritor Ramalho Ortigão e do desprezo de muitos outros, a escritora Guiomar Delphina de Noronha Torrezão dirigiu e também colaborou neste anuário, assumindo, deste modo, frontalmente e habilmente funções até então consideradas como “masculinas”.

Sublinhe-se que apesar do título do *Almanach das Senhoras* indicar, à primeira leitura, uma publicação direccionada somente às mulheres, muitos foram os homens que nele colaboraram como escritores, e certamente terá tido, também, leitores masculinos. A presença de homens como colaboradores do *Almanach das Senhoras* transformou-o num espaço de diálogo, entre mulheres e homens ao longo de décadas, permitindo o convívio intelectual no espaço público dos géneros (masculino – feminino) como relação, e não-oposição universal entre ambos, tal como sua fundadora e criadora desejou, idealizou e realizou. De facto, os debates sobre as mulheres e sua missão civilizacional, eram um dos principais conteúdos do *Almanach das Senhoras*, mas estão assinados igualmente por mulheres e homens.

²⁹ Guiomar Delphina de Noronha Torrezão, *Batalhas da Vida*, 1892, p. 179 à 184.

As mulheres daquele tempo, assim como as mulheres de hoje em dia, teriam de conquistar sim, seu espaço junto aos homens, tanto em casa como fora dela, e como Guiomar Torrezão mesmo afirma, as mulheres não são nem nunca serão iguais aos homens, fisicamente, mas na alma e na inteligência porque não?! São capazes e competentes tanto quanto, basta-lhes apenas ter o livre arbítrio, sem ser enxovalhadas, por apenas querer conquistar e/ou ter o seu espaço.

A propósito de um Projecto de Lei (já mencionado em capítulos anteriores), que contemplava a fundação de liceus para a instrução secundária das mulheres que, segundo ela, veio a provocar “uma troça medonha”, porque não bastava apenas que as mulheres daquela geração fossem instruídas.

Guiomar Torrezão diz:

“Muito sinceramente lhes declaro, que não sei até que ponto isto poderá arruinar o nosso fino paladar e o nosso débil estômago feminino, a maçã da árvore da ciência; mas o que desde já lhes asseguro, é que os argumentos até hoje apresentados, contra esse substancioso fruto, exclusivamente saboreado e digerido pelo homem, não provam absolutamente nada.

Não ignoro que o vasto horizonte que acaba de descerrar-se para nós e cujo alvorecer, embora longínquo e incerto, começa a illuminar suavemente o nosso escuro caminho erriçado de escolhas e cavado de precipícios, encerra outro ideal muito mais alto, qual o de aperfeiçoar-nos pela meditação, o de emancipar-nos da tutela do erro pelo livre exercício do pensamento, e de educar em nós a geração de amanhã.

O de fazer-nos, não igual ao homem, visto como a natureza, o temperamento e o sexo extremaram a cada um a esphera, inteiramente diversa, das atribuições que a vida lhes conferiu e que o mundo lhes exige, mas sua inferior para ser por elle amoravelmente orientada, ou sua superior, para oriental-o, consolal-o e inspirar-lhe as virtudes heróicas, as audácias sobrehumanas, as dedicações illimitadas, a fé que levanta montanhas e a esperança que as flori de consoladoras illusões.”³⁰

³⁰ Maria Regina Tavares da Silva, *Op. cit.*

6.3. A Estrutura do *Almanach das Senhoras* e alguns de seus Escritores Ilustres

Uma das características que parecem poder comprovar a utilização do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, como modelo e fonte de inspiração, para a criação do *Almanach das Senhoras* é o fato de para além das muitas semelhanças com os modelos habituais de outros *almanaques*, também apresentar dois elencos de colaboradores, correspondendo a uma divisão dos seus colaboradores com base no género: um deles apresenta o título de “Senhoras”, correspondendo aos nomes das escritoras que colaboraram no respectivo número, e o título de “Cavalheiros”, correspondendo obviamente aos nomes dos escritores. Curiosamente no primeiro ano de existência do periódico, o número de colaboradoras elevou-se a vinte e sete e o de colaboradores elevou-se a trinta e oito, acredita-se porém que o número de mulheres escritoras no *Almanach das Senhoras* era menor devido ao facto das mesmas ainda terem um certo receio em publicarem seus trabalhos, mas com o passar dos anos esta atitude mudou, conforme pode-se comprovar em seus posteriores Índices.

6.3.1. As Colaboradoras do *Almanach das Senhoras*

Conforme visto em capítulos anteriores, já temos conhecimento de que a apresentação da relação das digníssimas escritoras, no decorrer de todas as publicações do *Almanach das Senhoras*, denominadas no índice como “Senhoras”, é extensa, mas gostaríamos de destacar algumas delas e assinalar quem foram estas escritoras, bem como, algo que por elas foi escrito e publicado não apenas no *Almanach*, para além da própria Guiomar Torrezão.

É o caso de **Maria Amália Vaz de Carvalho**, nascida em 1847 e falecida em 1921. Esta poetisa, autora de contos e poesias, de ensaios e biografias foi esposa do poeta parnasiano Gonçalves Crespo, e ficou sobretudo conhecida pela sua faceta de educadora, tendo deixado uma significativa obra acerca da formação das crianças e das mulheres *Cartas a Uma Noiva*, 1891, na qual assume posições bastante tradicionalistas dos papéis femininos. Escreveu crónicas, artigos políticos, folhetins de crítica e diversas traduções, para além de ter analisado, também, a condição e o papel da mulher na sociedade do seu tempo.

Em 1867, Maria Amália fez a sua estreia literária com o poema romântico *Uma Primavera de Mulher*, prefaciado por Tomás Ribeiro e aplaudido por António Feliciano de Castilho, Mendes Leal e Bulhão Pato, entre outros. Em 1876, publicou o seu primeiro livro, *Vozes no Ermo*, o qual foi elogiado por escritores como Guerra Junqueiro.

A sua residência foi uma espécie de salão literário, onde recebeu escritores como Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro e António Cândido. Iniciou a sua colaboração jornalística no *Diário Popular*, onde assinava com o pseudónimo de Valentina de Lucena, mas colaborou também no *Jornal do Comércio*, *Repórter*, *Artes e Letras*, *Diário de Notícias*, *Novidades*, *Ocidente* e *Comércio do Porto*. Sublinhe-se que colaborou também em jornais brasileiros, tais como o *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, usando um outro pseudónimo Maria de Sucena para além de Valentina de Lucena.

Grande parte de suas crônicas, nomeadamente as consagradas à crítica literária, foram reunidas nos volumes *Serões no Campo* (1877), *Arabescos* (1880), *Em Portugal e no Estrangeiro* (1899) e *Figuras de Ontem e de Hoje* (1902). Entre 1898 e 1903 publicou a biografia *Vida do Duque de Palmela D. Pedro de Sousa e Holstein*. Em 1912, ingressou na Academia das Ciências de Lisboa, a par com Carolina Michaëlis, tornando-se ambas as primeiras mulheres portuguesas a receberem essa distinção.

Apesar da feição subjectiva e impressionista característica da época, os seus textos de crítica literária espelham leituras de críticas inspiradas no conhecimento das doutrinas de Taine relativas à influência da raça e do meio sobre o indivíduo.

Na sua vasta obra, destacam-se também *Crônicas de Valentina* (1890), *A Arte de Viver na Sociedade* (1897), *As Nossas Filhas* (1905) e *No Meu Cantinho* (1909) e *Contos para os Nossos Filhos*, uma compilação de contos infantis, publicada em 1886, escrita em parceria com o seu marido Gonçalves Crespo, e que foram aprovados pelo Conselho Superior de Instrução Pública para utilização nas escolas primárias.

Segue abaixo uma das Poesias desta célebre escritora, publicada no *Almanach das Senhoras*, de 1871 para 1872:

PRIMAVERA³¹

21 de Março

Quando tu chegas, rainha
Das graças e dos amores!
com teu cortejo de flores
e orchestra de rouxinoes;
estremece a natureza
abrindo o seio fecundo
das trevas renasce um mundo
banhado d'ethereos soes!

E tu sorris ás creanças
e affagas as fronte loiras!
e as vastas campinas doiras
com divina e casta luz!
e ás almas tristes que passam
curvadas pelo martyrío
dos teus vergeis dás um lyrio
que ellas enlaçam na cruz.

³¹ *Almanach das Senhoras*, de 1871 para 1872, pp. 33-34.

Tu és a ideal amante
de quem scisma e de quem sonha
tu é a nympha risonha
das olympicas ficções,
sobre o teu leito de rosas
vives ébria de perfumes
á luz dos sidereos lumes
ao som das magas canções.

Sob o ardente sol da Grecia
foste deusa ó primavera!
Desceste da azul esphera
para os homens encantar!
dêste uma voz cariciosa
ás aguas, aos arvoredos,
ensinaste á flor segredos
com que a flor se faz amar!...

Tu que a todos os que soffrem
dás um quinhão do teu riso!
tu, sonho de um paraizo
que o Senhor nos não vedou
Inebria-me de néctar
ai! deixa que em teu regaço
eu fuja ao estranho cançasso
que a minh'alma avassallou.

Pinteus.

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

Outro nome significativo acolhido nas páginas do *Almanach das Senhoras* foi o de **Amélia Janny**, nascida em 1838 e falecida em 1914. Esta autora foi uma poetisa parnasiana. Natural de Coimbra, desde a mais tenra idade mostrou tendência e facilidade para a poesia. O escritor e poeta Dr. António Xavier Rodrigues Cordeiro lhe animou essa sua vocação, desde a adolescência apresentando-a com pouco mais de 14 anos a António Feliciano de Castilho.

Este último, referiu-se-lhe, divulgando a sua obra entre poetas, prosadores, homens de ciências e de artes desse tempo, contribuindo assim para a sua consagração como autora e Manuel Maria Bordalo Pinheiro desenhou-lhe um retrato à pena. Desde 1860, Amélia Janny passou a ser uma figura presente nos meios intelectuais de Coimbra.

Em 1880, por ocasião das festas do centenário de Camões, recitou no Teatro Académico de Coimbra, que se encontrava completamente cheio, a sua poesia *Pátria*, que foi distribuída em folhetos impressos pelos espectadores. Publicou suas poesias de modo disperso em muitos jornais. Essas não foram nunca reunidas em volume, alegadamente, por não o permitir a modéstia da poetisa.

Apesar disso, Amélia Janny foi premiada no concurso da Academia de Monte Real pela sua poesia “*Vector Hugo*,” obteve o colar do Instituto de Coimbra, era sócia do Retiro Literário Português, do Rio de Janeiro, do Grémio Literário do Pará, da Associação dos Artistas de Coimbra, e da Filantrópica Académica, entre outras sociedades culturais.

Desta também celebre escritora, no *Almanach das Senhoras*, de 1871 para 1872, publicou-se o seguinte poema:

OUTONO³²

23 de Setembro

Á minha amiga Julia Ribeiro

..... le deuil de la nature
Convient à la douleur et plait à mês regards.
LAMARTINE

Passando nos choupos que a limfa retrata
As auras da tarde soluçam no ar;
Do sol desmaiado, nas aguas de prata,
Os ultimos raios se vêm espelhar.

Em bandos enormes perpassam as aves,
Soltando uns gorgeios que alegres não são;
Do dia que morre nos hymnos suaves
Se eleva plangente sentida oração.

No campo deserto, das messes doiradas,
Só notas mirradas o acaso deixou;
Que o outomno, passando, nas mãos despiedadas
Florinhas e fructos, convulso, apertou.

Zeloso das galas das várzeas floridas,
Debalde invejando do estio o calor,
Em cada rajada ceifando mil vidas,
De tristes despojos ficando senhor.

³² *Almanach das Senhoras*, de 1871 para 1872, p. 37 à 39.

O outono nos prados que ha pouco sorriam,
Seu pallido manto, severo, estendeu,
E os pobres arbustos que as folhas vestiam,
As vêem nas cinzas que a aragem varreu!

Como elles viúva dos risos da infancia,
Perdidas as rosas que a dôr esfolhou;
Minha alma estremece chorando a fragancia
D´alegres momentos que outr´ora gosou!

Meus passos trementes, vacillam, pisando
A secca folhagem que expira no chão;
Nas crenças já murchas, meus olhos pousando
Bem vejo que os gosos jámais voltarão!

Também verde prado me foi a existencia;
Fugaz primavera, beijando-a a sorrir,
Vestiu-a d´aromas, vertendo-lhe a essencia
De tudo o que é bello, que inflora o porvir!

Qual lyrio mimoso que espera a alvorada,
E ao vêl-a, desdobra das folhas o alvor,
Minha alma innocente se abriu descuidada
Á luz feiticeira d´um fervido amor!

Depois... quanta seiva, que ardentes esp´ranças,
Que noites veladas, que sonhos gentis!
E agora, minha alma, que tristes mudanças!
Só ermos e lucto me tornam feliz!...

Por isso vos amos, rajadas do outomno,
Lamentos soltados da tarde ao morrer;
Eu amo esta quadra d´íngrato abandono,
E as margens sem viço, me causam prazer!

Eu amo este afago do sol moribundo,
Parecem-me espectros os troncos já nus!
E as tintas funéreas que espalham no mundo,
Teus raios mortiços de pallida luz!

.....

Minha alma, em saudades, desata seus cantos,
Do outomno os gemidos, se casam aos meus;
No dia em que, extinctos, seccarem meus prantos,
Recebe nas auras meu ultimo adeus!

Coimbra

D. AMÉLIA JANNY.

Também foi uma das colaboradoras do periódico **Catharina Máxima de Figueiredo**, nascida em 1829 e falecida em 1884, descendente dos Figueiredos senhores da Casa do Caminho de Baixo. A sua vida repartiu-se, sobretudo, entre Guiães e Vila Real, tendo recebido a instrução tradicional da época.

Foi uma escritora autodidacta que, superou com o seu esforço os limites e condicionalismos de sua instrução acabando por ocupar um lugar de certo destaque entre escritoras da sua época. Escreveu de acordo com o gosto em voga na altura, e o seu estilo acusa uma influência marcadamente ultraromântica, obras em poesia e em prosa. Entre outros, publicou os seguintes livros: *Extracto de um Álbum*, *Fragmento de Prosa e Verso*, *Viuvez e Saudade* e por fim *Última Instância*. Para além do *Almanach das Senhoras* colaborou em *jornais*, *revistas* e no *Almanaque de Lembranças*, dirigido por António Xavier Rodrigues Cordeiro, também ele autor de obras ultra românticas, e que vem a escrever o prefácio da “*Última Instância*”, seu último livro.

Referimos ainda a um folhetim publicado em 1885, no *Diário de Notícias*, sob o título “*A Tradição de Família - Leitura para o Serão de Minhas Filhas*”, centrado numa história de família envolvendo a figura de Frei Manuel do Cenáculo, que aliás foi padrinho de seu pai, José Maria Figueiredo de Abreu Castello Branco. No cemitério de Guiães estão afixadas diversas lápides com versos da sua autoria de Catharina Figueiredo. Pinho Leal, na notícia relativa a Vila Real, inserida no *Portugal Antigo e Moderno*, fez referência a Catharina Máxima de Figueiredo, terminando a mesma com a transcrição do poema de sua autoria *Um Salvé a Villa Real*, publicado no *Diário Ilustrado* de 16 de Julho de 1875.

Eis uma das Poesias de Catharina de Figueiredo, publicada no *Almanach das Senhoras*, de 1871 para 1872:

O CAIR DAS FOLHAS³³

Como essas folhas do Outono,
Que o vento sacode ao chão,
Cae o fasto, a opulência
E os encantos da illusão!
Como seu viço emmurchece
A formosura fenece,
E a existencia se esvae,
Da agonia na afflicção!

³³ *Almanach das Senhoras*, de 1871 para 1872, p. 139.

Ai! eu que do dom da vida
Vou sentindo os males só,
Que não seio que é ventura
E de mim chego a ter dó;
Eu... que vivo de tristeza,
Sinto paz n'esta certeza,
Que apraz á minha'alma presa
Entre as miserias do pó!

Se colheis da vida as flores,
Sem dos espinhos cuidar,
Não repareis n'estas folhas
Que na terra vem murchar!
Que a sua muda poesia,
D'uma verdade sombria,
Bem póde a vossa alegria
De estranha nuvem toldar!

D. CATHARINA MÁXIMA DE FIGUEIREDO.

Já **Maria José da Silva Canuto**, é outra das colaboradoras femininas do anuário dirigido por Guiomar, nascida em 1821 e falecida em 1890. Era filha de “pais humildes e laboriosos”, segundo os seus próprios apontamentos autobiográficos, inicia-se em 1835 no jornalismo e na poesia com um soneto publicado no periódico político da oposição, *Guarda Avançada*. Colabora em vários jornais e revistas, sob o pseudónimo de “A Portuguesa Liberal.” É autora de artigos de crítica aberta ao governo, nos quais afirma as suas convicções liberais.

Na sequência de uma mudança de orientação política, passa a escrever, desde 1841, nos jornais liberais *Revolução de Setembro*, no *Patriota*, bem como no *Bejense*, no *Diário de Notícias* e no *Jornal do Povo*. Por carta régia de 31 de Agosto de 1847, é nomeada professora da escola pública das Mercês para o sexo feminino, mas já anteriormente leccionava no ensino particular.

Maria José Canuto acompanhou António Feliciano de Castilho na sua campanha a favor da instrução popular. Entre Fevereiro de 1862 e Maio de 1863, rege gratuitamente a aula nocturna criada pelo Grémio Popular, denominada de Escola de D. Pedro V, facto que contribui para que recebesse um louvor do Governo.

D. António da Costa, o primeiro-ministro da Instrução Pública em Portugal, considerou-a um “modelo e glória das professoras portuguesas” e utilizou o seu exemplo para demonstrar que a mulher deveria ser a educadora por excelência.

A este propósito, Costa cita em *A Instrução Nacional* as seguintes palavras escritas por Maria José Canuto:

“Na minha escola oficial leccionei rapazes, e alguns de índole feroz, eram cordeiros na minha presença durante a aula, a ponto de se deliberar um deles que andava de rixa com outro a entregar-me uma choupa que trazia escondida, quando a veio buscar deu-me um livro de orações em penhor de que não usaria do ferro homicida. Já se vê, pois, que o sexo masculino não só respeita as professoras, mas que lhes imita os instintos meigos e humanitários.”³⁴

Segue abaixo uma homenagem, prestada a Condessa de Montemerly, redigida por Maria José Canuto, publicada no *Almanach das Senhoras*, de 1871 para 1872:

MORREU!³⁵

Apagou-se uma grande luz de amor da humanidade!
Morreu a condessa de Montemerly! Aquelle espirito vivaz, que ardeu constantemente atribulado pelos soffrimentos alheios, não podia deixar de quebrar prematuramente o seu invólucro gentil, para ascender á mansão dos seres immortaes! Pobre anjo do Senhor! Em nome das mulheres da Europa, em nome das escriptoras portuguezas, de quem foste nobilissimo exemplar, eu, entusiastica apreciadora da tua alma heróica e sublime, aqui te consagro singelo epithaphio – Melhor é o bom nome, do que os balsamos preciosos; e o dia da morte é melhor do que o dia do nascimento. – Ecclesiastes; cap. V, II, verso 2.

30 de Abril de 1871.

D. MARIA JOSÉ DA SILVA CANUTO.

Certamente que não poderíamos deixar de mencionar a presença de uma escritora brasileira, sendo ela **Emília Adelaide Moniz da Maia**, nascida em 1848 e falecida em 1919. Foi muito conhecida como poetisa, era natural da cidade do Rio de Janeiro, foi esposa do General Português José Rufino Moniz da Maia, tendo vivido e constituído família em Portugal.

³⁴ *Almanach das Senhoras* – de 1870 para 1871, p. 219.

³⁵ *Almanach das Senhoras* de 1871 para 1872, pp. 52-53.

Com apenas quinze anos de idade, Emília Adelaide publicou na *Revista Popular*, do Rio de Janeiro, a poesia “Súplica”, que foi muito bem recebida mais tarde, colaborou em jornais portugueses como: *A Voz Feminina*, e também com o *Almanach das Senhoras*. Entre as obras que publicou contam-se as seguintes obras: *Fleurs* (1878); *Penas* (1912); *As Sete Palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo* (1916).

Educada nos valores da caridade e da dedicação ao próximo, destinava o produto da venda dos seus livros, em parte, a fins benemerentes, para auxílio aos infelizes e os pobres, as viúvas, os soldados de comportamento exemplar e os órfãos. Perdeu o filho prematuramente: era o actor Fernando Maia, que ocupou o cargo de gerente do Teatro Nacional de D. Maria II. Mesmo que escassas, as informações sobre a referida escritora, são de grande importância frente à exiguidade de dados sobre a mesma.

Segue abaixo uma das Poesias com que esta escritora contribuiu para o *Almanach das Senhoras*, de 1871 para 1872:

CANÇÃO DO EXILIO³⁶

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.
(G. Dias)

Quero ver esses encantos
Da minha terra natal,
Quero aspirar os perfumes
Do meu clima tropical.

Quero ver essas palmeiras.
Gemendo ás brisas do sul.
Quero ver as aureas nuvens
D’aquelle ceu tão azul.

Quero á sombra dos palmares
N’essa terra de Tupá,
Ouvir ás horas da sesta
O canto do sabiá.

³⁶ *Almanach das Senhoras* de 1871 para 1872, pp. 116-119.

Quero nas noites estivas
Sentar-me á beira do mar,
E ver a lua nas ondas
A nívea face espelhar.

Quero sentir o murmúrio
Das cachoeiras frementes,
Quero ver no ceu da pátria
Essas estrellas luzentes.

Quero vêr entre as estrellas
Um grupo que tem mais luz,
Aquelle santo cruzeiro
Da terra de Santa-Cruz.

Quero á sombra das mangueiras
Nas horas do sol ardente,
Na leve rede de pennas
Embalar-me docemente.

N´aquelles climas ardentes
Ha mais doce animação,
Ha mais amores na vida,
Mais vida no coração.

As serras são mais altivas,
As flores mais perigrinas,
As veigas são mais extensas,
As aguas mais crystallinas.

Quero vêr esses encantos
Da minha terra natal,
Quero aspirar os perfumes
Do meu clima tropical.

Lisboa.

D. EMILIA DA MAIA – BRASILEIRA. –

Para além de incluir colaboração de escritoras contemporâneas, o *Almanach das Senhoras*, publicou textos de escritoras já falecidas, apresentadas como exemplos significativos de dedicação ao estudo e as letras.

Entre estas consta-se **Leonor de Almeida Lorena e Lencastre**, nascida em 31 de Outubro de 1750 e falecida em 11 de Outubro de 1839, também conhecida como: *Condessa de Oeynhausen, 7.ª Condessa de Assumar e 4.ª Marquesa de Alorna*.

Como se sabe, D. Leonor foi uma notável poetisa, sendo filha primogénita do 2.º Marquês de Alorna e 4.º Conde de Assumar, D. João de Almeida Portugal, e de sua mulher, D. Leonor de Lorena e Távora. Teve mais dois irmãos o 3.º Marquês de Alorna e 5.º Conde de Assumar, D. Pedro de Almeida de Portugal, e de D. Maria de Almeida, que casou com D. Luís António da Câmara, 6.º Conde da Ribeira Grande.

A autora teve uma infância muito atribulada, pois logo na idade de oito anos foi encerrada como prisioneira em companhia de sua mãe e sua irmã no convento de Chelas, ao mesmo tempo que seu pai era preso e encarcerado na Torre de Belém, como suspeito de ter tido conhecimento do celebre crime dos Távoras. O Marquês de Pombal ordenou aquela prisão, em vista dos laços de parentesco que ligava a família dos Marqueses de Alorna com a dos Marqueses de Távora. A separação da família Alorna durou dezoito anos, findos os quais, após a morte de el-rei D. José, D. Maria I, subiu ao trono, mandou pôr em liberdade todos os prisioneiros do Estado.

Na sua reclusão do convento de Chelas, passou a primeira quadra da vida, em companhia de sua mãe e de sua irmã, D. Leonor entregou-se aos estudos e à composição de poesias que alcançaram grande fama e que figuraram depois nas suas obras completas com o título de *Poesias de Chelas*. Estavam então em moda os chamados *outeiros* pela corte, e principalmente pelos conventos, Francisco Manuel do Nascimento, com o pseudónimo de *Flinto Elísio*.

A futura Marquesa de Alorna dedicou-se ao estudo do francês e do inglês, e adquiriu, em grande medida através da leitura, uma vasta instrução científica e literária. Também desenhava, pintava e tocava cravo. Quando a família foi libertada, foram viver para a quinta de Vale de Nabais, que possuem nas proximidades de Almeirim. Mais tarde voltaram para Lisboa.

D. Leonor de Almeida, pouco tempo depois da sua libertação enamorou-se dum fidalgo alemão, primo do Conde de Schaumbourg-Lippe, que foi contratado em 1762 pelo Marquês de Pombal para organizar e comandar o exército português. O Conde de Oeynhausen, converteu-se ao catolicismo para desposar D. Leonor de Almeida. O casamento realizou-se em 15 de Fevereiro de 1779, sendo madrinha a rainha D. Maria I e padrinho o rei seu marido, D. Pedro III. O Conde foi armado cavaleiro da ordem militar de Cristo, cerimónia a que assistiu toda a corte.

Em 1779 o Conde de Oeynhausen ocupou o cargo de Comandante do primeiro regimento de infantaria do Porto, tendo o casal residido nessa cidade, durante este ano teve a nomeação de ministro plenipotenciário de Portugal em Áustria. Os Condes de Oeynhausen, partiram então para Viena, onde residiram entre 1780 e 1785. A saúde de D. Leonor de Almeida não se dava bem com o clima da Áustria, e fosse por essa razão, ou por causa de negociações de sua casa que reclamavam a sua presença, os condes de Oeynhausen voltaram para Lisboa. O marido de D. Leonor foi então nomeado inspetor-geral da Infantaria e foi nomeado governador do Algarve, mas faleceu a 3 de Março de 1793, tendo apenas 54 anos de idade, não chegando a ocupar o cargo.

D. Leonor de Almeida retirou-se então com seus filhos para a sua propriedade de Almeirim, onde esteve algum tempo, e depois para outra propriedade que também possuía em Almada.

Foi depois nomeada dama de honor da rainha D. Carlota Joaquina, e encarregada de elaborar os desenhos para a decoração interna do Paço da Ajuda, o que não chegou a executar. Em 1803, partiu para Madrid acompanhada de seu filho, de onde se dirigiu para a Inglaterra, onde se demorou mais tempo do que tencionava, por ter tido notícia das invasões da França em Portugal e da fuga da família real para o Brasil.

Permaneceu em Inglaterra, até 1813, ano em que faleceu seu irmão D. Pedro, obtendo então licença para regressar a Portugal. A Condessa empenhou-se e empreendeu alcançar a reabilitação da memória de seu irmão, que fora condenado como traidor à pátria, mas só ao fim de dez anos, depois de muita luta, é que ela o conseguiu, e foi somente nessa época que passou a usar do título de 4.^a Marquesa de Alorna, e 6.^a Condessa de Assumar, como herdeira de seu irmão. D. Pedro de Almeida, foi ele o último Marquês da casa de Alorna.

As obras da Marquesa de Alorna, foram publicadas depois da sua morte, sendo elas: *Obras Poéticas de D. Leonor de Almeida*, em seis volumes – *Tomo I: Notícia Biográfica da Marquesa*, seguida de outra *Notícia Histórica de seu Esposo o Conde de Oeynhausen*; *Poesias* compostas no *Mosteiro de Chelas*; *Poesias* escritas depois da saída do *Mosteiro de Chelas*. – *Tomo II: Continuação das Poesias Líricas*, escritas depois da saída do *Mosteiro de Chelas*. – *Tomo III: A Primavera*, tradução livre do poema das *Estações* de Thompson; os primeiros seis *Cantos do Oberon*. – *Tomo IV: Recreações Botânicas*, poema original em seis cantos; *O Cemitério da Aldeia*, elegia,

imitada de Gray; *O Eremita*, balada imitada de Goldsmith; *Ode*, imitada de Fulvio Testi; *Ode de Lamartine a Flinto Elysio*, traduzida; a *Epistola a Lord Byron*, imitação da 2ª meditação de Lamartine; imitação da 28ª meditação do mesmo poeta, intitulada: *Deus*. – Tomo V: *Poética de Horácio*, traduzida com o texto; *Ensaio Sobre a Critica*, de Pope com o texto; *O Rapto de Proserpina*, poema de Claudiano em quatro livros com o texto e para finalizar – Tomo VI: *Paráfrase dos Cento e Cinquenta Salmos que Compõem o Saltério*. Uma parte da sua paráfrase em versos do *Saltério* foi publicada quando a Marquesa ainda era viva, em Lisboa, em 1833. O primeiro corpus de paráfrases saíra também anteriormente com o título: *Paráfrase e Vários Salmos*, também impressos em Lisboa, em 1817.³⁷

Segue abaixo uma das Poesias da Marquesa de Alorna publicada por Guiomar Torrezão no *Almanach das Senhoras*, de 1871 para 1872:

AMOR PRESO PELAS MUSAS³⁸

(Ode anacreontica)

As musas amor prenderam
E com cadeias de rosas
Fortemente lhe ligaram
As travessas mãos mimosas.

Venus, vendo o filho preso
Quis carinhosa soltar-o;
Mas o preço que offertava,
Nunca pode resgatal-o.

Embora o grillão lhe quebre
Nem assim o ha de soltar;
Amor com taes carcereiras,
Quer prisioneiro ficar.

Costumado ao jugo amável
Do talento e da verdade,
Julgou o seu captiveiro;
Mais doce que a liberdade.

MARQUEZA D'ALORNA.

³⁷ Portugal - *Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico*, Volume I, p. 324 à 326. Edição em papel: Lisboa, João Romano Torres Editor, 1904-1915, Edição Electrónica: 2000-2010.

³⁸ *Almanach das Senhoras*, de 1871 para 1872, 188.

6.3.2. Os Colaboradores do *Almanach das Senhoras*

Através dos índices denominados “Cavalheiros”, encontra-se o nome dos escritores que colaboraram no *Almanach das Senhoras*. Dentre esses destacaremos alguns escritores, como **António Feliciano de Castilho** que, nascido em 1800 e falecido em 1875, foi o primeiro Visconde de Castilho. Foi um escritor polemista e pedagogo, inventor do Método Castilho de Leitura.

Como se sabe, em consequência de sarampo António Feliciano de Castilho perdeu a visão quase completamente aos 6 anos de idade. Mas, apesar da cegueira o autor licenciou-se em Direito na Universidade de Coimbra, e viveu alguns anos em Ponta Delgada, Açores, onde exerceu uma grande influência entre a intelectualidade local. Foi contra ele que se rebelou o também escritor Antero de Quental (entre outros jovens estudantes coimbrões) na célebre polémica do “Bom-Senso e Bom-Gosto,” vulgarmente chamada de *Questão Coimbrã*³⁹, que opôs os jovens representantes do realismo e do naturalismo aos vetustos defensores do ultra-romantismo.

Acompanhado por seu irmão Augusto Frederico de Castilho, quase da mesma idade, com ele estudou humanidades, e instruiu-se no conhecimento dos poetas latinos, que afirmou sempre preferir entre todos, e com ele se matriculou na Universidade de Coimbra em que ambos se formaram. Foi discípulo do padre José Fernandes, latinista e poeta, a quem deveu os elementos necessários para adquirir o conhecimento profundo da língua latina, que sempre o distinguiu.

António Feliciano de Castilho tinha 16 anos quando escreveu e publicou pela primeira vez: um *Epicédio na Morte da Augustíssima Senhora D. Maria I, Rainha Fidelíssima*. Esta obra foi acolhida com surpresa, por ser assinada por um poeta de tão tenra idade e, sobretudo, cego. Em reconhecimento, foi-lhe concedida uma pequena pensão com carácter de incitamento. Em 1818 publicou outro poema, intitulado *À Faustíssima Aclamação de S. M. o S. D. João VI ao Trono*.

³⁹ Questão Coimbrã foi o primeiro sinal de renovação ideológica do século XIX entre os defensores do “*statu quo*”, desactualizados em relação à cultura europeia, e um grupo de jovens escritores estudantes em Coimbra, que tinham assimilado as ideias novas.

Esta composição, e aquela que publicara a propósito do falecimento da Rainha, granjearam-lhe o ofício de escrivão chanceler e promotor do Juízo da Correção da Cidade de Coimbra, cujo lugar, pelo impedimento imposto pela cegueira, foi exercido por seu tio, António Barreto de Castilho.

Em 1820 publicou uma *Ode à Morte de Gomes Freire e seus Sócios*. Nesse ano também imprimiu anonimamente o elogio dramático *A Liberdade*, destinado a ser representado num teatro particular. No sarau realizado na Sala dos Capelos da Universidade de Coimbra, em 21 e 22 de Novembro de 1820, António Feliciano de Castilho recitou várias composições, que foram mais tarde insertas na *Colecção de Poemas* publicada em Coimbra. Em 1821 imprimiu o seu poema à maneira clássica, intitulado *Cartas de Echo e Narciso*, dedicadas à mocidade académica.

Segue abaixo conforme o seu título diz um fragmento de uma tradução do *Fausto de Goethe*, um dos trabalhos mais polémicos deste celebre escritor, que foi reproduzido no *Almanach das Senhoras*, de 1871 para 1872:

FRAGMENTO DA TRADUÇÃO DO

FAUSTO

De Goerche

Na taberna de Auerbach – Festa de rapaziada⁴⁰

.....
*O BOTA FOGO (Dá um grande murro em cima da meza.
Ficam todos sentados á escuta. Levanta-se com gravidade).*

Atenção; vou fallar. Calem-se todos.
Ninguém me negara que eu sei as regras
do bom viver. Aqui n'esta assembléa
ha gente femieira, á qual eu devo,
em attenção á sua dignidade,
offerecer n'este serão de amigos
algum pratinho bom. Ahi vai; sentindo;
uma canção do trinque; e vocês, sucia,
berrem-me no estribilho até que estoirem.

(Erguem-se todos, e vão rodeal-o com os copos na mão)

⁴⁰ *Almanach das Senhoras* de 1871 para 1872, pp. 44-47.

O BOTAFOGO (*canta*)

Era uma vez um ratinho,
Que tinha feito o seu ninho
N´uma dispensa real.
A dispensa era tamanha,
que em mar de manteiga e banha
nadava o nosso animal.

Roe, roe, roe, não tem parança;
engorda; cresce-lhe a pansa
de um modo descommunal!
Nem o pae do nosso clero,
o grande doutor Lutherero
se gabou de pansa tal.

Cosinheira que anda á espreita
descobre-o, e treda lhe ageita
bom pitéo arsenical.
Apesar de andar sem fome,
o bichinho prova, come,
comeu tudo... achou-se mal.

São pinchos, são guinchos,
co´a dor interior,
que todos diriam
que dentro lhe ardiam
garrochas de amor!

CORO

Sim; dentro lhe ardiam
garrochas de amor!

O BOTAFOGO (*continuando a cantar*)

Corria de cabo a cabo;
dava dentadas no rabo;
fugia para o quintal;
mordia; arranhava; a fragoa
era tal, que á mingua d´agua
bebia n´um lodaçal.

Contemplar tanta agonia,
em lágrimas desfaria
corações de pedernal;
vêr passar este innocente
de uma vida tão contente
para um supplicio infernal!

Nem chia! arqueja deitado.
Sente que o termo é chegado
da sua vida mortal.
Molestias d'estas e amores
não as entendem doutores,
nem se curam no hospital.

São pinchos, são guinchos,
co'á dor interior,
que todos diriam
que dentro lhe ardiam
garrochas de amor!

CORO

Sim; dentro lhe ardiam
Garrochas de amor!

O BOTAFOGO (*continuando a cantar*)

Sem lhe importar com ser dia,
no exaspero da agonia
corre á cosinha fatal;
e espumando a atroz peçonha,
na amada manteiga sonha,
e bufa o sopro final.

Foi seu fúnebre elogio,
rir-lhe sobre o corpo frio
a cosinheira brutal:
- “Adeus, rei dos roedores!
tambem quem morre d'amores
padece martyrio igual.”

Que sorte! que morte!
Senhor, por favor,
livrae-nos de asneiras
de más cosinheiras,
bem como de amor!

CORO

Livrae-nos, Senhor,
Livrae-nos de amor!

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

Bem conhecido da posteridade foi **Joaquim Guilherme Gomes Coelho**, nascido em 1839 e falecido em 1871 que usou o pseudónimo de **Júlio Dinis**. Era filho de José Joaquim Gomes Coelho, cirurgião, natural de Ovar, e de Ana Constança Potter Pereira Gomes Coelho, de ascendência anglo-irlandesa, que faleceu vítima da tuberculose quando Júlio Dinis contava apenas seis anos de idade.

O escritor frequentou a escola primária em Miragaia tendo concluído, aos catorze anos de idade (1853), o curso preparatório do liceu. Matriculou-se depois na Escola Politécnica, tendo, em seguida, transitado para a Escola Médico-Cirúrgica do Porto, cujo curso completou em 1861, com alta classificação. Mais tarde em 1867, foi incluído como demonstrador e lente substituto no corpo docente desta mesma Escola.

Sofrendo de tuberculose desde muito cedo, Júlio Dinis se transferiu temporariamente para Ovar, para casa de uma sua tia, Rosa Zagalo Gomes Coelho, esperançado em encontrar cura no ambiente mais salutar da província. E foi ainda esperançado numa cura de ares, que esteve duas vezes na ilha da Madeira, além de outras viagens com fins terapêuticos que terá feito através do país. Contudo simplesmente, o mal de Júlio Dinis não tinha cura na época. E com trinta e dois anos apenas, morria aquele que foi o mais “*suave e terno romancista português, cronista de afectos puros, paixões simples, prosa limpa*”. De resto, essa terrível doença, que já havia vitimado a mãe, em 1845, foi a causa da morte de todos os seus oito irmãos.

O romance mais célebre de Júlio Dinis talvez tenha sido *As Pupilas do Senhor Reitor*, que foi publicado em 1869, que foi representado em palco e também transformado em filme. Um ano antes, tinha sido dado a público *Uma Família Inglesa* e, em 1870, veio a público os *Serões da Província*. No ano do seu falecimento, 1871, publicou-se o romance *Os Fidalgos da Casa Mourisca*. Só depois da sua morte se publicaram *Inéditos e Esparsos*, em dois volumes, assim como as suas *Poesias*, dadas à estampa entre 1873 e 1874. Júlio Dinis foi o criador do romance campesino, e as suas personagens, retratadas, na sua maioria, a partir da observação de pessoas com quem viveu ou contactou na vida real, estão imbuídas de tanta naturalidade que muitas delas nos são ainda hoje familiares.

É o caso da tia Doroteia, de *A Morgadinha dos Canaviais*, inspirada por sua tia, em casa de quem viveu, quando se refugiou em Ovar, ou de Jenny, para a qual recebeu inspiração da sua prima e madrinha, Rita de Cássia Pinto Coelho.

Além deste pseudónimo, Júlio Dinis usou também o de Diana de Avelada, com que assinou narrativas curtas como *Os Novelos da Tia Filomena* e o *Espólio do Senhor Cipriano*, publicados em 1862 e 1863, respectivamente. Foi com este pseudónimo que se iniciou nas andanças das letras, tendo, com ele, assinado também pequenas crónicas no *Diário do Porto*.

Segue abaixo, uma das Poesias deste celebre escritor publicada no *Almanach das Senhoras*, de 1872 para 1873:

ANDORINHAS⁴¹

Fugi, andorinhas; em mais longes plagas
Buscae outras praias, florestas e ceo:
Que é triste o bramido que soltam as vagas
E um vento presago nos bosques gemeu.

Fugi, namoradas das flores e estrellas,
Olhae: estes campos sem flores estão,
E cedo os espaços, á voz das procellas,
Sinistros, cerrados, sem luz ficarão.

Fugi, apressai-vos, alados viajantes,
Em brandos ligeiros os mares cruzae.
Por outros paizes, por selvas distantes,
Mais flores e aroma, mais luz procurae.

Deixae estes montes de neve c'roados,
As selvas despidas, e as folhas sem cor,
As grossas torrentes e os troncos quebrados
E os valles cobertos de denso vapor.

E quando, mais tarde, na verde campina
As rosas voltarem com viço a florir,
E as serras, despidas da intensa neblina,
Virentes, formosas se virem surgir.

E quando deslisem na praia arenosa
Mais lentas, mais brandas, as vagas do mar
E das laranjeiras de copa frondosa
Cairem as flores no chão do pomar;

E quando fugirem informes, pezadas,
As nuvens sombrias que se erguem do sul,
Correndo dispersas e em flocos rasgadas
Nos plainos immensos de um límpido azul.

Voltae; nova quadra de amores vos chama,
Dos climas distantes p'ra estes parti;
Então tudo é vida, já tudo se inflamma,
Ha luz, ha perfumes, faltaes vós aqui!

⁴¹ *Almanach das Senhoras*, de 1872 para 1873, pp. 141-142.

Voltae, que de novo serão florescentes
 As selvas, os prados, o monte, os vergeis;
 Quietas as brisas, as aguas dormentes
 Nos lagos tranquilos de novo vereis.
 Só eu que vos sigo com vistas saudosas
 Ao vosso desterro, dos mares além,
 Já quando no prado brotarem as rosas,
 Talvez não reviva co'as rosas também.
 Ai, não, não revivo, que o vento do outomno
 Gemendo angustiado nas brenhas do val,
 Convida-me ao leito do plácido somno
 E as nenias entoa do meu funeral.
 Eu morro! Na chamma do sol que declina
 Bem sinto o presagio d'um proximo fim.
 Se um dia voltardes á nossa collina,
 Ó doces amigas! lembrae-vos de mim;
 D'aquella, que triste, vagando no olmedo
 O adeus da partida vos veio dizer.
 Quem sabe das campas o occulto segredo?
 Talvez vossos cantos eu possa entender.
 Talvez que, ao ouvir-nos a queixa sentida
 Quebrando das noites a triste mudez;
 Â sombra dos cedros da escura avenida
 Acorde, a escutar-vos ainda uma vez.

JULIO DINIZ

Também fez parte do grupo de autores que colaboraram no *Almanach das Senhoras*, fundado por Guiomar Torrezão o escritor e pensador **Antero de Quental**, nascido em 1842 e falecido em 1891. Como se sabe, durante a sua vida, Antero dedicou-se à poesia, à filosofia e à política. Iniciou seus estudos na cidade natal, mudando para Coimbra aos 16 anos, onde estudou Direito e manifestou as primeiras ideias socialistas. Fundou em Coimbra a “Sociedade do Raio”, que pretendia renovar o país pela literatura.

Em 1861, Antero de Quental publicou seus primeiros sonetos. Quatro anos depois, publicou as *Odes Modernas*, influenciadas pelo socialismo experimental de Proudhon, enaltecendo a revolução.

Nesse mesmo ano iniciou a Questão Coimbrã, em que Antero de Quental e outros poetas foram atacados por António Feliciano de Castilho, por instigarem a revolução intelectual.

Como resposta, Antero publicou os opúsculos *Bom Senso e Bom Gosto, carta ao Exmo. Sr. António Feliciano de Castilho*, e *A Dignidade das Letras e as Literaturas Oficiais*.

Ainda em 1866 Antero de Quental foi viver em Lisboa, onde trabalhou como tipógrafo, profissão que exerceu também em Paris, em 1867. Em 1868 regressou a Lisboa, onde formou o *Cenáculo*, de que fizeram parte, entre outros, Eça de Queirós, Abílio de Guerra Junqueiro e Ramalho Ortigão. Antero de Quental foi um dos fundadores do Partido Socialista Português. Em 1869, fundou o jornal *A República*, com Oliveira Martins, e em 1872, juntamente com José Fontana, passou a editar a revista *O Pensamento Social*. Em 1873 herdou uma quantia considerável de dinheiro, o que lhe permitiu passar a viver dos rendimentos dessa fortuna.

Em 1874, por ter contraído tuberculose, descansou por um ano, mas em 1875, fez a reedição das *Odes Modernas*. Em 1879 mudou-se para o Porto, e em 1886 publicou aquela que é considerada pelos críticos como sua melhor obra poética, *Sonetos Completos*. Em 1880, adoptou as duas filhas do seu amigo, Germano Meireles, que faleceu em 1877. Em Setembro de 1881 foi, por razões de saúde, e a conselho do seu médico, viver em Vila do Conde, onde fixou residência até Maio de 1891, com pequenos intervalos nos Açores e em Lisboa. O período em que viveu em Vila do Conde foi considerado pelo poeta o melhor período da sua vida.

Em 1886 foram publicados os *Sonetos Completos*, corrigidos e prefaciados por Oliveira Martins.

Em 1887, Antero de Quental permaneceu nos Açores, voltando depois, de novo, a Vila do Conde. Devido à sua estadia em Vila do Conde, foi criado nesta cidade, em 1995, o “Centro de Estudos Anterianos”.

Em 1890, devido à reacção nacional contra o ultimato inglês, aceitou presidir à *Liga Patriótica do Norte*, mas a existência da Liga foi efémera. Quando regressou a Lisboa, em 1891, instalou-se em casa da irmã, Ana de Quental. Como era portador de Distúrbio Bipolar, nesse momento o seu estado de depressão era permanente.

Após algum tempo, regressou a Ponta Delgada, onde suicidou-se, com dois tiros na boca, disparados num banco de jardim de um convento, no Campo de São Francisco Xavier.

No *Almanach das Senhoras*, de 1872 para 1873, saiu publicada a seguinte composição deste célebre escritor:

A UMA CRIANÇA⁴²

Em bem sei que te chamam *pequenina*,
E ténue, como o véu solto na dança,
Que és, no juízo, apenas a *criança*,
Pouco mais, nos vestidos, que a *menina*:

Que és o regato d'agoa mansa e fina;
A folhinha do til que se balança;
O peito que em correndo logo cança;
E a frente que ao soffrer logo se inclina...

Mas, filha, lá nos montes onde andei,
Tanto me enchi de angustia e de receio
Ouvindo da grandeza os longos echos,
Que não quero imperar, nem já ser rei,
Senão tendo meus reinos em teu seio,
E súbditos, criança, em teus bonecos!

Coimbra.

ANTHERO DE QUENTAL

Outro grande vulto que colaborou na publicação feminina de Guiomar Torrezão foi **José Maria de Eça de Queirós**, nascido em 1845 e falecido em 1900. Eça de Queiros era filho de José Maria Teixeira de Queirós, nascido no Rio de Janeiro em 1820, e de Carolina Augusta Pereira D'Eça, nascida em Monção em 1826. O pai de Eça de Queirós, magistrado e par do reino, convivia regularmente com Camilo Castelo Branco, quando este vinha à Póvoa do Vazim para se divertir no Largo do Café Chinês.

Eça de Queirós foi baptizado como filho natural de José Maria D'Almeida de Teixeira de Queirós e de Mãe incógnita.

Uma das teorias para tentar justificar o facto dos pais do escritor não se terem casado antes do nascimento deste seria a de que Carolina Augusta Pereira de Eça não teria obtido o necessário consentimento da parte de sua mãe, já viúva do coronel José

⁴² *Almanach das Senhoras* de 1871 para 1872, p. 79.

Pereira de Eça. De facto, seis dias após a morte da avó que a isso se oporia, casaram-se os pais de Eça de Queirós, quando o menino tinha quase quatro anos.

Por via dessas contingências o pequeno José Maria foi entregue a uma ama, aos cuidados de quem ficou até passar para a casa da sua avó paterna em Verdemilho em Aradas, Aveiro. Depois da morte desta em 1900, foi internado no Colégio da Lapa, no Porto, de onde saiu em 1861, com dezasseis anos, para a Universidade de Coimbra onde estudou Direito. Além do escritor, os pais teriam mais seis filhos.

O pai era magistrado, formado em Direito por Coimbra. Foi juiz instrutor do célebre processo de Camilo Castelo Branco, juiz da Relação e do Supremo Tribunal de Lisboa, presidente do Tribunal do Comércio, deputado por Aveiro, fidalgo cavaleiro da Casa Real, par do Reino e do Conselho de Sua Majestade. Foi ainda escritor e poeta.

Em Coimbra, Eça de Queirós ficou amigo de Antero de Quental. Os seus primeiros trabalhos, publicados avulsos na revista *Gazeta de Portugal*, foram depois coligidos em livro, publicado postumamente com o título *Prosas Bárbaras*. Em 1866, Eça de Queirós terminou a Licenciatura em Direito na Universidade de Coimbra e passou a viver em Lisboa, exercendo a advocacia e o jornalismo. Foi director do periódico *O Distrito de Évora*. Porém continuaria a colaborar esporadicamente em jornais e revistas ocasionalmente durante toda a vida. Mais tarde fundaria a *Revista de Portugal*.

Entre 1869 e 1870, Eça de Queirós fez uma viagem de seis semanas ao Oriente, em companhia de D. Luís de Castro, 5.º Conde de Resende, irmão da sua futura mulher, D. Emília de Castro, tendo assistido no Egipto à inauguração do canal do Suez. Aproveitou as suas notas da viagem para alguns dos seus trabalhos, o mais notável dos quais *O Mistério da Estrada de Sintra*, em 1870, e *A Relíquia*, publicado em 1887. Em 1871, foi um dos participantes das chamadas “Conferências do Casino.”

Em 1870 ingressou na Administração Pública, ter sido nomeado administrador do Concelho de Leiria. Foi enquanto permaneceu nesta cidade, que Eça de Queirós escreveu a sua primeira novela realista, *O Crime do Padre Amaro*, publicada em 1875.

Tendo ingressado na carreira diplomática, em 1873 foi nomeado cônsul de Portugal em Havana. Os anos mais produtivos de sua carreira literária foram passados em Inglaterra, entre 1874 e 1878, durante os quais exerceu o cargo em Newcastle e Bristol.

Eça de Queirós escreveu então alguns dos seus trabalhos mais importantes, entre os quais se conta *A Capital*. Manteve a sua actividade jornalística, publicando esporadicamente no *Diário de Notícias*, em Lisboa, a rubrica *Cartas de Inglaterra*. Mais tarde, em 1888 viria a ser nomeado Cônsul em Paris.

Seu último livro foi *A Ilustre Casa de Ramires*, um romance sobre um fidalgo do século XIX com problemas para se reconciliar com a grandeza de sua linhagem.

Eça de Queirós foi também o autor da *Correspondência de Fradique Mendes e A Capital*, obra cuja elaboração foi concluída por seu filho e publicada, postumamente, em 1925. Fradique Mendes, foi um aventureiro fictício imaginado por Eça de Queirós e por Ramalho Ortigão, que aparece também no *Mistério da Estrada de Sintra*. Os seus trabalhos foram traduzidos em aproximadamente vinte línguas.

Segue abaixo, um fragmento do texto – *Cairo a Jerusalém* (Inédito), deste celebre escritor, publicado, no *Almanach das Senhoras*, de 1872 para 1873:

Fragmento do CAIRO A JERUSALEM⁴³

INEDITO

.....
.....

O arabe nunca falla na mulher; será para elle a cousa sagrada, intima ou discreta? ou é simplesmente a cousa humilhante? Aquelle silencio é respeito ou é desdém? Sei de arabes que despresam o seu harem; que ao contacto dos nossos habitos, das nossas idéas e da nossa critica, com a presença da mulher europea, comprehendem o vasio, a imbecilidade e a miseria do harem; e vêem quanto as mulheres arabes são inuteis, materiaes, estúpidas e phisicas, adornos de carne. Esses despresam o harem. No entanto, o sentimento geral não é este: o arabe e musulmano, que despresa as nossas idéas, os nossos costumes, a nossa architectura, o nosso Christo, os nossos vestuarios e o nosso tabaco, despreza soberbamente as nossas mulheres. Uma europea, rindo, fallando, decotada, mostrando o rosto, agitando o leque, flexivel, agil, nervosa é para elles uma cousa grotesca, impudica, ridicula até; pode-o fazer rir como um histrião, mas enche-o de tedio como uma immundicie.

Supponho que o arabe evita fallar das mulheres por um sentimento de intima reserva, de pudor sensivel, de áspera delicadeza. Supponho mesmo que evita fallar n'ellas

⁴³ *Almanach das Senhoras* de 1871 para 1872, pp. 144-146.

como a sua grande fraqueza; porque é uma fraqueza. O arabe é honrado, activo, digno, nada é capaz de o domar, de o captivar, é o perpetuo cavalleiro; nomade nas tendas, especulador nos bazares, a sua dignidade é sempre a mesma, profunda, apparatusa e grave. Tem uma fraqueza apenas – a mulher: a mulher subjuga-o, dá-lhe vicios; ppor ella ama a indolencia, ama o tabaco, ama a immobilidade, ama até a escravidão. É pela influencia da mulher, que a civilização arabe é fraca e fluctuante; é por ella que o Alcorão pecca; foi ella que introduziu na vida de Mahomet as condescendências que tornarão infecunda a sua obra maravilhosa! A mulher é a chaga do Oriente.

O arabe intelligente, imaginoso, viril e justo, conhece quanto a mulher arabe é imperfeita e perigosa; não a acceita como uma companheira, não faz d'ella a sua confidente; não a estima: raras vezes vem comer em companhia d'ella; não a admite ao acto mais sublime da vida de um musulmano, á oração; exclue-a da mesquita, da escola, quasi do pensamento; dá-lhe joias, vestidos, mas bane-a do seu coração e da sua consciencia.

O que diria a uma amigo, nunca o diria a uma mulher. Attribute-lhe todos os vicios; cerca-a de humilhações, julga-a em revolta perpetua; considera-a como um ser cheio de instinctos animaes, que é impossível transformar, e por consequencia que é necessario encarcerar; para isso cerca-a de muralhas, de ennuços, em casa, no banho, na rua se vae a pé, em redor do burro se vae o cavalo, se vae n'uma carruagem ao lado do cocheiro na almofada. O Alcorão amaldiçoa aquelles que dizem que os anjos tem forma de mulher!

E no entanto, a sua preocupação, o seu interesse mais vivo, a sua miseria é a mulher! Não a póde deixar um momento; considera-a como cousa indispensavel. Os principes prisioneiros podem levar consigo as mulheres: levam-n'as para a guerra, levam-n'as para as largas viagens, e quando ellas morrem attribuem-lhes paraizo musulmano, não para recompensas; mas como creadas de uma estalagem, ou de um khaw, para os receberem e para lhes fazerem cortejo.

EÇA DE QUEIROZ

Cabe também mencionar **Antônio Gonçalves Dias**, nascido em 1823 e falecido em 1864, um poeta e teatrólogo brasileiro. Era filho de uma união não oficializada entre um comerciante português com uma mestiça cafuza brasileira (o que muito o orgulhava de ter o sangue das três raças formadoras do povo brasileiro: branca, indígena e negra).

Inicialmente estudou por um ano com o professor José Joaquim de Abreu, quando começou a trabalhar como caixeiro e a tratar da escrituração da loja de seu pai, que veio a falecer em 1837. Iniciou seus estudos de Latim, Francês e Filosofia em 1835 quando foi matriculado em uma escola particular.

Gonçalves Dias foi estudar para a Europa, em Portugal, em 1838, onde terminou os estudos secundários e ingressou na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra no ano de 1840, retornando em 1845, após bacharelar-se. Mas antes de retornar ao Brasil, ainda em Coimbra, participou dos grupos medievistas de *Gazeta Literária* e de *O Trovador*, compartilhando das ideias românticas de Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Antonio Feliciano de Castilho.

Por se achar tanto tempo fora de sua pátria inspira-se para escrever a *Canção do Exílio* e parte dos poemas de “Primeiros Cantos” e “Segundos Cantos”, o drama “Patkul”, e “Beatriz de Cenci”, que foi rejeitado por sua condição de texto “ímoral” pelo Conservatório Dramático do Brasil. Foi ainda neste período que escreveu fragmentos do romance biográfico “Memórias de Agapito Goiaba”, destruído depois pelo próprio poeta, por conter alusões a pessoas ainda vivas.

No ano seguinte ao seu retorno conheceu aquela que seria sua grande musa inspiradora Ana Amélia Ferreira Vale. Várias de suas peças românticas, inclusive “Ainda uma vez — Adeus”, foram escritas para ela.

Nesse mesmo ano ele volta para o seu país de origem, viajando para a cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil, onde trabalhou como professor de história e latim do Colégio Pedro II, além de ter actuado como jornalista, contribuindo para diversos periódicos, sendo eles: *Jornal do Comércio*, *Gazeta Oficial*, *Correio da Tarde* e *Sentinela da Monarquia*, publicando crônicas, folhetins teatrais e críticas literárias.

Em 1849 juntamente com Manuel de Araújo Porto-Alegre e Joaquim Manuel de Macedo fundou a revista *Guanabará*, que divulgava o movimento romântico da época. Em 1851 voltou a São Luís do Maranhão, a pedido do governo para estudar o problema da instrução pública naquele estado.

Gonçalves Dias quis pedir Ana Amélia em casamento em 1852, mas a família dela, em virtude da ascendência mestiça do escritor, recusou o pedido. No mesmo ano retornou ao Rio de Janeiro, onde casou-se com Olímpia da Costa. Logo depois foi nomeado oficial da Secretaria dos Negócios Estrangeiros.

Passou os quatro anos seguintes na Europa realizando pesquisas em prol da educação nacional. Regressando novamente ao Brasil foi convidado a participar da “Comissão Científica de Exploração”, pela qual viajou por quase todo o norte do país. Voltou à Europa em 1862 para um tratamento de saúde. Não obtendo resultados retornou ao Brasil em 1864 no navio *Ville de Boulogne*, que naufragou na costa brasileira, todos os passageiros se salvaram, excepto o poeta, que ficou esquecido agonizando em seu leito e se afogou. Sua obra pode ser enquadrada no Romantismo. Gonçalves Dias, procurou formar um sentimento nacionalista ao incorporar assuntos, povos e paisagens brasileiras na literatura do Brasil. Ao lado do também escritor José de Alencar, desenvolveu o Indianismo. Por sua importância na História da Literatura Brasileira, podemos dizer que Gonçalves Dias incorporou uma ideia de Brasil à literatura nacional.

Segue abaixo, uma das Poesias deste celebre escritor, que figura, no *Almanach das Senhoras*, de 1871 para 1872:

O CANTO DO PIÁGA⁴⁴

I

Ó guerreiros da Taa sagrada,
Ó guerreiros da tribu tupi,
Fallam deuses nos cantos do Piága
Ó guerreiros, meus cantos ouvi.

Esta noite – era a lua já morta –
Anhangá me vedava sonhar;
Eis na horrivel caverna que habito,
Rouca voz começou-me a chamar.

Abro os olhos, inquieto, medroso,
Manitós! que prodigios que vi!
Arde o pau de rezina fumosa
Não fui eu, não fui eu que o accendi!

Eis rebenta a meus pés um phantasma,
Um phantasma de immensa extensão,
Liso craneo repousa a meu lado,
Feia cobra se enrosca no chão.

⁴⁴ *Almanach das Senhoras* – de 1871 para 1872 – p. 95 à 98.

O meu sangue gelou-se nas veias,
Todo inteiro – ossos, carnes – tremi!
Frio horror me coou pelos membros,
Frio vento no rosto senti.

Era feio, medonho, tremendo,
Ó guerreiros, o espectro que eu vi.
Fallam deuses nos cantos do Piága,
Ó guerreiros meus cantos ouvi!

II

– Porque dormes ó Piága divino?
Começou-me a visão a fallar,
– Porque dormes? O sacro instrumental,
De per si já começa a vibrar.

Tu não viste nos céos um negrume,
Toda a face do sol offuscar,
Não ouviste a coruja de dia,
Sons estrídulos torva soltar.

Tu não viste dos bosques a coma,
Sem aragem vergar-se e gemer,
Nem a lua de fogo entre nuvens,
Qual em vestes de sangue nascer?

E tu dormes ó Piága divino!
E Anhangá te proíbe sonhar!
E tu dormes, ó Piága e não sabes,
E não podes augúrios cantar?!

Ouve o annuncio do horrivel phantasma,
Ouve os sons do fiel maracá;
Manitós já fugiram da Taba!
Ó desgraça, ó ruína, o Tupá!

III

Pelas ondas do mar sem limites,
Basta selva, sem folhas, ahi vem;
Fartos troncos, robustos, gigantes,
Vossas mattas taes monstros contém.

Traz em tira dos cimos pendente,
– Brenha espessa de vario cipó –
D´essas brenhas contém vossas mattas,
Taes e quaes, mas com folhas; e só!

Negro monstro os sustenta por baixo,
Branças azas abrindo ao tufão,
Como um bando de cândidas garças

Que nos ares pairando – lá vão.
Oh! quem foi das estranhas das aguas,
O marinho arcabouço arrancar?
Nossas terras demanda, fareja...
Esse monstro... – o que vem cá buscar?

Não sabeis o que o monstro procura?
Não sabeis a que vem, o que quer?
Vem matar vossos bravos guerreiros
Vem roubar-vos a filha, a mulher!

Vem trazer-vos crueza, impiedade –
Dons crueis do cruel Anhangá,
Vem quebrar-vos a maça valente,
Profanar manitós, maracá.

Vem trazer-vos algemas pezadas,
Com que a tribu Tupi vae gemer;
Hão de os velhos servirem de escravos,
Mesmo o Piága inda escravo hade ser!

Fugirei procurando um asylo,
Triste asylo por ínvio sertão;
Anhangá de prazer hade rir-se,
Vendo os vossos quão poucos serão!

Vossos Deuses ó Piaga conjura
Sinto as iras do fero Anhangá;
Manitós já fugiram da Taba,
Ó desgraça, ó ruina, ó Tupá!

GONÇALVES DIAS – BRASILEIRO

E por fim um dos mais famosos escritores presentes no *Almanach das Senhoras* foi **Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco**. Nascido em 1825 e falecido em 1890, teve uma vida atribulada. Vindo de uma família da aristocracia da província, viveu entre Vila Real de Trás os Montes, Viseu e Lisboa. Era filho de Jacinta Rosa do Espírito Santo Ferreira, com quem seu pai não casou, mas de quem teve dois filhos. Camilo foi perfilhado por seu pai em 1829, como “filho de mãe incógnita.” Camilo Castelo Branco ficou órfão de mãe quando tinha um ano de idade e de pai aos dez anos, tendo sido recebido por uma tia de Vila Real, e depois por uma irmã mais velha, Carolina Rita Botelho Castelo Branco, em Vilarinho de Samardã, em 1839.

A sua educação foi irregular e feita sobretudo através do ministério de dois padres de província e das leituras feitas desde a sua adolescência, sobretudo dos clássicos portugueses e latinos e da literatura eclesiástica.

Com apenas dezasseis anos em 1841, Camilo Castelo Branco casou com Joaquina Pereira de França e instalou-se em Friúme (Ribeira de Pena). No ano seguinte preparou-se para ingressar na Universidade, indo estudar com o Padre Manuel da Lixa, em Granja Velha. Nessa época terá tido ligações amorosas com Patrícia Emília de Barros com quem viveu, e ainda com uma freira de nome Isabel Cândida.

Ainda na época em que viveu com Patrícia Emília de Barros, Camilo publicou *n'O Nacional*, cartas contra José Cabral Teixeira de Moraes, governador civil. Devido a esta desavença foi espancado pelo “Olhos-de-Boi”, capanga do governador. As suas irreverentes correspondências jornalísticas valeram-lhe, em 1848, nova agressão a cargo de caçadores. Camilo abandonou Patrícia de Barros nesse mesmo ano, e fugiu para a casa da irmã, residente em Covas do Douro. Tentou então fazer o curso de Medicina no Porto, que não concluiu, e optou depois pelo curso de Direito. Mas a partir de 1848 fez uma vida de boémia e repartiu o seu tempo entre os cafés e os salões, dedicando-se também ao jornalismo.

Como se sabe, o escritor apaixonou-se por Ana Augusta Vieira Plácido, e quando esta se casou, teve, de 1850 a 1852, uma crise de misticismo, chegando a frequentar o seminário que depois veio a abandonar. Ana Augusta Plácido tornara-se mulher de um negociante brasileiro de nome, Pinheiro Alves, que o inspirou como personagem em algumas das suas novelas, muitas vezes com carácter depreciativo.

Camilo Castelo Branco seduziu e raptou Ana Augusta Vieira Plácido e, depois de algum tempo o casal foi capturado pelas autoridades e depois julgados. Naquela época, o caso emocionou a opinião pública pelo seu conteúdo tipicamente romântico do amor contrariado, que se ergueu à revelia das convenções e imposições sociais. Enquanto esteve preso na cadeia da Relação do Porto, Camilo Castelo Branco escreveu *Memórias do Cárcere*.

Depois de absolvidos do crime de adultério, Camilo e Ana Plácido passaram a viver juntos, tendo ele trinta e oito anos de idade. Entretanto, Ana Plácido tem um filho, teoricamente do seu antigo marido, ao que se somam mais dois de Camilo. Com uma família tão numerosa para sustentar Camilo vai escrever a um ritmo alucinante.

Quando o ex-marido de Ana Augusta Plácido, faleceu em 1863, o casal passou a viver na casa daquele, em São Miguel de Seide. Em 1870 Camilo Castelo Branco foi viver para Vila do Conde devido a problemas de saúde, aí se mantendo até 1871.

Foi em Vila do Conde que escreveu a peça de teatro *O Condenado*, representada no Porto em 1871, bem como inúmeros poemas, crónicas, artigos de opinião e traduções. Camilo Castelo Branco vinha regularmente à Póvoa de Varzim entre 1873 e 1890, perdeu-se no jogo e escreveu parte da sua obra no antigo *Hotel Luso-Brazileiro* junto do Largo do Café Chinês.

Camilo reunia-se com personalidades de notoriedade intelectual e social, como o pai de Eça de Queirós, José Maria d'Almeida Teixeira de Queirós, magistrado e par do reino, o poeta e dramaturgo poveiro Francisco Gomes de Amorim, Almeida Garrett, Alexandre Herculano, António Feliciano de Castilho, entre outros. Sempre que vinha à Póvoa, convivia regularmente com o Visconde de Azevedo no Solar dos Carneiros. Em 1877, Camilo Castelo Branco, viu morrer na Póvoa o seu filho predilecto Manuel Plácido, do primeiro casamento com Ana Augusta Vieira Plácido, de 19 anos, que foi sepultado no cemitério do Largo das Dores.

Em 1885 foi-lhe concedido o título de Visconde de Correia Botelho e posteriormente, em 1888 casou-se finalmente com Ana Augusta Vieira Plácido. Camilo Castelo Branco passou os últimos anos da sua vida ao lado de Ana Plácido, porém não encontrou a estabilidade emocional por que tanto ansiava. As dificuldades financeiras, bem como os filhos deram-lhe enormes preocupações, considerava Nuno irresponsável e Jorge sofria de uma doença mental.

A progressiva e crescente cegueira impediu o escritor de ler e de trabalhar capazmente, o que o mergulhou num enorme desespero. Camilo Castelo Branco, depois da consulta a um oftalmologista que lhe confirmou a gravidade do seu estado de saúde, em total desespero desferiu um tiro de revólver na têmpora direita, em 1890, acabando assim por vir a óbito.

O texto seguinte, de Camilo foi publicado, no *Almanach das Senhoras*, de 1871 para 1872:

O MEU CÃO⁴⁵

É um amigo que nunca me deu desgosto, um apego que nunca me foi um encargo, uma testemunha que nunca me traiu. Tenho duvidado da minha alma, estudando o entendimento d'elle. Tenho presumido que o Creador, arrependido de fazer o homem – esta mescla de orgulho e de baixeza, de covardia e de preversidade, de amor e de odio – creou o ente, que vaidosamente chamamos *irracional*, de attributos que nos sensibilizam a alma, levantando-a em raptos de admiração e respeito á omnipotencia que o tirou do barro commum. Não ha respeito social que me impeça de vos dizer que tenho nojo dos homens, e dou aos brutos que não ponham gravata, nem commenda, o grande coração que preciso sagrar a algum affecto. Eu afago carinhosamente um gato, e choraria se visse pizar uma lesma d'essas que se conservam na sua espécie, e não dos outros moluscos que, pelo facto único da sua posição vertical, teimam em pertencerem a uma especie que a zoologia, ainda pobre em classificação, denomina *humana*. Impaciento-me contra os fabulistas que humanisaram os brutos, para dizerem verdades amargas ao homem. Havia precisão de injuriar uma rapoza, imputando-lhe as astucias atraçoadas de que é susceptível o animal carnívoro, que a mata, chamado *homem*, porque a rapoza lhe agadanha a gallinha que elle quer comer? Maldito seja o homem que confia no homem! são palavras de Jeremias que viveu ha cousa de dois mil annos a passou o seu tempo a chorar a torpitude da sua raça e da nossa, que piorou muito com a excrescencia do contrato do tabaco, do cobrador da fazenda, e do conselho da saúde. O demonio para convivencia é muito melhor sujeito que o homem. Não acreditam? Paciencia!

CAMILO CASTELO BRANCO.

A profusão de autores representados no *Almanach* não deve ser vista como elemento desqualificador do periódico. Pelo contrário, atesta a capacidade de negociação de Guiomar Torrezão.

⁴⁵ *Almanach das Senhoras*, de 1871 para 1872, p. 112.

Atrair nomes representativos das letras nacionais, bem como simpatizantes em favor das causas femininas, poderia representar mais leitores e significar maior capacidade financeira para garantir que o anuário tivesse longevidade, em contraposição à grande quantidade de revistas e almanaques que não passaram de poucos números.

Podemos citar exemplos de algumas revistas e almanaques que não tiveram tanta longevidade: *Alvorada / Revista Literária Mensal* / Direcção Paulo Osório / Porto – 1906 – 1907; *Amanhã / Revista Popular de Orientação Nacional* / Editor Grácio Ramos & Pinto Quartin / Lisboa – 1909; *Amigo da Infância / Revista de Ilustração dedicada as Crianças* / Redactor Alfredo da Silva / Porto – 1908; *Amphion / Revista Quinzenal de Música, Teatro e Belas Artes* / Direcção J. Neuphart / Lisboa – 1895; entre outras e o *Almanaque da Agência Primitiva de Anúncios* / Editor Luiz Maria Pereira de Braun Peixoto / Lisboa – 1871 – 1873; *Almanaque de Amenidades Médicas* / Dr. Celsio e Fabrício / Porto – 1872; *Almanaque Auxiliar / Typographia Auxiliar d’Escriptório* / Manuel Caetano da Silva / Coimbra – 1897 – 1898; *Almanaque dos Bons Namorados* / Livraria Popular / Francisco Franco / Lisboa – 1908 – 1909; *Almanaque Familiar para Portugal e Brasil* / Direcção Público Gualdino e Augusto Valladares / Braga – 1868; *Almanaque de Gargalhadas* / Editor Verol Junior / Livraria Popular de Francisco Franco / Lisboa 1908 – 1914, entre outros.⁴⁶

Fica evidente a estratégia de sobrevivência de Guiomar de Noronha Torrezão ao estabelecer uma espécie de contrato implícito com autores masculinos reconhecidos na época no intuito de garantir não só a viabilização económica do periódico que fundou mas, também, a sua legitimação em termos sociais e culturais, garantindo a aprovação masculina. Podemos relacionar a presença masculina no *Almanach das Senhoras* com a necessidade de conquistar respeitabilidade junto à sociedade e como um meio de garantir, atraindo leitores e leitoras à leitura de textos de autores consagrados, um público mais vasto e mais diferenciado.

⁴⁶ *Catálogos e Bibliografias – 1 / Publicações Periódicas Portuguesas existentes na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (1641 – 1910)*, 1983.

O que é certo é que, mesmo que tenham feito “pactos silenciosos e negociações implícitas”, mulheres como Guiomar foram as responsáveis por derrubar muros e abrir caminhos para outras gerações de mulheres que, gradual e insistentemente, foram ocupando lugares respeitados no “campo cultural”⁴⁷ e deixando a sua marca no “espaço social.”⁴⁸

Apesar dessa negociação, tratava-se prioritariamente, nesta publicação, de construir vínculos entre as mulheres de letras e de proporcionar-lhes uma oportunidade de divulgação dos seus pontos de vista e dos seus escritos, visto que já publicavam seus livros e começavam a ser bem-vindas nas instituições literárias maioritariamente mantidas por homens.

⁴⁷ “O mundo social, para Bourdieu, deve ser compreendido à luz de três conceitos fundamentais: campo, habitus e capital. Sua discussão sempre buscou desvendar os mecanismos da reprodução social que legitimam as diversas formas de dominação.” Gustavo Daniel Mocelin, *Editor de Fato Sociológico*, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Editora Cotrix, 2010.

6.4. Os Agradecimentos de Guiomar Torrezão a todos os Colaboradores do *Almanach das Senhoras*

É na secção intitulada “Expediente” presente em todos os números do periódico que era possível encontrar explicitadas os pontos de vista da directora, bem como as suas opiniões acerca da temática que considerava adequada aos objectivos da publicação.

Logo no primeiro volume, Guiomar Torrezão deixa claro que o seu anuário era pensado para um público feminino, quer como produtor, quer como consumidor principal, explicitando também a importância da colaboração de todos para a sobrevivência do anuário, conforme podemos observar no trecho abaixo:

Cumpre-nos em primeiro lugar agradecer, isto com uma efusão e reconhecimento que não logra traduzir-se em palavras, a amável, delicada e pronta coadjuvação que temos encontrado por parte de todas as senhoras e cavalheiros que collaboram n'este livrinho, entre os quais, com orgulho que nos não podem levar a mal o dizemos, figuram muitos dos primeiros talentos de Portugal.

Oxalá que o público lhes continue os generosos intentos acolhendo esta publicação nascente, que aparece à luz tímida, cheia de incertezas e de receios, como estímulo da sua protecção.

Rogámos em especial a todas as nossas conterrâneas que consagram os seus ócios à cultura das boas letras e para quem tão particularmente este livrinho foi criado, que se não esqueçam de enviar-nos os frutos de algumas flores que em hora propícia lhes brotar da fantasia, frutos que o Almanach colherá sempre com gloria e especial solícitude.

Ficam-nos claras as intenções de Guiomar Torrezão, empregando com sabedoria e subtileza palavras de incentivo bem como de reivindicação de prestígio para o “*livrinho*” como era por ela carinhosamente tratado o *Almanach das Senhoras*. E como já pudemos observar em capítulos anteriores, colaboraram nele “os primeiros talentos de Portugal”.

É sabido que o público-alvo da escritora e directora era preferencialmente o feminino.

Sublinhe-se no entanto que, para além de prestigiar as mulheres, a editora subtilmente as convidava para que também colaborassem com o *Almanach das Senhoras*, na tentativa de criar um periódico não só dirigido a elas mas feito com a sua colaboração, oferecendo deste modo um espaço de divulgação pública dirigido à produção textual feminina.

6.5. A Colaboração das Escritoras e dos Escritores Brasileiros

A partir de 1872, o *Almanach das Senhoras* passa a incluir colaborações de autoras e autores brasileiros. Entre as mulheres figuram: Alba Valdez, nascida em 1874 e falecida em 1962, Amália Figueiroa, nascida em 1845 e falecida em 1878, Amélia de Freitas Bevilacqua, nascida em 1860 e falecida em 1946, Ana Nogueira Batista, nascida em 1870 e falecida em 1965, Auta de Souza, nascida em 1876 e falecida em 1901, Francisca Clotilde Barbosa Lima, nascida em 1862 e falecida em 1935, Francisca Júlia da Silva, nascida em 1871 e falecida em 1920, Ibrantina Cardona, nascida em 1868 e falecida em 1956, Ignez Sabino, nascida em 1853 e falecida em 1911, Júlia Lopes de Almeida, nascida em 1862 e falecida em 1934, Narcisa Amália, nascida em 1856 e faleceu em 1924, Prisciliana Duarte de Almeida nascida em 1867 e falecida em 1944 e Zalina Rolin, nascida em 1869 e falecida em 1961. Entre os homens contam-se nomes como: Alberto de Oliveira, nascido em 1857 e falecido em 1937, Castro Alves, nascido em 1847 e falecido em 1871, Gonçalves Crespo, nascido em 1846 e falecido em 1883, Gonçalves Dias, nascido em 1823 e falecido em 1864, Machado de Assis, nascido em 1839 e falecido em 1908 entre outros.

O *Almanach das Senhoras* incluía também uma secção dedicada à avaliação das publicações literárias remetidas à direcção intitulada “Portugal e Brasil”, mas os livros escritos por mulheres publicados ao longo de cada ano mereciam uma atenção especial, pois eram anunciados separadamente e na secção “Livros de Senhoras”. Até mesmo neste aspecto Guiomar Delphina de Noronha Torrezão foi inovadora, pois dava ampla visibilidade a obras que o preconceito patriarcal muitas vezes deixava em silêncio ao mesmo tempo que permitia que suas leitoras e leitores fizessem críticas (boas ou más) a respeito do que era publicado no *Almanach das Senhoras*. O êxito de suas Obras bem como em especial do seu “Livrinho”, lhe concedeu alguns diplomas e títulos importantes, como por exemplo o de sócia honorária do Retiro Literário Português do Rio de Janeiro, os de sócia correspondente do Gabinete Português de Leitura de Pernambuco, bem como o do Gabinete de Leitura Instrutiva e Recreativa Gamelleirense, também em Pernambuco.

Mas sobretudo os elogios lisonjeiros de vultos das Letras contemporâneos foram os contrapontos de uma vida com de altos e baixos, cheia de trabalhos e dificuldades, de luta contra as convicções que viam com olhares desconfiados e muitas vezes críticos a mulher que subsistia graças ao seu trabalho.

Entre as publicações brasileiras referidas, destacam-se, na edição de 1874, *Crepúsculo (versos)*, de Amália Figueiroa; na edição de 1876, *A Redenção*, de Honorata Minelvino Carneiro; na edição de 1880, dois livros: *Margaritas (versos)*, de Adelina Lopes Vieira e *Nebulosas (versos)*, de Narcisa Amália; a edição de 1895 traz resenhas de *O Coração (poemas)*, de Zalina Rolim, e de *Georgina* ou *Os Efeitos do Amor*, de Luíza Amélia de Queirós.

É provável que os leitores e até mesmo os estudiosos de hoje talvez nunca tenham ouvido falar dos nomes anteriormente citados. Mas estas mulheres, assim como tantas outras que aqui não estão mencionadas, para além de terem sido donas de casa, esposas e mães, também foram jornalistas, poetas, dramaturgas, sufragistas, ensaístas, mulheres de letras numa época em que a divisão do trabalho sexual era muito nítida: ao sexo masculino cabia a vida pública e ao feminino o universo doméstico. A repercussão e popularidade do periódico na época de sua comercialização podiam ser avaliados pela subscrição do mesmo, pois sua edição fechava em Junho e antes mesmo do final do ano, por volta do mês de Agosto já estava esgotado. Ainda que os artigos portugueses e brasileiros tivessem o prazo para envio até o dia 15 de Abril do ano anterior à sua publicação.

6.6. As Mulheres no Controle do *Almanach das Senhoras*

Um aspecto relevante a ser considerado é o fato de após a morte de Guiomar Delphina de Noronha Torrezão, aos 54 anos de idade, em 1898, a direcção do periódico ter continuado a ser ainda assumida apenas por mulheres. Nessa altura é Maria Felismina Torrezão Venâncio, nasceu em 1851 e faleceu em 1912, sua única e legítima irmã, quem assumiu o *Almanach das Senhoras* como proprietária, e Júlia de Gusmão desempenhou as funções de directora literária.

Certificamo-nos e comprovamos este facto logo nas primeiras páginas do *Almanach das Senhoras*, onde podemos observar o nome em destaque da(s) directora(s) deste periódico.

6.7. Os Elogios e as Homenagens de Fialho d'Almeida e de Júlia de Gusmão a Guiomar Torrezão

O *Almanach das Senhoras* do ano de 1900 inicia-se, com uma longa Biografia em homenagem da escritora falecida assinada por Fialho d'Almeida.

No seu texto, o autor separa Guiomar Torrezão das demais escritoras portuguesas, qualificando-as como “valorosas pedagogas” ou como “inofensivas delambidas” e a inclui entre as grandes escritoras que só não foram devidamente reconhecidas no seu tempo por causa do seguinte obstáculo: “o meio onde apareceu e se fez gente. Em Londres, ou Paris, teria sido ilustre, em Lisboa quase que a quiseram tornar cómica.”

Fialho d'Almeida não mediu esforços, nem tão pouco as palavras para falar sobre a Guiomar, pois admirava a sua escrita, e principalmente a sua coragem de enfrentar usando a pena, a discriminação contra as mulheres. Observamos isto na Biografia da Escritora, na qual este escritor apresenta Guiomar Torrezão como uma excepção à situação vigente entre as mulheres portuguesas, quer do ponto de vista da instrução, quer no que diz respeito à sua situação social, quer à sua visibilidade adquirida. É certo que as palavras do escritor, admirador e amigo fiel de Guiomar Torrezão, não poderiam ficar ao sabor do vento, mas sim eternizadas na publicação a que ela mesma chamava o seu “livrinho amado”: o *Almanach das Senhoras* (para o ano de 1900), (ver o Anexo II).

Para confirmar o escasso papel atribuído à mulher pela sociedade lisboeta sua contemporânea, Fialho d'Almeida menciona a necessidade de criação de um serviço de protecção às mulheres que andavam sozinhas nas vias públicas, para protegê-las do assédio ofensivo dos homens. O autor levanta, ainda, questões extremamente lúcidas referentes às dificuldades inerentes à vida da mulher que vive da sua escrita.

Neste texto, Fialho D'Almeida censura ainda a falta de um reconhecimento generalizado da sociedade a uma escritora, que considerava como uma “mulher sem par.”

Em sua opinião, a atitude audaciosa e firme, e principalmente o posicionamento autónomo e combativo da directora do *Almanach das Senhoras* contrariavam aquilo que a sociedade portuguesa esperava de uma senhora. Assim o autor assevera:

Guiomar Torrezão se aventurou, e nos cavacos de redacção e de café, folheando jornais do dia, e recolhendo, à hora das intimidades, os lodos dessas almas de literatos, pintores, actores, onde o crime nato entra por meio na contextura moral da vocação, várias vezes eu adivinhei, ou ouvi, a perversidade e a infâmia dando-se braço para invalidarem, junto dos editores e das empresas teatrais e jornalísticas, algum livro, artigo ou peça que a valente mulher trazia a lume, buscando haver na vida intelectual o lugar que tanto malandrinho das letras lhe tolhia. Houve até um momento em que Guiomar Torrezão foi a cabeça de turco do jornalismo irresponsável - em notícias de bastidores, artigos de satyra, sueltos de rua, gazetilhas, o nome da pobre e illustre mulher, corria entre motejos obscenos e miseráveis doestos, babujado pela cobardia dos sarrafaças, e exposto grotescamente às vaias imbecis da multidão.⁴⁹

Observamos que a opinião sincera do escritor não nos deixa dúvidas sobre os papéis reservados tradicionalmente às mulheres na sociedade em que Guiomar Delphina de Noronha Torrezão viveu. Nessa sociedade que o autor descreve como sexista e hipócrita, uma mulher não poderia facilmente igualar-se aos homens, mesmo tendo muito mais talento e coragem que outros homens de letras.

A admiração e o respeito de Fialho d'Almeida ficam bem patentes quando, no mesmo texto de 1900, tece o seguinte comentário final:

E que a tua sombra, Guiomar, vele sempre pelo teu livro querido, pelo teu Filho bem amado, como ainda há um ano aqui lhe chamaste, que os esforços e fadigas que vamos empregar para conservá-lo digno do teu nome, possam provar-te a nossa constante admiração pelo teu formoso talento, o nosso culto pela tua memória, extremando-nos assim de tantos que, tendo aliás recebido sempre de ti frases elogiosas e benévolas a saudar as suas produções literárias, te mostraram agora o seu reconhecimento não tendo sequer uma palavra para dizer sobre a tua morte, nem uma flor para desfolhar na tua sepultura!⁵⁰

⁴⁹ Fialho d'Almeida, "Guiomar Torrezão", *Almanach das Senhoras* para 1900, Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira, 1899, p. 6.

O escritor mais uma vez demonstra toda a sua admiração por Guiomar Torrezão enaltecendo inclusive a sua imagem como mãe, afirmando que para ela, o “livrinho” foi como um filho, gerado, amado e acalentado durante a sua existência. Fialho d’Almeida parece assumir aqui o compromisso de assegurar a continuidade do trabalho de Guiomar de Noronha Torrezão, cuidando deste como ela mesmo dizia: “Livrinho” e “Filho Amado”, e não envergonhar o seu nome.

No mesmo número, publicado por ocasião do falecimento de Guiomar, no artigo editorial “*Aos Leitores*”, Júlia de Gusmão se refere a Guiomar Torrezão como uma das mais talentosas escritoras de Portugal e pede aos colaboradores e colaboradoras que continuem enviando seus textos para o periódico, atribuindo-lhes em parte a responsabilidade de manter vivo e em circulação o que designa agora por “*livrinho orphão*” viabilizando a sua continuidade para que este possa prosseguir, mesmo que o seu percurso esteja “coberto por espinhos”, conforme segue:

Tomando a nós o encargo da direcção litterária d’este almanach, em annuncia ás amaveis instancias da sua actual proprietaria, a Ex. ma Sra. D. Felismina Torrezão, cumpre-nos confessar que vergâmos ao peso de dois sentimentos profundamente dolorosos: – a magoa intima e pungente causada pela fatalidade que tão de súbito roubou a Portugal uma das suas mais talentosas escriptoras, e o conhecimento claro e precioso de nossa insufficiencia para manter este annuario no ponto luminoso a que a sua intelligente fundadora conseguiu leval-o!

Faremos quanto podermos; mas, francamente, podemos muito pouco. Que nos alente a coragem a consideração de que o *Almanach das Senhoras* vae proseguir o seu caminho, sempre sob a égide prestigiosa do nome de S. M. a Senhora Dona Maria Pia, e a esperança de que os nossos estimaveis collaboradores e collaboradoras não irão abandonar-nos.⁵¹

Na secção “Expediente” do mesmo número, a recém directora literária comenta sobre a prosperidade dos vinte e nove anos de existência do *Almanach das Senhoras*, realçando o trabalho desvelado de sua fundadora e redactora, a cujo esforço atribui o facto de a edição do anuário se esgotar rapidamente após a sua publicação.

Este texto pode ser considerado como o anúncio de um programa de acção, pois Júlia de Gusmão informa que ainda seguirá o mesmo programa editorial a que poderíamos até mesmo chamar de feminista, que fora traçado por sua antecessora.

⁵¹ Fialho d’Almeida, *Op. Cit*, p. 11.

Júlia de Gusmão publicou retratos e biografias de senhoras de diferentes nacionalidades, que se tivessem destacado em diversas áreas intelectuais, principalmente as da escrita, o que corresponde, de facto à apresentação de modelos de actuação feminina propostos como argumentos incontestáveis em favor da emancipação feminina.⁵²

⁵² Fialho d'Almeida, *Op. Cit.*, p. 6.

7. A Sucessão das Direcções do *Almanach das Senhoras*

Em 1911, Maria O'Neill assumiu a direcção do *Almanach das Senhoras*. Esta autora, nascida em 1873 e falecida em 1932, foi poetisa, ficcionista e autora infantil, ficou conhecida por ter ajudado Gomes Leal numa época de grandes provações. Todavia, o seu talento literário repartiu-se pela obra poética, pela literatura infantil, por algumas colaborações jornalísticas dispersas, em traduções e, principalmente, no *Almanach das Senhoras*. Foi, contudo, em romances moralistas e de carácter interventivo, bem como nos livros para crianças, que deu a conhecer o seu verdadeiro talento. Esta sua faceta privilegiou a descrição do quotidiano infantil da sua época. Ocupou com grande êxito o cargo de directora literária do *Almanach das Senhoras* até 1924. Esta fez parte do “Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas” fundado em Março de 1914, sob a direcção da médica ginecologista Adelaide Cabete, nascida em 1867 e falecida em 1935, que havia já participado na criação da *Liga Republicana das Mulheres Portuguesas*, em 1909.

Assim como sua antecessora, Maria O'Neill também se preocupou em esclarecer junto das leitoras e dos leitores as linhas programáticas a seguir pelo periódico, também mantendo e continuando o legado da fundadora do *Almanach das Senhoras*, Guiomar Torrezão.

O *Almanach das Senhoras* continuou a seguir um padrão de apresentação bibliográfico e uma organização interna semelhantes aos adoptados por outros *Almanaques*, com destaque para o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* como se comprova através do seu “*Indice Suplementar*”: 1 – Boletim Bibliographico, 2 – Calendario, 3 – Collaboradoras, 4 – Collaboradores, 5 – Computo Ecclesiastico, 6 – Correios, 7 – Decifrações, 8 – Decifradores, 9 – Do Tejo ao Atlantico, 10 – Eclipses, 11 – Expediente, 12 – Lei do Sello, 13 – Colocação das Gravuras, 14 – Annuncios, 15 – Indice Litterario, 16 – Anedotas e chistes, 17 – Anedotas históricas e autenticas, 18 – Antologia portuguesa (trechos escolhidos de poetas e prosadores), 19 – Antiguidades (coisas do passado – comemorações e apontamentos retrospectivos), 20 – Arte e artistas (apontamentos e esboços), 21 – Contos, apólogos e lendas, 22 – Educação e ensino, 23 – Epigramas e sátiras, 24 – Geografia (viagens e descrições), 25 – Etnografia (costumes, tradições, superstições e trovas), 26 – História (trechos e episódios),

27 – Mulheres e homens ilustres – (biografias, estudos críticos, homenagens, factos e notas), subdivididos em: Portugal, Brasil e Diversos países, 28 – Lembranças (factos e notícias dos tempos modernos), 29 – Linguagem portuguesa (etimologias, locuções, etc.), 30 – Miscelânea Moral e religiosa (Santos e varões ilustres da Igreja), 31 – Mitologia e lendas fabulosas, 32 – Pensamentos, máximas e conceitos, 33 – Prosas literárias (portuguesas e brasileiras), 34 – Ciências naturais (Receitas e indicações úteis), e por fim 35 – Poesias.

Mas também não podemos deixar de mencionar um pouco mais das intenções de sua criadora, de uma forma geral Guiomar Torrezão vinha prontamente agradecer a colaboração de todos os colaboradores, mulheres e homens, escritoras e escritores que de um modo geral contribuíram para que o *Almanach das Senhoras*, prosperasse e fosse o grande sucesso que foi, em sua opinião “muitos figuravam os primeiros talentos de Portugal,” conforme ficou estipulado na secção “Expediente”, do primeiro *Almanach das Senhoras*, conforme segue:

Cumpre-nos em primeiro lugar agradecer, isto com uma effusão e reconhecimento que não logra traduzir-se em palavras, a amável, delicada e prompta coadjuvação que temos encontrado por parte de todas as senhoras e cavalheiros que collaboram n’este livrinho, entre os quaes, com orgulho que nos não podem levar a mal o dizemos, figuram muitos dos primeiros talentos de Portugal.

Oxalá que o publico lhes continue os generosos intentos acolhendo esta publicação nascente, que apparece á luz timida como a puerícia, cheia de incertezas e de receios, com o estímulo da sua protecção.

Sendo intenção nossa que este annuario prosiga, bem falado – como ousámos esperar – pela benevolencia publica, e auxiliado por todas as distinctas senhoras e cavalheiros que se dignam honral-o com as suas producções litterarias, reservamos para o anno de 1872 todo e qualquer escripto que não pode ter cabida no presente almanach.

Rogâmos em especial a todas as nossas conterraneas que consagram os seus ocios a cultura das boas lettras e para quem tão particularmente este livrinho foi creado, que se não esqueçam de enviar-nos os fructos de algumas flores que em hora propicia lhes brotar da fantasia, fructos que o almanach colherá sempre com gloria, e especial solitudine.

Áquelles dos nossos collaboradores cujos artigos soffressem alguma alteração pedimos um milhão de desculpas attentas as exigencias imperiosas, e as dimensões restrictas de publicações taes.

Aos nossos actuaes collaboradores e mais pessoas que de futuro o queiram ser, rogamos que nos enviem os artigos que destinarem para o almanach de 1872 o mais tardar até 15 de Abril de 1871, subscriptando-os a D. G. Torrezão, livraria de A. M. Pereira, Rua Augusta, Nº. 50-52.

Publicaremos também com o maior prazer quaesquer artigos ou poesias, de cavalheiros e senhoras, que do Brasil nos sejam enviados.

O almanach annuncia, e abre secção especial para apreciar, toda e qualquer publicação litteraria de que receba dois exemplares: além d'isso dará conta de todos os livros de senhoras publicados durante o anno corrente.

Serão de prompto satisfeitas quaesquer requisições de almanachs que de fóra sejam feitas á livraria de A. M. Pereira, Rua Augusta, Nº. 50-52, tendo o cuidado de enviar em estampilhas o valor dos exemplares requisitados: custará cada *Almanach das Senhoras* 240 réis.”⁵³

No primeiro número que publicou como directora, na secção “Expediente”, Maria O’Neill, explicou porque assumiu a direcção do *Almanach* tão repentinamente, pois em decorrência da doença da mãe de Júlia de Gusmão, esta precisou abandonar, com pesar, a direcção literária do *Almanach das Senhoras*.

Da pequena biografia da ex-directora do anuário, Júlia de Gusmão, com que abre o *Almanach das Senhoras* de 1910 para 1911, transcreve-se o excerto seguinte, no qual recorda a acção por ela desenvolvida na direcção da publicação:

“Para os leitores deste anuário é familiar o seu nome. Em onze anos, durante os quais a illustre senhora dirigiu esta publicação com proficiência e zêlo, superiores a todo o elogio, o releram nas suas páginas, firmando múltiplas composições que são verdadeiros mimos literários.”⁵⁴

⁵³ Guiomar Torrezão, *Almanach das Senhoras* para 1872, Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira, 1871, pp. 06-7.

⁵⁴ Júlia de Gusmão, “Aos leitores”, *Almanach das Senhoras* para 1900, Lisboa, 1899, p. 12.

7.1. O *Almanach das Senhoras* tem um Homem como Proprietário

Foi em 1914, após o falecimento de Maria Felismina Torrezão Venâncio, que Eusébio Alberto da Silva Venâncio, esposo e único herdeiro da mesma, tornou-se proprietário do periódico. Pela primeira vez desde a sua fundação e criação o *Almanach das Senhoras* teve um homem como proprietário. Entretanto as linhas de orientação continuaram as mesmas pois apesar de o periódico ter um homem com propriedade a direcção ainda estava nas mãos das mulheres, nas mãos de Maria O'Neill.

O *Almanach das Senhoras*, desse ano traz a biografia da proprietária anterior, acompanhada de seu retrato. Sobre Felismina Torrezão, foi publicada no mesmo a seguinte afirmação:

Era um belo exemplar antropológico, mas era, por igual, um alto exemplo do que pode ser e valer a mulher quando solidamente instruída e fortemente educada. Instruída sem pedantismo, educada sem arrebiques, piedosa sem superstições, religiosa sem fanatismos, dócil mas não escrava, humilde mas não servil, nobremente ativa, e não ridiculamente soberba, completando o marido, e completando-se por ele, nem superior nem subalterna, digna e nobremente igual.⁵⁵

Felismina Torrezão foi uma mulher assim como sua irmã, que não baixou guarda diante das dificuldades impostas pela sociedade, e era digna de ser tratada de igual para igual. Assim como sua irmã, única e singular amiga, Felismina Torrezão também foi homenageada no periódico, (ver Anexo III).

⁵⁵ Maria O'Neill. In: *Almanach das Senhoras*, Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1914, pp. 07-14.

7.2. As Publicações seguintes do *Almanach das Senhoras*

A partir de 1918, o nome do proprietário deixa de ser mencionado em cada número, somente constando o nome da directora do *Almanach das Senhoras*, e a propriedade deste, passa para António Maria Pereira, o conhecido editor de Camilo Castelo Branco.

Como informou Maria O'Neill, no artigo “Aos Leitores” a partir desse ano, toda a correspondência, deveria passar a ser dirigida a morada da Casa Editora Parceria A. M. Pereira – Rua Augusta, 44 a 54, Lisboa.⁵⁶

Entre 1925 e 1928, últimos anos da publicação, a direcção ficou a cargo de Julieta de Luna. No *Almanach das Senhoras* para o ano de 1925, inclui-se uma pequena biografia com fotografia de Maria O'Neill. No esboço biográfico, sem indicação de autoria, mas redigido provavelmente pela actual directora literária, encontra-se a informação de que Maria O'Neill teria deixado a direcção do anuário devido aos seus muitos afazeres pessoais.

Nesse número foi publicado o retrato da escritora D. Maria O'Neill, como uma homenagem merecida ao seu privilegiado talento e invulgar ilustração, “que a tornam, no nosso meio literário, uma das mais completas cerebrações femininas de nosso tempo, segundo as palavras do editorial.” Maria O'Neill, fez com grande dedicação e exímia competência o que se havia proposto quando assumiu a direcção do periódico, tendo após sua saída sido homenageada no mesmo.

Contudo o interesse do público pelo *Almanach das Senhoras*, assim como tantos outros, parece ter-se ido dissipando com o tempo, deixando este de ser publicado no ano de 1928.

⁵⁶ Maria O'Neill, “Aos leitores” *Almanach das Senhoras* para 1918, Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira, 1899, p. 14.

8. A Colaboração das Escritoras Brasileiras

Apesar de a contribuição de Ignez Sabino, nascida em 1853 e falecida em 1911, poder ser considerada ínfima diante da profusão de textos escritos por mulheres brasileiras e publicados no periódico, a pesquisa no *Almanach das Senhoras* evidenciou uma proximidade significativa entre Portugal e o Brasil no que diz respeito aos projectos de afirmação das escritoras do século XIX.

A pesquisa do Periódico mostra a consolidação de um projecto político, social e educacional que envolveu mulheres portuguesas e brasileiras em prol da formação de leitoras e, no âmbito mais restrito, de escritoras. Cabe destacar que a recepção dessa publicação no Brasil, particularmente no Rio Grande do Sul, pode ter sido o elemento motivador para o empreendimento levado a cabo pelas irmãs Julieta e Revocata de Mello que, em 1883, quando fundam o *Corymbo*.

Esta publicação periódica manteve-se em circulação por 60 anos e nele foram publicados textos das portuguesas Ana de Castro Osório, Adelina Lopes Vieira e Maria Amália Vaz de Carvalho. Curiosamente, Guiomar Torrezão não colaborou neste periódico rio-grandense.⁵⁷

⁵⁷ Vânia Pinheiro Chaves. Professora, Doutora da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, responsável pelo Projecto de Investigação intitulado “*As Senhoras do Almanaque*”. Notas para o estudo da presença feminina no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*.

9. A Importância do *Almanach das Senhoras* para as Escritoras Portuguesas e Brasileiras

O empreendimento editorial de Guiomar Delphina de Noronha Torrezão se configurou como uma rede de associação intelectual entre as mulheres, fazendo circular nomes e obras de escritoras brasileiras em Portugal e promovendo o intercâmbio entre estas e as escritoras portuguesas. Pode dizer-se que o *Almanach das Senhoras* funcionou, como fórum privilegiado, para que leitoras e escritoras pudessem reflectir e debater ideias colectivamente. Nas inter-relações, configuraram-se os assuntos em pauta, tais como negação/afirmação de uma imagem de mulher construída culturalmente, e/ou a constituição/construção de uma nova identidade feminina.

Contudo, apesar do esforço pessoal para enfrentar as barreiras de uma sociedade patriarcal e de eventualmente ter alcançado sucesso em seu tempo, seus nomes por vezes foram apagados da História da Literatura. Mas já se fazia necessário quebrar esse silêncio forçado, iniciando um longo trabalho de resgate, principalmente no que se refere a Guiomar Torrezão, que culminou com a criação do seu ambicioso Projecto – o *Almanach das Senhoras*.

Certamente não podemos deixar de mencionar a reivindicação de direitos de cidadania para as mulheres, pois a articulação desses direitos como reivindicações por reconhecimento sempre evocou um ideal de cidadania, o que tem exigido a redefinição e reconfiguração em suas três dimensões fundamentais: a extensão, o conteúdo e a profundidade. Para exata compreensão desta reconfiguração, foi necessário analisar alguns pressupostos e conceitos indispensáveis, partindo da análise de Thomas Humphrey Marshall⁵⁸.

As crises econômicas e políticas, a crescente violência e desigualdade induzem, inúmeras vezes, o questionamento da validade e legitimidade dos órgãos e poderes de governo, dos instrumentos que permitem aos cidadãos apresentarem suas demandas e necessidades, bem como das garantias aos direitos mais básicos e “naturais” aos seres

⁵⁸ Referimo-nos a Thomas Humphrey Marshall, sociólogo, mais conhecido por seus ensaios, como a colecção de ensaios *Cidadania e Classe Social*.

humanos. Não são poucas as situações em que se ouve que “justiça só para os ricos” e “cadeia só para os pobres”, que “a polícia é para os pobres e negros”, que reclamar “direitos é coisa de gente encrenqueira”, e outras tantas demonstrações de pouca confiança no que podemos identificar como as raízes do que entendemos como cidadania. Ainda estão enraizados em nossa cultura alguns “preconceitos” que inibem o pleno desenvolvimento das dimensões da cidadania.

Contudo, é possível identificar que, mesmo em passos lentos, a sociedade civil, as instituições e os próprios indivíduos estão assumindo seu papel de protagonistas, modificando essa postura conformista, desatenta, desiludida por uma nova, sendo mais participantes e reivindicadores.

Vários movimentos sociais têm surgido nos últimos anos: alguns efêmeros e voltados para interesses bem particularizados, outros, perenes, voltados ao interesse público e responsáveis por ações de informação, conscientização e prática dos verdadeiros valores de solidariedade e cidadania.

9.1. A Consciência Feminina de Grupo

Outro aspecto relevante do anuário fundado por Guiomar Delphina de Noronha Torrezão, diz respeito à construção de vínculos ou de uma consciência feminina de grupo. O sentimento está articulado na actuação literária daquelas mulheres que aí publicaram e desenvolveram reflexões sobre questões referentes ao mundo feminino. A constituição de um sujeito colectivo — mulheres — e a providência, de um fórum de diálogo desencadearam, conseqüentemente, uma acção política reivindicatória. Mas até aqui não se havia falado em organização nenhuma: só de uma possibilidade de acesso ao espaço público através do *Almanach da Senhoras*.

Sendo assim, a actuação dessas mulheres na imprensa e na literatura pode ser entendida como uma estratégia de luta política.

10. O Projecto de Guiomar Torrezão

No projecto da própria Guiomar Torrezão, o objectivo principal do *Almanach das Senhoras*, era contribuir para a transformação da mulher, alterando a imagem, culturalmente veiculada, de submissão, futilidade e ociosidade para a de informação, independência e produtividade económica. Como vimos, em sua opinião, o caminho passaria, inevitavelmente, pela instrução, pela leitura e principalmente pela afirmação pessoal. Guiomar Delphina de Noronha Torrezão propôs um modelo de actuação que ela própria procurou aplicar a si mesma – valorizando a instrução e utilizando essa instrução como meio para alcançar autonomia e independência económica.

Conectada com o projecto de instrução, está a ideia de emancipação feminina. Porém, não devemos cair no anacronismo de exigir que uma mulher da época de Guiomar Torrezão proclame uma emancipação à moda das feministas da década de 60, do século XX.

Na sua “arena de lutas” era necessário fazer recuos ideológicos estratégicos e proceder a “negociações” para, num futuro, quiçá, longínquo, concretizar grandes conquistas, que naquele momento, eram consideradas utópicas e impossíveis.

O *Almanach das Senhoras*, graças ao facto de ter assumido atitudes prudentes que são entendidas, hoje, como aparentes “incoerências” no discurso, conseguiu sobreviver por quase sessenta anos, mantendo desde o primeiro até o último periódico os ideais de sua ideóloga e fundadora. Em resumo faço das palavras de Armelim Junior, em homenagem a irmã de Guiomar Torrezão, também minhas palavras, dedicadas a esta ilustre escritora, quando diz:

Pois o que foi e o que valia essa distinta Senhora, cuja formosura física era realçada pela elevação do seu espírito, pela bondade do seu coração, pela nobreza do seu carácter e pelos primores da sua fina educação.

Foi um belo exemplar antropológico, mas era, por igual, um alto exemplo do que pôde ser e valer a mulher quando solidariamente instruída e fortemente educada: instruída sem pedantismo, educada sem arrebiques, piedosa sem superstições, religiosa sem fanatismo, dócil mas não escrava, humilde mas não servil, nobremente altiva, e não ridiculamente soberba, completando as suas obras, e completando-se por elas, nem superior nem subalterna: digna e nobremente *igual*.

10.1. Os Espaços abrangidos pelo *Almanach das Senhoras*

É certo que o *Almanach das Senhoras* se consolidou como um espaço de exercício de solidariedade mútua entre as mulheres de letras portuguesas e brasileiras e contribuiu, para a divulgação dos trabalhos das escritoras brasileiras em Portugal, Espanha e países da África, como Cabo Verde e Angola.

Não podemos deixar passar despercebida a inclusão de autoras e autores brasileiros no *Almanach das Senhoras* e principalmente na literatura portuguesa, pois tais publicações se consolidaram mesmo quando os laços coloniais já haviam sido rompidos, o que sinaliza, em certa medida, o não reconhecimento da separação absoluta entre as duas literaturas e, no limite, da independência, da brasileira em particular. Contudo isto também nos revela que apesar da separação política, na prática havia ainda um espaço cultural comum possibilitado pela língua e pelo passado histórico.

Dos periódicos que tinham circulação mensal ou quinzenal, poucas críticas se poderiam encontrar sobre a produção literária brasileira, muito provavelmente em virtude do reduzido interesse em fazer deles uns concorrentes para a literatura portuguesa.

Mesmo com o falecimento de Guiomar Delphina de Noronha Torrezão o *Almanach das Senhoras* não deixou de ser publicado ainda durante muitos anos, pois todas as mulheres que assumiram o legado da escritora, o mantiveram digno, vivo e sobretudo honrado. A escolha das ilustres *Senhoras*, para a direcção do *Almanach*, bem como a de suas colaboradoras e seus colaboradores, não foi mero acaso, todos souberam e mantiveram as tradições gloriosas e brilhantes de sua *Fundadora*, e fazendo com esta selecção e distinção, com que ela fosse honrada e honrando a si mesmos.

Conclusão

Nesta dissertação lançamos a hipótese de que a experiência obtida por Guiomar Torrezão como colaboradora no formato “Almanaque” lhe tenha servido de inspiração e de modelo para a publicação que fundou. Podemos ao fim desta, seguramente afirmar que não se trata mais de uma hipótese e sim de uma certeza de que a autora estabeleceu uma relação entre o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* e a criação do seu próprio *Almanach das Senhoras*. Muito embora o *Amanach das Senhoras* não tivesse um público específico, Guiomar Torrezão fazia questão de dizer que o seu “livrinho” era especialmente dedicado às mulheres e principalmente à causa da instrução e da independência femininas.

É importante sublinhar que os textos para ambos os almanaques eram adaptados à estrutura dos mesmos, de pequena extensão, variados, de leitura acessível mas procurando ao mesmo tempo veicular também conhecimentos úteis quer do ponto de vista da instrução, quer da formação social e cívica. A sua popularidade, e o êxito destas estratégias prova-se pelo facto de, assim que os anuários eram publicados, rapidamente esgotavam-se.

Este género de publicação tinha características próprias que faziam com que o almanaque não deva ser considerado como um periódico qualquer. Uma vez que se desejava o alcance universal, procurava-se que tivesse um rico conteúdo, e que sua consulta fosse repetida vezes sem fim ao longo de um ano, fornecendo aos seus leitores, informações úteis bem como textos de leitura agradável.

O projecto cívico de Guiomar Torrezão consistia em concientizar o maior número de mulheres para a necessidade de uma maior autonomia e independência. O facto de o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* circular num espaço muito amplo (Europa, Brasil e África) e poder chegar a um número elevado de leitores e a diversas camadas sociais tornava-o apetecível para aqueles que queriam intervir junto do grande público e especialmente adequado aos objectivos de Guiomar Torrezão.

Não terá sido certamente por acaso que ao fundar o *Almanach das Senhoras* esta autora seguiu o mesmo modelo, retomando do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, toda a sua estrutura, bem como o seu modo de distribuição adaptando-o com habilidade e destreza ao universo feminino.

Bibliografia

Localização dos exemplares consultados do Almanach das Senhoras:

Biblioteca da Universidade Católica Portuguesa de Lisboa:

1876, 1881, 1882, 1884, 1887, 1889, 1892, 1894 e 1907.

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra:

1879, 1904, 1908 a 1912, 1914, 1917 a 1923, 1925 a 1928.

Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra:

1874, 1875 e 1880.

Sala Ferreira Lima (Universidade de Coimbra):

1879, 1886, 1893, 1898, 1904 e 1921.

Biblioteca Joanina (Coimbra):

1872.

Biblioteca Nacional de Lisboa:

1872, 1873, 1877, 1878, 1896, 1897, 1899 a 1903, 1905, 1906, 1913 a 1916, 1924.

Biblioteca Pública Municipal do Porto:

1883, 1885, 1888, 1890 e 1891.

ABREU, Ilda Soares de, “Guiomar Delfina de Noronha Torrezão” *Dicionário no Feminino, séculos XIX e XX*, Lisboa, Livros Horizonte, 2005, pp. 379-383.

ALBUQUERQUE, Luís Guilherme Mendonça de, “Almanaques” Joel Serrão (org.) *Dicionário de História de Portugal*, vol. I, Porto, Figueirinhas, 1971.

ALMEIDA, Fialho d', "Guiomar Torrezão", *Almanach das Senhoras – Estudo Biográfico com Ilustração para 1900*, Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira, 1899, pp. 6-11.

ALMEIDA, Fialho d', *Figuras de Destaque*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1923, pp. 187-195.

ALMEIDA, Júlia Lopes de, *Eles e Elas*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1910.
[[Links](#)]

ALMEIDA, Presciliana Duarte de, *A Mensageira: Revista Literária Dedicada à Mulher Brasileira*, [Edição fac-similar] São Paulo, Imprensa Oficial do Estado/Secretaria de Estado da Cultura, 1987. [Reprodução em livro, dois volumes, da Revista Literária publicada de 1897 a 1900, na cidade de São Paulo.] [[Links](#)]

_____, *Antologia Poética*, São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1976.
[[Links](#)]

ANDRIES, Lise, "Almanaques: Revolucionando um género tradicional" in.: Robert DARNTON e Daniel ROCHE (coords.), *Revolução Impressa. A Imprensa na França 1775-1800*, São Paulo, EdUsp, 1996, pp. 287-307.

ARROYO, Leonardo, *Literatura Infantil Brasileira*, Editora Melhoramentos, São Paulo, 1968.

ASSIS, Machado de, "Como se inventaram os Almanaques" in.: Marlyse Meyer (org.) *Do almanak aos Almanaques*, S. Paulo, Ateliê Editorial, 2001, pp. 25-28.

BARREIRA, Cecília, "Guiomar Delfina de Noronha Torresão" MACHADO, Álvaro Manuel (org.), *Dicionário de Literatura Portuguesa*, Lisboa, Presença, 1996, pp. 478-479.

BARREIRA, Cecília, *História das nossas Avós*, Lisboa, 1992.

BARROS, Teresa Leitão de, “Guiomar Torreção”, *Escritoras de Portugal*, tomo II, Lisboa, s. d., 1924, pp. 207-213.

BARROSO, Maria, *Mulheres da Primeira República*, [Conferência], Espinho, Biblioteca Mulher Migrante, 2010.

BIBLOS – Enciclopédia Verbo das Literaturas da Língua Portuguesa, Volume 3, Lisboa, Verbo, p. 1278.

BOTREL, Jean-François, “Almanachs et calendriers en Espagne au XIXe. Siècle: essai de typologie” in. : Hans-Jürgen Lüsebrink (Org.) *Les Lectures du Peuple en Europe et dans les Amériques du XVIIe. Au XXe.*, Bruxelles, Complexe, 2003.

BRASIL, Érico Vital e Schuma SCHUMAHER (orgs.) *Dicionário Mulheres do Brasil, de 1500 até a Atualidade*, (Biográfico e Ilustrado), Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2000.

CANUTO, Maria José da Silva, *Correio da Educação*, Porto, ASA, 2002. [[Links](#)]

CAPELATO, Maria Helena, *Imprensa e História do Brasil*, S. Paulo, Contexto, 1988.

CASA NOVA, Vera, *Lições de Almanaque: um estudo semiótico*, Belo Horizonte, Editora da UFMG, 1996.

Catálogo de Publicações Periódicas Portuguesas, existentes na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (1641 – 1910), Coimbra, Imprensa da Universidade, 1983.

CHARTIER, Roger, “O livro dos livros” in.: Margareth Brandini Park, (org.) *Histórias e Leituras de Almanques no Brasil*, Campinas, Mercado das Letras – S. Paulo, Fapesp, 1999, [com reedições em 2003 e 2009], pp. 9-13.

CHARTIER, Roger, “Textos, Impressão, Leituras” in: Lynn Hunt (Org.), *A Nova História Cultural*, 3ª E, dição, São Paulo, Martins Fontes, 2001, pp. 211-238.

CHAVES, Vânia, “As Senhoras do Almanaque. Notas para o Estudo da Presença Feminina no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*” Comunicação apresentada no *II Colóquio Internacional Relações Literárias Brasil / Portugal*, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras,

_____, “O *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*: Matérias e Poemas do Rio Grande do Sul”, Maria Eunice Moreira (Org.) *I Colóquio Internacional Relações Literárias Brasil / Portugal*, Porto Alegre, Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Vol. 15, Nº. 1, 2009, pp. 54-72.

COELHO, Nelly Novaes, *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras, 1711-2001*. São Paulo, Escrituras, 2002. [[Links](#)]

CORREIA, João David Pinto e GUERREIRO, Manuel Veigas, “Almanaques ou a Sabedoria e as Tarefas do Tempo” *Revista ICALP*, Volume 6, Agosto / Dezembro, 1986, pp. 43-52.

DACIANO, Bertino, “O tempo e os almanaques do povo. Retalhos de investigação etnográfica” *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*, Nº 1, 1954.

DACOSTA, Luísa, “Literatura de Autoria Feminina” *História Ilustrada das Grandes Literaturas*, Lisboa, Estudos Cor, s.d., vol VIII, pp. 534-541.

FERREIRA, Jerusa Pires, “Almanaque” in.: Marlyse MEYER, (org.) *Do almanaque aos almanaques*, S. Paulo, Ateliê Editorial, 2001, pp. 19-24.

GALVÃO, Rosa Maria (coord.) *Os Sucessores de Zacuto. O Almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2002.

GOMES, Ana Claudia, *O Almanach das Senhoras e um Projeto Político de Acesso à Cultura Letrada*, Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.

GUSMÃO, Júlia de, “Aos Leitores”, *Almanach das Senhoras para 1900*, Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira, 1899, p. 12.

JESUS, Maria Saraiva de, “Guiomar Torrezão”, *BIBLOS: Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, Volume 5, Lisboa, Verbo, 1995, p. 485.

KAMITA, Rosana Cássia, *Sombras*. São Paulo, Tipografia Brasil (Rothschild & Co.), 1906. [[Links](#)]

LISBOA, João Luís “Apresentação” in.: GALVÃO, Rosa Maria (coord.) *Os Sucessores de Zacuto. O Almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2002, pp. 11-23.

LOPES, Ana Maria Costa, *Imagens da Mulher nos Periódicos Portugueses de 1820 a 1890*, Lisboa, Universidade Católica, 2003.

LOPES, Ana Maria Costa, *Imagens da Mulher na Imprensa Feminina de Oitocentos: Percursos de Modernidade*, Lisboa, Quimera, 2005, p. 512.

LUCA, Leonora de, *A Mensageira: Uma Revista de Mulheres Escritoras na Modernização Brasileira*, Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Sociologia). Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas, 1999. [[Links](#)]

MARTINS, Oliveira, “Exma. Sra. e Minha Illustre Collega”, *Almanach das Senhoras para 1885*, Lisboa, 1884, p. 216.

MOCELIN, Gustavo Daniel, *Ensaio sobre Pierre Félix Bourdieu*, Porto Alegre-Rio Grande do Sul, 2010. [[Links](#)]

_____, «Portugal», *Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico*, [Traduzido por Manuel Amaral], Volume I, págs. 324-326. Edição em papel, 1904-1915, João Romano Torres. Edição Electrónica, 2000-2010. [[Links](#)]

MOREIRA, Armando Pessanha. *Dicionário dos Mais Ilustres Transmontanos*, II Volume, Lisboa, Editora Cidade Berço, 2011. [[Links](#)]

O'NEILL Maria, «Aos leitores» *Almanach das Senhoras* para 1918, Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira, 1899, p. 14.

O'NEILL, Maria. «Aos leitores» *Almanach das Senhoras* para 1914. Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira, 1913, pp. 07-15.

ORTIGÃO, Ramalho, «Carta a D. Guiomar Torrezão», *Figuras e Questões Literárias. Perfis de Escritores e Problemas de Estilo*, Tomo II, Lisboa, Livraria Clássica Editora A. M. Teixeira & C.^a (Filhos) 1945, pp. 7-19.

ORTIGÃO, Ramalho, *As Farpas. O País e a Sociedade Portuguesa*, (Edição Integral) Tomo VIII, Lisboa, Livraria Clássica Editora. A. M. Teixeira & C.^a (Filhos), 1944-1946, pp. 149-166.

PARK, Margareth Brandini, *Histórias e Leituras de Almanques no Brasil*, Campinas, Mercado das Letras – S. Paulo, Fapesp, 1999, [com reedições em 2003 e 2009]

QUEIROZ, José Maria Eça de, *Notas Contemporâneas*, Lisboa, Edição “Livros do Brasil”, s.d.

RADICH, Maria Carlos, *Almanaque tempos e saberes*, Coimbra, Centelha, s.d.

RECTOR, Mônica, *Mulher: Objecto e Sujeito da Literatura Portuguesa*, Porto, Universidade Fernando Pessoa, 1999.

RECTOR, Mônica e NAMORATO, Luciana, *O Fraco da Baronesa: Introdução, Análise e Edição Crítica*, Porto, Universidade Fernando Pessoa, 2005.

RODRIGUES, Ernesto. “Espaços Alternativos” *Cultura Literária Oitocentista*, Porto Lello, 1999.

SEVCENKO, Nicolau, *Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*, 2ª Edição, São Paulo, Companhia das Letras, 2003. [[Links](#)]

SILVA, Maria Regina Tavares da, *Mulheres Portuguesas: Vidas e Obras Celebradas – Vidas e Obras Ignoradas*, Lisboa, Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres, s.d.

SILVEIRA, Pedro da, “Guiomar Delfina de Noronha Torresão” in.: Helena BUESCU (org.) *Dicionário do Romantismo Literário Português*, Lisboa, Caminho, 1997, pp. 548.

TORREZÃO, Guiomar, “A Instrução Feminina” *Batalhas da Vida*, Lisboa, Livraria de Antonio Maria Pereira, 1892.

_____, *Vetiver*, São Paulo, Tipografia Cupolo, 1939. [[Links](#)]

ANEXOS

Anexo I

A Carta do escritor Ramalho Ortigão para a escritora Guiomar Torrezão, conforme segue:

Carta a D. Guiomar Torrezão, publicada no *Almanach das Senhoras* para 1893:

“Eça de Queiroz, minha senhora, é essencialmente, molecularmente, – desde a medula dos ossos até os poros da pele – o que se chama *um artista*.

Como não pretendo desclassificar nem desanimar ninguém, não oporei objecção a que haja na sociedade de que fazemos parte mais um ou dois contribuintes da casta deste meu compadre e amigo. Ao todo serão... perdão... ao todo sereis – três artistas em Portugal.

Temos pois no país três particulares, cuja biografia não pode, como a do resto dos cidadãos portugueses, resumir-se em quatro palavras: bom esposo, bom pai, bom bombeiro voluntário e bom notável escritor.

Um artista é o que existe de mais delicadamente complexo, de mais subtilmente compósito na escala dos seres. A sua natureza provém, – por hereditariedades, por atavismos, por coesão magnética, por outras forças cósmicas por enquanto desconhecidas, – de várias naturezas diversas: anjo, mulher linda, mulher velha, sibarita, herói, libertino e santo.

Lombroso, o inefável Lombroso, é de opinião que todo o grande artista – e todos os verdadeiros artistas são grandes – é um nevrópata; que nos elementos componentes do génio entra uma ponta de degeneração; e que é muito bom ter na família duas tias corcundas, como a linda Maria de Bashkirtseff, colega de V. Ex.^a, para o fim de se fazer na arte alguma coisa em têrmos. Eu pendo com entusiasmo para a doutrina do ilustre sábio a que tenho a honra de me referir, porque nada me aconchega mais do que essa benta ideia de que a minha falta de jeito é a rica saúde a aboborar em mim, a obra da natureza a acalantar-me para a sossega, com a ajuda da coluna vertebral de minhas tias.

Parece-me todavia conveniente não confundirmos a doença da arte com a doença da escrita.

A doença da escrita, a escritomania, o *mal d'écrire*, como lhe chamam em França, ataca indistintamente tôda a gente, sem diferença de idade, nem de sexo, nem de caligrafia, nem de coisa nenhuma, – pessoas vacinadas e por vacinar, livres do recrutamento ou ainda sujeitas ao tributo de sangue, com folha corrida ou sem haverem corrido essa folha, sãos como sãos, doentes como doentes, em maca, ou pelo seu pé. É a grande epidemia cerebral do nosso fim de século, caracterizada pelas hemoptises da tinta, pelo vômito negro da prosa. E o grande horror dêste contágio, é que o contaminado engorda na mesma peçonha que destila, e, maçando em tão prodigiosa maneira os outros, nem morre, como tanto seria para desejar, nem sequer sofre nada êle mesmo; antes se tem notado, com estupefacção, que quem pior escreve melhor passa!

Do morbo artístico só os artistas padecem, só dêle os artistas morrem, por fadiga, por desânimo ou por tédio; e – que a êsse mal se chama inspiração, génio, nevrose, corcunda, abcesso, – dêle resulta para a humanidade entristecida do nosso tempo, a pura, a doce, a balsâmica, a divina seiva do encanto.

Nos artistas da frase é pelo estilo que o encanto se revela. Muitos sábios e todos os estéticos nos têm dito, de cadeira, o que é o *estilo*. Ei-lo que aqui vai rabeando, por aqui fora!... Ei-lo que aqui se acha enconchado, aqui assim!... Eu olho, arregalado, para o ponto indigitado pelos mestres.

Vejo muito bem o dedo da crítica, indicativo e de unha suja, vibrante e vago; mas enquanto ao preceito por que eu me governe para vir a ter êsse *estilo*, nunca o enxerguei!

Que mágicos filtros entornam no tinteiro aqueles que de uma penada, à discrição do seu capricho, fazem com que a tinta baile, cante, soluce ou arqueje no mistério da linha escrita!

Decompomos essa partícula sagrada, em que tão intensamente palpita o sangue, a alma e a divindade daquele que o consagrou, e o que se acha no fundo da retorta é um corriqueiro verbo, um lagalhê de um substantivo, um adjectivo de má fama!

E é com tais elementos alinhados uns pelos outros, este para diante, aquê para trás, o outro para o meio, ou vice-versa, que o da rabeça sobe ao tablado, e desfia a ária dolente e láctea, evolada por entre mirtos numa trepidante languidez de luar, a barcarola de que fica pensativa e pálida a mulher que a ouve, o *couplet* petulante que obriga o juízo a polcar, ou o tremendo *dies-irae*, que faz estremecer e desmaiar a consciência de cada um.

Duro de dizer, minha senhora, que é unicamente levado por essa tão simples cantiga de verbo, sujeito e caso, que um homem temente a Deus, dono de casa, chefe de família, funcionário zeloso, chega atrasado à repartição, esquece a família, não se importa com a casa, põe Deus de banda, para se encanzinar na leitura, para seguir ansioso, embevecido, ébrio, desnoitado, através de quinhentas páginas, de vinte mil linhas, de duzentas mil palavras, de dez milhões de letras, os gestos, as idéias, as acções, os estados de alma, ou as disposições de nervos de um janota pulha como o primo Basílio, de um erotómano tonsurado como o Padre Amaro, de uma dama equívoca como Maria Eduarda, ou de um conselheiro bêsta como o conselheiro Acácio.

Êste especial poder de expressão, independente de todos os cânones de vernaculidade e de pureza filológica é talvez o mais raro dom da inteligência. Em França, onde tão numerosos são os escritores científicos dêste século, contam-se três ou quatro estilistas apenas: Chateaubriand, Mechelet, Flaubert, Gautier...

Não são todos os outros mais ou menos engenhosos artífices, imitadores eruditos, complicadores astutos e casuísticos desses modelos capitais? Entre os literatos portugueses do nosso tempo foi António Feliciano de Castilho quem, depois de Filinto Elísio, dispôs de mais copioso vocabulário, de mais vernáculos modosmos, de mais variados giros de locução portuguesa; e todavia Castilho não é propriamente um escritor de estilo. Os modernos estilistas em Portugal são Garrett, Camilo Castelo Branco e Eça de Queiroz.

Nos intervalos silenciosos em que o meu matelote e amigo, a exemplo talvez do pintor Van Eick, põe ao sol a sua tinta em descanso, para que ela se embeba de luz,

não tenho visto de entre os novos, apesar do considerável talento com que alguns dêles se assinalam, aquêles que há-de continuar ou substituir na arte de escrever o luminoso e penetrante artista do *Crime do Padre Amaro*.

Vieram recentemente os *simbólicos*; e em vão minha senhora, procuraria eu, em acintosa homenagem aos do meu tempo, diminuir a profunda simpatia que me atrai para êstes moços subversivos e arcaicos.

A minha amiga Sarah Bernhardt, fazendo-me almoçar um dia com Edmond Haraucourt, tinha-me dito: “É um dos *hidropatas* do Quai Saint-Michel, os quais, com uma encantadora poesia, trazem uma nova estética, destinada a arrasar aquela com que até agora nos governamos.”

Os *simbólicos* ou os *nefelibatas* – porque parece ser este o nome que mais lhes pegou – são em Portugal os portadores da nova fórmula, a que a minha ilustre amiga se referia. Distingue esses cativantes rapazes um delicado sentimento novo da melodia e da orquestração literária, um escrupuloso propósito de não tocar senão o lado inédito das coisas, um culto fervoroso e sagrado da forma lendária, idealista e hierática, à Wagner e à Puvis de Chavannes, e um ideal de misticismo, requintadamente aristocrático, de soberano e magnífico desprezo por tôdas as snóbicas predilecções consagradas do vulgo moderno. O conde Miguel Prozor, o fino crítico da obra de Ibsen, diz-me que lê êstes nossos poetas com a prosódia latina; e no seu delicado ouvido de literato russo, altamente instruído, a nossa língua, assim manejada, confunde-se, como nenhum outro idioma vivo, com a língua de Tertuliano, de Apulio, de Santo Agostinho e de Petrónio. Além da diferença que êstes predicados constituem, os *simbólicos* distinguem-se ainda – o que não é indiferente à sociabilidade entre pessoas aperfeiçoadas – pela circunstância de terem maneiras, de não considerarem o trato das escovas incompatível com o das musas, e de saberem vestir-se, – o que lhes acarretará dissabores. *Cura cutem* é um perigoso conselho para os que se dedicam às letras na sociedade de Lisboa. Não abuseis do sabão! – aconselharei eu – porque são muitos os que na literatura e na crítica cultivam de profissão o género cochino, e o sugerido abuso vos malquistará com eles. Temerários e inexperientes, os moços bem educados me objectarão que todo o homem civilizado contrai com os seus semelhantes a obrigação de zelar tão escrupulosamente a sua *toilette* como a sua conduta. Ilusão! pura ilusão, meus filhos! Se Herculano passasse no Chiado, uma vez por semestre, com sapatos bem envernizados e uma sobrecasaca bem feita, um monóculo no olho e um charuto nos dentes, ninguém o teria levado em morto para o panteão dos Jerónimos. Pregavam-lha, como ao desventurado Garrett, condenado por elegante que foi, ao *tête-à-tête* marmóreo com uma *cabotine*, no pátio de Dona Maria. Enorme, irreparável êrro na carreira literária o do mínimo pendor para o dandismo, porque em verdade vos digo, ó jovens, que o que na Baixa tira o sono aos Césares não são os louros, são as gravatas dos Alexandres.

Os simbólicos, com todos os seus méritos e todos os seus títulos à minha afeição, têm porém um código, têm um formulário, cingem-se a uma poética, governam-se por um contraponto, de que êles mesmos dão o preceito e a aplicação da regra.

No meu grande amigo e compadre a forma da frase é irreduzível a tôda a preceitação técnica. Êle mesmo tem do seu processo a inconsciência mais

completa. Como é que o meu amigo compreende o labor da escrita? Lançando ao papel o primeiro jorro de tinta, que ninguém tem mais fácil, mais abundante, mais caudaloso e mais rápido; fazendo imprimir tudo; e em seguida, sôbre os granéis, na letra impressa, com um zêlo de penitente, estimulado até o mais agudo paroxismo da dor, remanipulando frase por frase, vírgula por vírgula, palavra por palavra, sílaba por sílaba, até que a escrita se converta no espelho límpido e fiel da emoção assimilada pelo seu temperamento, da vibratibilidade mais rara, da sonoridade mais prodigiosa.

Como nada é mais doce ao pérfido coração humano do que o aniquilamento das coisas que com mais inveja se admiraram, muitos pincham agora de satisfação dizendo-nos que acabou o *naturalismo*, de que o meu amigo foi o porta-voz em Portugal.

Boa novidade! também o Sr. D. João VI morreu, mas escusam os críticos modernos de se dar ares, porque não foram êles que o mataram. O naturalismo findou simplesmente porque os homens de génio por quem êle foi cultivado o subiram à mais alta perfeição que pode atingir a forma. Mas quem primeiro nos anunciou que o naturalismo morrera para a arte foi o mesmo autor do *Primo Basílio*, indo buscar ao *Flos Sanctorum* e aos Bolandistas, ao simbolismo das lendas cristãs, ao maravilhoso dos agiológios, ao iluminismo dos Fra-Angélicos e dos Memlings a inspiração do seu novo livro sôbre a vida de S. Cristóvão.

Superiormente instruído, versado em tôdas as coisas do espírito, equilibrado por uma alta cultura, de que ainda ninguém deu fé porque êle se empenha em ocultá-la sob uma superficialidade de *clubman*, por um fino requinte de mundanismo e de bom tom, Eça de Queiroz reúne tôdas as capacidades da inteligência ao incomparável poder de expressão literária e de análise psicológica, que fez dêle no mundo um dos primeiros romancistas do século.

Mas o encanto da obra de arte não é senão uma parte relativamente mínima ao encanto total, que é o apanágio do perfeito artista. Por isso, em Eça de Queiroz, eu prezo, ainda mais do que o eminente homem de letras, o homem de coração terno e de imaculado carácter que nele se conjunta, o alegre compadre, o jovial companheiro, o elegante conviva, o primoroso camarada, o leal amigo.

A V. Ex.^a, minha senhora, agradeço ter-me proporcionado mais um ensejo de exprimir publicamente a minha opinião a respeito de um literato, cujo talento é uma das mais puras glórias da sua pátria, e cuja fraterna e inalterável amizade da vida inteira tem sido para mim uma consolação, uma fôrça, um orgulho, e o prémio – único mas incomparável – que me deram as letras.”

Lisboa, 29 de Março de 1892.

Ramalho Ortigão

Anexo II

A Carta do escritor Fialho D'Almeida para a escritora Guiomar Torrezão, conforme segue:

“Em Portugal, tanto os homens que escrevem são profusos, quanto raras as mulheres que vivem d'escrever.

No numero d'estas, inda mais raras as escriptoras dignas de conceito, e quasi metade são apenas parolosas pedagogas, ou inoffensivas delambidas. A mulher entre nós está ainda muito na condição de serva do marido, e convem á constituição da família que ella seja de nível mental inferior, para aceitar sem reluctancia os mistéres obscuramente sagrados da casa, desde a caçarola ao leito conjugal.

As que se livram da servidão chamando a si mistéres de gente forte, e são medicas, administradoras de lojas, jornalistas e escrevedoras de peças e romances, ou se divorciaram, por motivos violentos, d'aquella inoffensividade chilra da família, ou mais virilmente talhadas do que outras, levam a vida a arrostar com as reprimendas do mundo que, vendo-as mulheres d'acção, lhes pergunta porque não saíram ellas antes homens.

Guiomar Torrezão, que acaba de morrer cardiaca do pavoroso esforço de reagir contra a mesquinharia do espirito (ou antes da falta d'espirito) do tempo, era uma creatura fadada para menos obscuros destinos do que esse que a amesendou em Lisboa, a arreglar almanacks, e a escrever chronicas elegantes. Grandemente talhada, forte, e d'um character autonomo d'onde sahem as iniciativas fecundas que individualisam na vida as naturezas de commando, esta mulher só teve, para ser verdadeiramente alguém, um obstaculo – o meio onde appareceu e se fez gente.

Em Londres, ou Paris, teria sido illustre; em Lisboa quasi que a quiseram tornar cómica.

O atraso deploravel em que espatina a multidão na terra lusa, e que a força em todos os ramos activos da vida, a render á rotina um preito inconsciente e semi-barbaro, todos os dias se complica, mercê d'uns dirigentes estúpidos ou corrompidos (sem ir mais longe, os jornalistas) das mais velhacas e cynicas obsessões.

Inda ha pouco foi preciso arranjar uma postura de protecção ás mulheres, nas ruas publicas, por ser frequente em Lisboa os homens dizerem chufas ás senhoras que sahem sósinhas. Ora isto que succede nas ruas, dá-se em qualquer sitio onde a mulher não appareça flanqueada de alguém munido de chicote.

Guiomar Torrezão não tinha pae nem irmãos que exigissem contas aos desrespeitadores eméritos das mulheres sósinhas; e não tendo constituido familia, nem tendo fortuna propria, achou-se na condição de ter que ganhar ella mesma o seu prato e os seus vestidos, escrevendo para jornaes todos os dias – isto é, cozendo á penna, em vez de cozer á machina, e não tirando d'este esgotante martyrio sequer

talvez o que as pobres costureiras auferem nos armazens onde trabalham. Todos sabem o que seja entre nós a chamada collaboração paga dos editores e dos jornaes.

Quem escreve estas linhas tem sido roubado pelos editores em contos de réis, mercê da boa fé com que tem deixado correr os seus contractos, e dos ouvidos dados aos cálculos falsos e lamurias d'aquelles industriaes industriosos.

Alguns ha, sem duvida, homens de bem; o resto vive da tradicional inercia do homem de letras portuguez, que é por via de regra, na escala dos seres agitantes, um mamifero inferior e tartamudo, e da inveterada convicção de que, pondo-nos em lettra redonda, e vendendo-nos, já fazem coisa excedente ao que mereciamos.

Em Portugal a collaboração litteraria dos jornaes é toda, ou quasi toda, gratuita, fazendo-se por promessas d'empregos ou protecção politica, por bilhetes de theatro, ou se os collaboradores são ainda novos, pela simples gloriola infantil da publicidade. Isto explica o subalternismo moral e mental com que se escreve grande numero de jornaes, mórmente os das terras pequenas, onde o azedume dos interesses politicos chega a colher redactores para essas gazetas, no que de mais baixo tem a raça humana. O homem de letras, occupado d'assumptos especulativos, de transcendências de de esthetica, de isnpirações risonhas de phantasia ou de ironia, pouco curso tem pois na imprensa quotidiana, onde as chronicas pagas raream como o ouro, e onde os candidatos á libra do folhetim borbulham como as formigas de roda d'uma ameixa mal passada. N'esta porfia levam palma sempre os homens, porque é uma lucta de braço e intrigalhada, onde as pobres mulheres, pelo recato natural do sexo, e fragilidade dos ossos e dos musculos, só accidentalmente teem promoção. Uma ou outra, que o poderio das amisades influentes conduz ás remunerações melhores do trabalho litterario feminino, lá se consegue manter e encarrapitar no mister, com tal ou qual regorgitamento nutritivo; quanto ao resto porém, morre de fome, se não recorrer afoito a expedientes – traduzir, fazer almanacks, entrar no theatro, lançar jornaes de modas, servirem de mestras e damas de companhia – ou emfim, derivar em peores tribulações, como algumas que se fizeram itairas, e aos trambulhões do vicio, foram ter ás mezas do hospital.

D'aqui se adivinha, muito mais do que se collige, como os cardos bordariam d'espinhosidades os barrancos da ingrata vida por onde Guiomar Torrezão se aventurou; e nos cavacos da redacção e de café, folheando jornaes do dia, e recolhendo, á hora das intimidades, os lodos d'essas almas de litteratos, pintores, actores, onde o crime nato entra por meio na contextura moral da *vocação*, bastas vezes eu adivinhei, ou ouvi, a perversidade e a infâmia dando-se braço para invalidarem, junto dos editores e das empresas theatraes e jornalisticas, algum livro, artigo ou peça que a valente mulher trazia a lume, buscando haver na vida intellectiva o lugar que tanto malandrim das letras lhe tolhia.

Houve até um momento em que Guiomar Torrezão foi a cabeça de turco do jornalismo irresponsavel – em noticias de bastidores, artigos de satyra, sueltos de rua, gazetilhas, o nome da pobre e illustre mulher, corria, entre motejos obscenos e miseráveis doestos, babujado pela cobardia dos sarrafaes, e exposto grotescamente ás vaias imbecis da multidão. O motivo d'esta guerra ignóbil de muitos homens, contra uma mulher desprevenida? – Inconfessavel. E por ignominia d'um povo ainda grosseiro, e desmoralisado pela falta d'exemplos

dignos, temos de dizer que são casos estes vulgares na trocatintice da vida artistica e litteraria.

Uma critica dramatica esquecendo um nome d'actor, ou corrigindo outro que não fôra a primor no desempenho do papel – uma traducção de peça a metter na serie das apressadas para ensaio, em detrimento d'alguma que outro traductor mirava collocar – uma phrase ou trecho de folhetim, conto, ou romance, ferindo pelo recorte do espirito, audacia ou personalidade da escriptora – tudo servia de pretexto para graçolas cynicas, allusões desbragadas á vida particular, calumnias affrontosas do brio e do pudor – d'estas coisas que mordem a reputação como um acido, e tantas horas d'amargura distillaram na altiva alma solitaria da pobre Guiomar!

Ah! Tivesse ella um marido ou um pae capazes d'esbofetear na praça, a récu dos escribas; podesse, sem quebra do melindre inherente á condição de mulher, moer á cacetada as lombeiras d'um tunante, desfechar a tempo um pistolázio – e menos cães lhe ladrariam ás saias, e mais justiça lhe teriam feito os que até do seu desesperado labor se permittiam chasquear.

O que Guiomar Torrezão falatava para ter sido uma escriptora de folego, não é coisa que se refira tanto á capacidade do cerebro, como ás deficiencias do trabalho e da educação, que em Portugal preparam mal a mulher para fazer d'ella um espirito superior. Não sendo rica, nem tendo podido nunca amparar-se ao auxilio dos poderosos, que cá na terra fazem tudo, viveu sempre n'um meio modesto de gente que pouco mais d'ella poderia fazer do que um objecto de má lingua. As labutas do artigo dia a dia, tão dispersivas e d'uma tão desmazeladora hygiene para o cerebro, tiveram-n'a amarrada á carteira os melhores annos da existencia, sem lhe deixarem tempo a leituras profundas e a contemplações demoradas; de sorte que não se tendo dado essa sação mental de que tanto precisam os profissionaes das letras, e faz o espirito autónomo (d'onde uma maneira de sentir e vêr, original, e consequentemente o estylo pessoal, inconfundivel), Guiomar Torrezão ficou sempre na dependencia das leituras da vespera, na contingencia das modas, isto é, subalternizada ás fluctuações de gosto de gente grosseira, principal clientella dos jornalinhos, dos almanacks e pequenos livros de narrativa e impressão, que ella, para viver, incessantemente produzia.

Lastimemos esta fatalidade de nascimento e de meio, que não tolheu só este nobre espirito, mas tem inutilizado, e inutilizará, centenas d'outros egualmente nascidos para voar nas nuvens, e que as miserias grotescas da vida, o analphabetismo da turba, o banditismo dos governos, a relaxação geral, pozeram para o canto, na desdenhosa atonia negadora que é o começo de toda a abdicação do homem para a vida social.

Ainda assim, dos varios livros, artigos e dispersos que constituem a obra escripta de Guiomar Torrezão, se pouco ou nada se pode dizer d'envergadura resistente, comtudo, no inventario da actual geração não poderá deixar de ser mencionado o seu nome como o d'uma das mais laboriosas cultoras da prosa ligeira, e das mais bem dotadas organizações litterarias femeninas do paiz.

O estylo é facil, sonoro, de instrumentação nem sempre castiça, mas procurando impressionar pela estravagancia ou intensidade da pintura; uma ou outra vez, a ironia traz um cunho de maldade borboleteadora, ou arrancos de colera viril onde

se sente um pulso musculoso, combatividades de pamphletaria, e uma audacia capaz de batalhar.

Nos pequenos romances e comédias, os poucos que deixou, a observação do real pouco lhe peza, e a acção dramática, ligada por fios d'intriga muito ténues, visa d'ordinario algum desfecho amoroso onde irremediavelmente se juntam ou separam os pares sentimentaes, protagonistas do episodio.

As suas aptidões de trabalho eram espantosas; chronicas de jornal, revistas de modas, comédias e operetas traduzidas, romances, contos, almanacks, folhetins, phantasias, tudo a sua penna intrepida abordava, correndo celere sobre a corticula do assumpto com uma tatuagem multicôr, que era o seu estylo de mulher.

Cedo morreu, e ao seu enterro, que foi n'um domingo, 23 d'Outubro – já o outono amarellecia as arvores – ao seu enterro não concorreram pompas nem vanglorias: amigos e amigas sinceras, corôas de flôres, lagrimas de pena; e lá ficou onde ninguem mais lhe lançará pedras ou injurias, na paz de Deus, que sendo bom, deixa comtudo a canalhice humana sem castigo.”⁵⁹

Fialho d'Almeida.

⁵⁹ Fialho d'Almeida. Guiomar Torrezão. In: *Almanach das Senhoras* para 1900. Lisboa, Parceria António Maria Pereira, p. 03 à 10, 1899.

Anexo III

Assim como sua irmã, única e singular amiga, Felismina Torrezão também foi homenageada no periódico, conforme segue:

“Le monde est fait ainsi: loi suprême et funeste!
Comme l’ombre d’un songe au bout de peu d’instant
Ce qui charme s’en va, ce qui fait peine reste:
La rose vit une heure et le cypress cent ans.”

Theophilo Gautier – Poésies.

“Tarja hoje de lucto o Almanach das Senhoras.
Sangram ainda os nossos corações.
Exacérba-se mais uma vês a nossa cruciante dôr.
Reavivam-se as nossas saudades!...”

“Há neste livro, este anno, um capitulo bem triste, uma página de lucto. É esta, que consagrâmos á memoria honrada da saudosissima da sua digna proprietaria.

Por cinco horas da tarde de 4 de Novembro de 1912, na sua casa na Rua Quatro da Infantaria, 30, 1º andar, direito, exalou o seu derradeiro suspiro a senhora D. Maria Felismina Torrezão Venancio.

O seu funeral – manifestação simples mas eloquente da piedade e carinho dos seus numerosos amigo e admiradores das suas primorosas qualidades e raras virtudes – teve logar ás onze e meia horas da manhã de seis do mesmo mês, ficando a urna, com os seus restos mortaes, depositada no jazigo da familia no cemitério dos Prazeres.

Findo o funebre e solenissimo acto, tão singelo quanto expressivo e profundamente comovedor, dignou-se a ilustre e gentil Senhora, que é a actual digníssima *Directora literaria* deste Almanach, honrar-nos, convidando-nos para redigirmos e firmármos o artigo que devia acompanhar a fotogravura e abrir o Almanach para 1914.

Não podiamos, nem deviamos, declinar tão honroso convite, por vir de quem vinha, tão gentil e enaltecedor, e por ser preito rendido a quem eu o devia, e não podia, em caso algum, e sob nenhuma razão ou pretexto, recusar.

Eis a razão porque aparecem agora aqui unidos, nesta piedosa e saudosissima comemoração – como, durante a sua vida, unidos estiveram os seus espiritos por recipeoca e altissima estima, e os seus corações por lealissima e constante amisade – o nome, que encima e prelustra o artigo, e o nome que o encerra e firma.”

“... Foi irmã e singular amiga, da ilustre escriptora Guiomar Torrezão, nunca perdendo ensejo de – no meio do olvido e ingratidões do mundo – reavivar, enaltecer e glorificar a sua memoria...”

“Quando D. Felismina Torrezão nenhuma das outras qualidades tivesse – e tinha tantas!... para se impôr á nossa admiração e altíssimo apreço, bastavam-lhe essas, do seu intenso e firme amor fraterno, do seu infinito carinho de verdadeira e lealissima amiga, da sua nobre e perdurável gratidão, e desse desejo, cada vez mais imperioso e ardente, de reavivar e honrar-lhe a memoria.

Tres grandes affectos a domináram, iluminando-lhe e depurando-lhe a existencia, tão simples e, por vezes, tão atribulada: o amôr da *Mãe*, a santa vélinha, que a precedeu no tumulo; da *Irmã*, a doce amiga, que lhe foi cyrenéu na vida, e de quem herdou o glorioso producto, honrado e puro, do seu indefêso trabalho; do *Marido*, o terno e constante amigo, que lhe foi o maior amparo e consolação nas excruciantes luctas da existência, e ainda, por ultimo, o carinhoso, paciente e desveladissimo enfermeiro na prolongada e crudelissima enfermidade que a victimou.

E bem lhe merecia ela tal dedicação; pois foi sempre esposa estremosissima e honesta...

Ninguem exprimiu ainda, com mais profundeza e brilho, toda a essencia do coração da mulher fiel e honesta...”

“Outro aspecto do seu mérito:

Professora livre, de começo; foi depois, professora official, exercendo sempre, com dignidade, probidade e lustre a sua nobre profissão.

Exerceu-a como um sacerdocio.

Instruida e educada, soube instruir e educar com alta proficiencia...”

“Outra face nobre do seu character:

Muito caridosa, sem ostentação nem alarde – *opera, non verba*.

Foi sempre muito esmolér, particularmente para as crianças e os velhos, verdadeiramente necessitados. Ha dela tocantes e comovedôres actos de benemerência, ocultando o seu nome, deixando-se ficar na sombra.

Prolongando a nobilissima missão caridosa, seu digno marido, e nosso velho e presadissimo amigo, Sr. Eusébio Alberto da Silva Venancio, actual proprietário deste *Almanach* – a quem a illustre e extincta, por seu testamento de 17 de Julho de 1908, instituiu seu unico e universal herdeiro e testamentario – mantém, religiosamente, todas as suas obras de caridade...”

Eis, em synthese, o que foi e o que valia essa distincta Senhora, cuja formosura física era realçada pela elevação do seu espirito, pela bondade do seu coração, pela nobreza do seu character e pelos primores da sua fina educação.

Era um belo exemplar antropológico; mas era, por igual, um alto exemplo do que pôde ser e valer a mulher quando solidariamente instruida e fortemente educada: instruida sem pedantismo, educada sem arrebiques, piedosa sem

superstições, religiosa sem fanatismo, docil mas não escrava, humilde mas não servil, nobremente altiva, e não ridiculamente soberba, completando o marido, e completando-se por elle; nem superior nem subalterna: digna e nobremente *igual!*

Em mais de um escripto temos sustentado que a mulher não *é inferior* nem *superior* ao homem: *é diferente*.

Anatomica e fisiologicamente diferente, em muitos pontos, como nas suas aptidões, tendencias e faculdades psicicas – affectivas, intellectuaes e volitivas.

É providencial essa diferença. A união dos dois sexos compléta e intégra o *ser humano*, outorgando-lhe a maior grandeza. Entreviram esta profundíssima verdade, mas exprimiram-a muito incompletamente...”

Mas quantas não têm maior genio, que não só amor; maior intellectualidade, que não só coração; maior razão, que não só instinto?!...

E, a sobredourar tudo isso, essa divina qualidade, só peculiar a Elas, o *pudor*, que “*é a coragem das mulheres*”, na bela e expressiva máxima oriental; o pudor, que, no judicioso conceito de Madame de Genlis: – *É a graça mais sensível que póde embelezar uma mulher; é o penhor infalível da innocencia e da virtude.*”⁶⁰

Lisboa, 30 d’abril de 1913.

ARMELIM JUNIOR

⁶⁰ Maria O’Neill. In: *Almanach das Senhoras* para 1914. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1913, p. 07 à 15.

Anexo IV

Poesia Beatriz

Visão que surges n' estas horas mágicas
como eu te imploro a suspirar por ti!
como eu te vejo esvoaçar no espaço...
como aos teus olhos meu olhar prendi!

Ai! se lograsse de minh' alma as trevas
nos raios teus illuminar, estrella!...
Passae, ó nuvens que toldaes o astro,
deixae-me, nuvens, adoral-a e vel-a!

Oh! Quem podéraesta existência dar-lhe
primícias pobres de opulento amor,
e no meu extasis estreital-a ao peito,
trocando em jubilo esta immensa dor!

Ao longe, embora, tu sorris altiva!...
E eu vivo e fico a suspirar em vão!
Estrella esplende no teu céo sereno,
Mas dá-me um raio d'esse teu clarão!

Em: A Mensageira, Ano 2, Número 25, Fevereiro, 1899

ALMANACH
DAS
Senhoras



IV
• PARCERIA • A. M. PEREIRA •
• LIVRARIA • EDITORA • LISBOA •

1920

